



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

WALBER DOS SANTOS BRASIL



**LEITURAS SOCIOEDUCACIONAIS DO ROMANCE O
CORONEL SANGRADO, DE INGLÊS DE SOUSA**

**BELÉM-PARÁ
2023**

Walber dos Santos Brasil

Leituras Socioeducacionais do romance O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

BELÉM – PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA

Brasil, Walber dos Santos

Leituras socioeducacionais do romance O coronel Sangrado, de Inglês de Sousa/Walber dos Santos Brasil; orientação de José Anchieta de Oliveira Bentes; Coorientação de Maria do Perpétuo Socorro C. da Silva.-Belém, 2023.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém, 2023.

1.Souza, H. Inglês de (Herculano Inglês), 1853-1918 – Crítica e interpretação.2.Literatura-Estudo e ensino.3.Leituras socioeducacionais..I. Bentes, José Anchieta de Oliveira (orient). II. Silva, Maria do Perpétuo S. C. da (coorient.). III. Título.

CDD 23ed. 869.93

Regina Coeli A. Ribeiro - CRB-2/739

Walber dos Santos Brasil

Leituras Socioeducacionais do romance O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

_____ - Orientador

Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Programa de Pós-graduação em Educação PPGED-UEPA

_____ - Co-orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP)

Programa de Pós-graduação em Educação PPGED-UEPA

_____ - Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Programa de Pós-graduação em Educação PPGED-UEPA

_____ - Membro Externo

Prof. Dr. Marco Antônio da Costa Camelo

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (PPGELL) - UEPA.

Aos meus pais, meu irmão e meus
cachorros Mike e Tobi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à CAPES, pela bolsa de estudos, sem a qual este trabalho não seria possível.

Ao PPGED, por oferecer todos os recursos necessários aos seus discentes.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes, e a minha co-orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, por me acolherem em minha fase de turbulência acadêmica.

Aos meus amigos e amigas, que são poucos, porém verdadeiros: Aline Silveira, Murilo Santos, Thamy Saraiva, Paulo Maués Corrêa, Marcos Zanotti, Socorro Guimarães e Joelciléa Aires.

À coordenação do curso de Pedagogia da UEPA por me conceder o estágio-docência, especialmente ao Prof. Dr. Carlos Augusto Souto e aos discentes da disciplina “História da Educação no Brasil”.

Aos meus pais, Lucival e Silvania, os primeiros a confiarem nos meus projetos.

Ao meu irmão Wagner, pela sua perícia no uso da tecnologia.

Ao meu avô Lourival Brasil, pela sua vida de grandes histórias e batalhas.

Às minhas avós Amélia Cardoso e Maria Leonor da Costa, que hoje navegam eternamente pelos mares da saudade.

E, por fim, a todos os professores e professoras que passaram pela minha vida e ajudaram a construir o caminho que escolhi seguir.

Alguns querem um texto (uma arte, uma pintura), sem sombra, cortada de “ideologia dominante”; mas é querer um texto sem fecundidade, sem produtividade, um texto estéril [...]. O texto tem a necessidade de sua sombra: essa sombra é um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito: fantasmas, bolsos, rastos, nuvens necessárias; a subversão deve produzir o seu próprio *claro-escuro*.

(Roland Barthes. *O Prazer do Texto*, 2015, p. 40-41)

RESUMO

BRASIL, Walber dos Santos: **Leituras Socioeducacionais do romance *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Pará, Belém do Pará, 2023.

Este trabalho tem o objetivo de analisar dois processos ideológicos presentes no romance *O Coronel Sangrado*, de autoria do escritor brasileiro Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918): os da Civilização e o do Patriarcado. Para tanto, desenvolve-se uma leitura socioeducacional de dois trechos desta obra literária, nos quais estão inseridos essas duas ideologias para responder à seguinte questão-problema: quais discursos ideológicos em torno do patriarcado e da civilização estão presentes no romance *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa? A razão pela qual se propõe esse tipo de pesquisa parte do princípio de que o ensino de literatura não deve se restringir a um saber unicamente escolar, pois, além de sua função educativa, há também o compromisso social do educador em contribuir para a formação de leitores críticos, daí a necessidade de compreender que toda prática educativa, em sua maioria, é ideológica e precisa ter seu conteúdo problematizado em sala de aula. Essa pesquisa é do tipo documental e tem por procedimento teórico-metodológico as leituras socioeducacionais do romance *O Coronel Sangrado* (1887), à luz da perspectiva libertadora e problematizadora que Paulo Freire (2020) propõe em sua teoria da ação dialógica. Os resultados obtidos neste estudo apontam para a possibilidade de complementar e enriquecer as metodologias habituais de ensino de Literatura, substituindo a mera exposição de conteúdos pré-definidos por uma metodologia de leitura conjunta e crítica, opondo-se, assim, ao que Freire denomina de Educação Bancária. Em síntese, a finalidade principal da leitura socioeducacional é a de despertar a consciência crítica mediada pela problematização, conduzindo-o ao que se conhece por Letramento Literário e, indelevelmente, à valorização da Literatura de Expressão Amazônica, na qual Inglês de Sousa se destaca entre os seus principais representantes.

Palavras-chave: Educação Libertadora; Leituras Socioeducacionais; Ideologia; *O Coronel Sangrado*.

ABSTRACT

BRASIL, Walber dos Santos: **Socio-educational Readings of the novel *O Coronel Sangrado*, by Inglês de Sousa**. Master. State University of Para. Belem, Para, 2023.

This work aims to analyze two ideological processes present in the novel *O Coronel Sangrado*, by the Brazilian writer Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918): Civilization and Patriarchate. To this end, a socio-educational reading of two excerpts from this literary work is developed, in which these two ideologies are inserted to answer the following problem-question: which ideological discourses around patriarchate and civilization are present in the novel *O Coronel Sangrado*? The reason why this type of research is proposed is based on the principle that the teaching of literature should not be restricted to solely school knowledge, since, in addition to its educational function, there is also the social commitment of the educator to contribute to the formation of critical readers, hence the need to understand that all educational practice, for the most part, is ideological and needs to have its content problematized in the classroom. This research is of the documentary type and has as a theoretical-methodological procedure the socio-educational readings of the novel *O Coronel Sangrado* (1887), in the light of the liberating and problematizing perspective that Paulo Freire (2020) proposes in his theory of dialogic action. The results obtained in this study point to the possibility of complementing and enriching the usual Literature teaching methodologies, replacing the mere exposition of pre-defined contents by a joint and critical reading methodology, thus opposing what Freire calls Banking Education. In summary, the main purpose of socio-educational reading is to awaken critical awareness mediated by problematization, leading it to what is known as Literary Literacy and, indelibly, to the appreciation of Literature of Amazonian Expression, in which Inglês de Sousa stands out among its main representatives.

Keywords: Liberating Education; Socio-educational readings; Ideology; *O Coronel Sangrado*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Síntese da análise socioeducacional.....	26
Quadro 2 Lista de Teses de doutorado.....	29
Quadro 3 Lista de Dissertações de mestrado.....	32
Quadro 4 Lista de Artigos científicos.....	37
Quadro 5 Ideologia do Patriarcado.....	89
Quadro 6 Ideologia da Civilização.....	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Retrato de Inglês de Sousa, como aparece na contracapa do romance O Coronel Sangrado.....	43
Figura 2	Busto de Inglês de Sousa, em homenagem ao centenário de sua morte (2018).....	46
Figura 3	Fác-símile do romance O Cacaulista, edições de 1973 e 2004.....	50
Figura 4	Fác-símile do romance História de um Pescador, edições de 1990 e 2007	52
Figura 5	Fác-símile do romance O Coronel Sangrado, edições de 1968 e 2003.....	54
Figura 6	Capa do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, versão em quadrinhos (2019).....	74

LISTA DE SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PMO- Prefeitura Municipal de Óbidos.

PROUNI - Programa Universidade para todos

SOCID - Grupo de pesquisa Sociedade, Ciência e Ideologia

UEPA- Universidade do Estado do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

UNAMA - Universidade da Amazônia

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	21
2. 1 A LITERATURA COMO DOCUMENTO: A LEITURA SOCIOEDUCACIONAL.....	21
2. 2 OS PROCEDIMENTOS PARA UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO TEXTO LITERÁRIO	24
2.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	27
2.3.1 Lista de teses de doutorado	28
2.3.2 Lista de dissertações de mestrado	31
2.3.3 Lista de artigos científicos	37
3 INGLÊS DE SOUSA: VIDA E OBRA	42
3.1 UMA BREVE BIOGRAFIA.....	42
3.2 RESUMO DE SUAS OBRAS.....	46
4 IDEOLOGIA, EDUCAÇÃO E LITERATURA	56
4.1 IDEOLOGIA: UMA PLURALIDADE DE CONCEITOS	56
4.2 O ENSINO DE LITERATURA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA.....	62
4.2.1 A perspectiva bancária do ensino de literatura	62
4.2.2 A perspectiva libertadora do ensino de literatura	71
5 O CORONEL SANGRADO: LEITURAS SOCIOEDUCACIONAIS	80
5.1 A IDEOLOGIA DO PATRIARCADO	87
5.2 A IDEOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	107

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A elaboração deste trabalho teve sua origem nas diversas reflexões a respeito da distância entre a pesquisa em educação e o ensino de Literatura Brasileira. Neste último, faço referência, especificamente, ao conjunto de obras cujo pano de fundo é o universo amazônico e suas relações históricas, políticas e sociais, para o qual podemos também denominar de “Literatura de Expressão Amazônica”. Para compreender a origem desse afastamento, foi-me necessário organizar um memorial no qual fossem delimitadas todas as motivações, teorizações, algumas metodologias e relatos de experiências envolvidas em minha densa, porém recente, trajetória acadêmica enquanto pesquisador da Educação.

Em 2015, como acadêmico do curso de Letras na Universidade da Amazônia (UNAMA), na condição de bolsista financiado pelo Programa Universidade para todos (PROUNI), tive a percepção de que o interesse pela carreira docente não teve suas razões em fontes abstratas baseadas na hereditariedade vocacional, como se fosse algo de família, pois meus pais também são professores – meu pai é professor de matemática e minha mãe é pedagoga –, tampouco na possibilidade de enriquecer ao exercer tal função, pois, na verdade, não se nasce com a vocação, ela se constrói com o tempo, de acordo com a identificação pessoal que se tem com determinada área e sobre o qual se deposita as suas expectativas e inspirações.

Ao longo da graduação, tive acesso a uma gama de possibilidades de pesquisa científica, dentre as quais a que atraiu especialmente a minha atenção foi o campo dos estudos literários. O estudo da Teoria Literária, o conhecimento dos clássicos da história literária no Brasil e a crítica especializada em textos literários me fizeram refletir sobre a indispensabilidade de valorizar o ensino de literatura no ambiente escolar sob uma perspectiva transformadora, para a qual mais adiante mencionarei Paulo Freire como principal teórico. Entretanto, desenvolve-se na ideia de “clássico” uma imagem hegemônica, daquilo que se construiu no passado e deixou um legado indissolúvel e perpétuo para os apreciadores artísticos das próximas gerações e sobre o qual se estrutura também a noção de “cânone”.

Um cânone geralmente é um conceito estudado nas Ciências da Religião, principalmente na Teologia Cristã, e diz respeito ao conjunto das obras oficiais que compõem os textos sagrados. Apesar de sua natureza dogmática, quando se refere ao campo da Literatura, o cânone adquire significados semelhantes, porém de outro

ponto de vista: a **Literatura canônica** corresponde ao conjunto seletivo e historicamente construído pelos principais escritores de épocas passadas, cuja influência atinge tal magnitude que até nos dias atuais a sua presença nos conteúdos escolares são uma obrigatoriedade. Pode-se inserir nessa lista dos escritores “cânones”, a título de exemplos principais, Machado de Assis (1839-1908), José de Alencar (1829-1877), Álvares de Azevedo (1831-1852), entre outros, e todos correspondem a um período histórico, de acordo com seu estilo artístico. Ciente disso, várias vezes fiz este questionamento: sei que o cânone é fundamental para o ensino de Literatura, mas há espaço nessa mesma Literatura para os autores amazônicos? Neste ponto, começo uma problematização a respeito da noção de cânone e isto me ajudou a encontrar o objeto de estudo dessa dissertação.

Em 2018, por meio dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa “Academia do Peixe-Frito”, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Nunes, da UNAMA, pude ter acesso às obras de autores amazônicos, e sobre os quais, confesso, desconhecia a grande maioria. Grandes nomes da literatura de expressão amazônica como Dalcídio Jurandir (1909-1979), Eneida de Moraes (1904-1971), Bruno de Menezes (1893-1963), Abguar Bastos (1902-1995) e José Sampaio de Campos Ribeiro (1901-1980), entre outros, que compõem um número reduzido de escritores categorizados como “regionais”, por não terem espaço nos círculos acadêmicos, tanto nas escolas como nas universidades. Deste modo, entende-se que o objetivo principal deste grupo é trazer ao conhecimento da sociedade de que a região amazônica também possui representatividade no campo da Letras e que não pode ser vitimada pela invisibilidade ou pelo silenciamento de suas vozes literárias. Como resultado dessa vivência acadêmica, obtive a conclusão de que as obras literárias de autores amazônicos ainda estão limitadas ao ensino superior enquanto objetos de estudo, sobre os quais há uma diversidade ampla de trabalhos científicos, geralmente voltados para o campo dos Estudos Literários. De minha parte, aproximo a Literatura de Expressão Amazônica à pesquisa em Educação, visando superar o tradicionalismo excludente do cânone e promover uma leitura socioeducacional do texto literário.

Refiro o nome de “Leitura socioeducacional” à ampliação do significado básico de leitura, por meio do reconhecimento de que o ato de ler, além de ser de possuir seu lado educativo, também tem uma função social, e esta função está

relacionada à intenção de construir, em coletividade, novas inserções curriculares no ambiente escolar, cujo resultado esperado é a formação de uma sociedade leitora, que valorize as diversidades e as heterogeneidades culturais. Em síntese, nessa dissertação entendo a leitura como uma atividade com duas faces que se complementam, se de um lado o ato de ler é educativo, por outro ele precisa apresentar resultados positivos que colaborem socialmente para a formação crítica do leitor. Em outras palavras, a leitura é, e sempre deveria ser, socieducacional, pois ela vai além dos muros das instituições de ensino e alcançam o indivíduos no cerne de sua vivência enquanto ser social, e isto inclui a interpretação de sua própria realidade por um viés crítico, de constante problematização, tal como defendia Paulo Freire (2020a), em sua crítica à Educação Bancária.

Tendo como base essa reflexão sobre o ato de ler e a apreciação da Literatura Brasileira de expressão amazônica, no ano de 2020 fui aprovado no mestrado do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), sendo contemplado pela bolsa de estudos oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), apresentando à minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Denise Simões Rodrigues, um projeto de pesquisa intitulado “A Memória Política de Óbidos retratada no romance *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa”. Neste trabalho, o objetivo era traçar um panorama histórico da cidade de Óbidos, especificamente a do século XIX, e analisá-lo como documento histórico, apesar de ficcional, a fim de estudar as condições de existência do caboclo amazônico e relacioná-las à função educativa de narrativa literária de abordar temáticas sociais sob um viés político e que ainda muito presentes em nossa contemporaneidade, tais como a discriminação contra as classes subalternas e a corrupção parlamentar.

Daí em diante, tive a oportunidade de fazer parte do grupo de pesquisa SOCID (Sociedade, Ciência e Ideologia), coordenado pela Dr.^a Denise Rodrigues, e ser inserido na linha de estudo “sociedade, educação e multiculturalismo”. O objetivo deste grupo é produzir estudos sobre os escritores amazônicos e suas contribuições para a perpetuação da memória sociocultural e política na Amazônia antiga e contemporânea, sendo assim uma excelente oportunidade para desenvolver e publicar trabalhos visando explorar a Literatura de Expressão Amazônica por um viés socioeducacional. No entanto, neste mesmo ano de 2020, a pandemia do covid-

19 trouxe consequências fatais para a pesquisa científica: interrompeu os planejamentos acadêmicos, paralisou pesquisas de campo, diminuiu o acesso físico à universidade e, como golpe final, trouxe prejuízos psicológicos difíceis de lidar, principalmente devido à perda de parentes para o coronavírus. Afirmando isso em nome da coletividade, pois, assim como eu, muitos colegas passaram pelos mesmos problemas e, apesar de tudo, seguiram em frente e deram andamento às suas respectivas pesquisas.

Quanto ao andamento dessa dissertação, admito que neste período de calamidade sanitária, perdi a produtividade e não pude dar seguimento no que estava trabalhando. Junto a isso, por razões pessoais e acadêmicas, tive que trocar de orientador, passando a ser orientado pelo Prof. Dr. José Anchieta Bentes, conforme foi decidido em reunião do colegiado, em março de 2022. Assim, novas sugestões foram feitas, novas leituras foram realizadas, prazos tiveram de ser prorrogados e o projeto de pesquisa acabou sendo reformulado de forma radical. Em um espaço de seis meses, o trabalho que antes era voltado para os imaginários e memória política na Amazônia, passou a ter uma feição mais restrita à pesquisa documental da obra literária em relação ao ensino de Literatura. Chego, desta forma, ao estado no qual essa dissertação se encontra, agora intitulada “Leituras Socioeducacionais do romance O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa”.

Mantive o escritor paraense Herculano Marcos de Inglês de Sousa (1853-1918) devido à sua carreira artística e política. Como escritor, é conhecido pela sequência de obras a que ele denomina de Cenas da Vida no Amazonas, uma tríade composta por três romances: O Cacaulista (1876), História de um pescador (1876) e O Coronel Sangrado (1877). Vale lembrar do clássico O Missionário (1891) e Contos Amazônicos (1893), ambos considerados as obras mais importantes do autor, por serem aclamados pela crítica literária vigente na época. Fora o valor artístico de seus textos, todos eles tinham um detalhe em comum: todos representam a temática amazônica, com sua riquíssima fauna e flora, furos e rios, caboclos e tapuios. Além disso, Inglês de Sousa é um dos poucos ficcionistas de inspiração amazônica que é cânone, não apenas pelo o que produziu, mas pelo o que foi como homem público.

Como político alinhado à doutrina liberal, Inglês de Sousa trabalhou em prol da democratização do ensino primário, sendo um dos poucos parlamentares que se preocupava com as reformas necessárias à Educação no Brasil. Segundo Hilsdorf

(2003, p. 62-63) Inglês de Sousa, “juntamente com Rui Barbosa e Leôncio de Carvalho, foram influentes republicanos liberais defensores de uma pedagogia liberal e positivista”. Contudo, apesar da minha discreta aversão ao positivismo, Inglês de Sousa era uma opção de resistência à pedagogia conservadora empregada pela Escola Normal, que era de cunho extremamente patriarcal e mecanicista. Desta forma, meu interesse por esse escritor se dá em virtude da colaboração entre seus dois ofícios, pois de um lado há um escritor-político e de outro há um político-escritor, tendo seu posicionamento ideológico resvalando nas linhas de sua obra – O Coronel Sangrado –, não apenas no plano ficcional, mas também como representação de uma visão social de mundo, que leva o leitor a inquietações de natureza epistemológica e a exercitar a sua criticidade.

Para findar este breve memorial, julgo imprescindível destacar a presença maciça, nesta dissertação, dos pressupostos de Paulo Freire (1921-1997), principalmente das extraídas de suas obras **Pedagogia do Oprimido** (2020) e **Pedagogia da Autonomia** (2020). Devo admitir que nem mesmo na graduação tive a oportunidade de conhecer a sua obra; o primeiro contato com esse autor aconteceu no mestrado, disciplina “Epistemologia da Educação”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Ivanilde Oliveira, a qual, inclusive, é uma referência nos estudos freireanos. Naturalmente, embriaguei-me nos pensamentos de Freire, para os quais encontrei uma forma de inseri-los nas reflexões acerca da relação entre o Ensino de literatura e Educação libertadora. Não foi necessária indicação da minha nova orientação que Freire se fizesse presente em minha escrita, bastou apenas conhecê-lo melhor e perceber que se Educação pretende formar uma sociedade leitora, crítica e conscientizada, faz-se necessário construir coletivamente as condições para que esses resultados ocorram, e isto se faz através da Educação problematizadora ou libertadora.

Deste modo, encerro este complexo memorial e formalizo em razões fundamentais que me levaram a manter este trabalho até o fim: uma pessoal, uma acadêmica e uma epistemológica.

A minha **razão pessoal** está diretamente relacionada a todo o esforço empregado para elaborar o projeto que deu vida a esta pesquisa. Vindo de uma família de baixa renda, tive a sorte de ser agraciado com duas bolsas de estudos, uma na graduação – PROUNI – e outra no mestrado – CAPES. Encontrei nessas

bênçãos a motivação para continuar seguindo o caminho da pesquisa científica e, sem sombra de dúvida, terei a permanecer atuando na área da Educação.

A **razão acadêmica** provém dos possíveis acréscimos que esta pesquisa irá fornecer à comunidade científica vigente. Compartilho do pensamento de Umberto Eco (2014, p. 29) de que “a importância científica se mede pelo grau de indispensabilidade que a contribuição estabelece”. Seguindo essa ótica, ao realizar o levantamento bibliográfico necessário para localizar o presente estudo – ao que também podemos denominar de Estado da Arte – identifiquei um detalhe peculiar: a maioria dos trabalhos que têm as obras de Inglês de Sousa por objetos de análise está, previsivelmente, situada na área das Letras e Crítica Literária. De minha parte, como pesquisador da Educação, insiro a Literatura de Inspiração amazônica no cerne das discussões de ensino, daí afirmo o compromisso de levar os escritores amazônidas para dentro da escola, intensificando suas presenças, e incorporá-los aos círculos de leitura.

A minha **razão epistemológica** está pautada nas possibilidades de extrapolar os limites do estritamente ficcional e adentrar na dimensão interdisciplinar da obra de arte literária, aproximando sua matéria a outras áreas do conhecimento. Tal como dizia Hiltom Japiassu (1975, p. 16), a epistemologia, num sentido amplo, é entendida como “o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”. Neste sentido, é válida a reflexão de que a Literatura, como disciplina, é útil para o exercício da interpretação, tal como um saber escolar necessário, mas ela nunca deve perder a sua essência artística. Por isso considero motivacional o fato de a Literatura se mostrar interdisciplinar, capaz de englobar diversas áreas do conhecimento, na pressuposição de que não é a Literatura que precisa da Educação, mas sim a Educação que precisa da Literatura.

Definidos esses pontos, reitero que o recurso tomado por objeto de análise é uma literatura de expressão amazônica, e como toda leitura literária, como foi dito anteriormente, precisa ser socioeducacional. Logo é preciso identificar no texto os pontos-chave cabíveis de problematização, esses pontos são as ideologias¹, que são elementos localizados nas entrelinhas do texto. Por este motivo, encontro-me

¹Ver seção 4, sobre o conceito de ideologia.

diante da seguinte: quais discursos ideológicos em torno do patriarcado e da civilização estão presentes no romance *O Coronel Sangrado*?

Para responder a essa questão, teve de serem feitas várias leituras do romance *O Coronel Sangrado*, no intuito de identificar as ideologias e assim dar seguimento à leitura socioeducacional. Foram selecionadas duas ideologias e sobre as quais elaborei o seguinte **Objetivo Geral**: analisar dois processos ideológicos presentes no romance *O Coronel Sangrado*, de autoria do escritor brasileiro Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918): a da Civilização e a do Patriarcado.

Tenho por **objetivos específicos**:

- a) Desenvolver uma análise documental da obra literária, com ênfase na identificação e problematização de seu viés ideológico.
- b) Relacionar o ensino de Literatura a duas perspectivas teóricas de Paulo Freire: a Educação Bancária e a Educação Libertadora.
- c) Interpretar trechos do romance *O Coronel Sangrado* através de leituras socioeducacionais.

Para desenvolver esta pesquisa, dividiu-se sua estrutura de acordo com a seguinte sequência:

A primeira seção está limitada às **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**, em que está inserido um breve memorial, com o caminho percorrido pela pesquisa até chegar ao seu estado atual. Também estão presentes as minhas razões pessoais, acadêmicas e epistemológicas, a questão-problema, o objetivo geral e os objetivos específicos.

A segunda seção está relacionada aos **PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**, em que estão sequenciadas todas as fases que deram origem ao corpus da pesquisa. A esse trajeto metodológico segue os seguintes subtópicos: 1) A LITERATURA COMO DOCUMENTO, no qual estará a justificativa de se utilizar obras literárias como fonte documental de dados sobre um determinado contexto, neste caso a Amazônia oitocentista; 2) OS PROCEDIMENTOS PARA UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO TEXTO LITERÁRIO com base nos modelos sugeridos por Solomon (2004) e dos pressupostos teóricos que uma aprendizagem conjunta do texto literário de Durão e Cechinel (2020); 3) e por último temos o LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO, em que estão inclusas as teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos, que juntos constituem o estado do conhecimento no qual essa dissertação se encontra.

A terceira seção diz respeito à **BIOGRAFIA DO AUTOR** do romance utilizado por material de análise, o escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), bem como ao resumo de suas obras, especificamente aquelas que compõem o Ciclo de Cenas da Vida no Amazonas, onde está inserido o romance *O Coronel Sangrado*.

A quarta seção é destinada à exposição acerca da **PLURALIDADE DO CONCEITO DE IDEOLOGIA**. É onde serão abordados alguns de seus significados e delimitadas quais serão as suas respectivas acepções utilizadas para os devidos fins dessa pesquisa: 1) quanto à sua historicidade; 2) a sua indissociabilidade da área da Educação; e 3) a sua influência nas reflexões sobre o ensino de Literatura. Logo em seguida, dedicarei dois tópicos a discorrer sobre os diferentes paradigmas do ensino de literatura e sua relação com os pressupostos de Freire no que tange à Educação Bancária e Educação Libertadora.

Na quinta seção estão as **LEITURAS SOCIOEDUCACIONAIS DO ROMANCE O CORONEL SANGRADO**, em que será feita a análise de dois trechos selecionados com o objetivo de criar uma dinâmica interdisciplinar, em que o pesquisador possa problematizar o discurso literário com base em sua dimensão ideológica. Dois temas serão abordados: 1) a Ideologia da Civilização e 2) a Ideologia do Patriarcado.

E por último temos as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, em que serão apresentados os resultados da pesquisa e breves recapitulações sobre o que foi exposto ao longo dessa dissertação.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 A LITERATURA COMO DOCUMENTO: A LEITURA SOCIOEDUCACIONAL

Esta pesquisa é do tipo documental, em que faço, a partir de uma fonte escrita, o romance de época *O Coronel Sangrado* de Inglês de Sousa, a análise de dois processos ideológicos: o civilizatório e o do patriarcado.

Muito se questiona sobre a autenticidade do gênero ficcional enquanto categoria de uma análise documental, uma vez que a intencionalidade discursiva de um texto literário, do meu ponto de vista, não é reproduzir a realidade fidedigna tal como ela ocorreu, mas sim de um cenário provável do como poderia ter sido. Denise Rodrigues (2018, p. 121) defende que o uso de obras literárias nessa modalidade de pesquisa “constituem material precioso para a análise sócio-histórico-cultural das sociedades, especialmente quando se pretende dar voz a atores sociais marginalizados, e desse modo, tentar romper com o silêncio dos vencidos”.

O romance *O Coronel Sangrado* é o documento utilizado para dar corpo a esse trabalho, pois ele apresenta os dados de que necessito para compreender pelo menos duas ideologias subjacentes a uma realidade de época, a um lugar amazônico, a partir da perspectiva da análise crítica do romance, a qual pode ser acrescentada a propostas didáticas de leitura, voltadas para o ensino interdisciplinar de literatura, juntamente à história, à sociologia e à língua portuguesa, contribuindo assim, para uma pluralidade de saberes e ao exercício da criticidade.

Defendo, por conseguinte, que a produção literária de Inglês de Sousa oferece elementos preciosos para entender algumas ideologias que predominaram na época retratada em suas obras. Originariamente, é um produto da ficção, mas que aproveitarei para compreensão de duas ideologias que são importantes para compreensão do agir dos personagens e de toda uma realidade histórica e cultural: a ideologia da Civilização e a Ideologia do Patriarcado.

A prática da pesquisa documental com o romance implica uma técnica específica, diferentemente de outras fontes primárias como as de arquivos públicos ou pessoais, uma vez que se vai “Identificar as estruturas e as relações de poder que circulam e que motivam o texto no intuito de desnaturalizar as práticas discursivas e textuais de determinada sociedade” (VIEIRA, 2002, p. 153), que no

caso específico aqui é o romance *O Coronel Sangrado*. Do mesmo modo, Peter Gay (2010, p. 24) afirma que o uso de obras literárias são de grande valia para pesquisas documentais de áreas do saber que não envolvam os conteúdos da ficção, porém adverte que para “compreender o que a ficção tem para oferecer ao pesquisador, ele deve aprender o que a fez acontecer”, por isso é imprescindível, se possível, localizar o máximo possível, as condições de vida do povo no Amazonas² e os valores empregados em suas relações sociais, como forma de demarcar o posicionamento ideológico do escritor, transpassados para as linhas de sua obra.

Daí a necessidade de, para os devidos fins da pesquisa documental, ler a obra literária de maneira adequada, e isto se refere à cautela do pesquisador em saber manusear os conteúdos documentais do romance, através da localização da

[...] intersecção estratégica entre a cultura e o indivíduo, o macro e o micro, apresentando ideias e práticas políticas, sociais, religiosas, desenvolvimentos portentosos e conflitos memoráveis, num cenário íntimo. Lido de forma correta, promete tornar-se um documento extraordinariamente instrutivo (GAY, 2010, p. 16)

Por isso que parte do procedimento metodológico de obtenção das informações pressupõe uma leitura crítica do romance, que aqui denominei de leitura socioeducacional do romance. As estruturas textuais devem ser lidas sob uma abordagem crítica, para além da mera decodificação do signo linguístico. Com base nisso, pode-se modelar uma proposta de leitura socioeducacional do romance voltada a interpretação das ideologias presentes no texto. A obra literária, no caso do presente trabalho, torna-se um meio fundamental de extração de temas variados, que podem ser inseridos em uma discussão interdisciplinar aonde, além da fruição da leitura, é possível discorrer sobre as ideologias subjacentes ao texto.

Para isso, deve-se estar atento à variedade de possibilidades de leituras que é possível fazer do romance. O próprio ato de ler pode ser interpretado como uma prática social, voltada para uma coletividade em constante trânsito de aprendizagem. A prática de leitura socioeducacional do romance deve ser criativa, crítica com fins de transformação das situações injustas presentes na sociedade.

²Não confundir com o estado do Amazonas. Farei uso desse termo “Amazonas” com o mesmo sentido que Inglês de Sousa utiliza em suas obras, que se refere à vasta região amazônica, com sua exuberante fauna e flora, independentemente de sua localização exata.

Por exemplo, de um simples trecho extraído de “O Coronel Sangrado” no que se refere, por exemplo, à questão da compra de votos durante a cabala eleitoral, pode-se relacionar este assunto à temática do Sistema Coronelista, entendido como “um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras” (LEAL, 2012, p. 44). Percebo que além de assimilar os conteúdos da ficção, posso explorar outras possibilidades interpretativas, como uma dinâmica na qual podemos inserir conhecimentos externos ao texto, passando a tratar de história e de política. Logo, essa busca pela pluralidade interpretativa pode ser facilmente alcançada por meio de uma perspectiva de leitura socioeducacional do romance em uma análise documental

No que diz respeito à pesquisa em Educação, a proposta de leitura socioeducacional do romance é uma ferramenta útil para a análise do gênero discursivo, e com base nisso elaborar propostas que almejem a interculturalidade, ou seja, “promover a expressão das diversas identidades culturais presentes num determinado contexto, e [...] garantir espaços em que estas se possam manifestar (CANDAU, 2016, p. 19). Outrossim, a proposta de leitura socioeducacional do romance sugerida neste trabalho tem as feições desse mesmo ponto de vista intercultural, em que o leitor é um dos protagonistas no processo educacional, a pluralidade de saberes é um resultado positivo da eficiência de uma Educação Libertadora.

Essa última característica de Educação vai de encontro com os pressupostos de Paulo Freire (2020) a respeito da criticidade e dialogicidade no ato de ensinar, os quais são compatíveis com a nossa proposta de leitura socioeducacional do romance enquanto análise documental. Nos termos de Freire:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem se deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 2020a, p. 32-33).

Uma primeira leitura de um romance pode ser chamada de “ingênua”, pois se trata do primeiro contato com a obra; na segunda, abre-se espaço para a criticidade, pois alguns elementos novos, que passaram despercebidos na última leitura, são encontrados. Para uma leitura socioeducacional do romance exige-se que esses dois polos, ingenuidade e criticidade, dialoguem entre si, produzindo um efeito de criação de curiosidade e de inquietação. Feito isso, a curiosidade assume uma feição crítica, aplicada diretamente no ato de ler, podendo atingir também os pormenores da narrativa, interpretando as ideologias. Entendo “ideologia”, nesse contexto, como significações da realidade, que são “construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Portanto, a ideologia é, por excelência, um conceito-chave da nossa proposta de análise documental do romance.

Quanto à dialogicidade, é fundamental argumentar que, segundo Freire

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2020b, p. 109).

O texto, como se sabe, é todo o conjunto discursivo que tem “valor para uma coletividade, ou seja, que envolvam crenças e valores compartilhados (MÉLO; RODRIGUES, 2020, p. 7). Por essa ótica, não se pode conduzir a leitura de um trecho romanesco em sala de aula se não houver oportunidades do educando se expressar. Parte-se do princípio de que o diálogo conduz o saber mútuo, rompendo com a superficialidade da prática docente de que educar é mera transmissão repetitiva de informações.

2. 2 OS PROCEDIMENTOS PARA UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO TEXTO LITERÁRIO

Os procedimentos utilizados na elaboração da proposta de leitura socioeducacional do romance têm suas raízes nos pressupostos de Durão e Cechinel (2022), Salomon (2004) e Freire (2020). Desta forma, o que seguirá adiante são possibilidades de execução dessa proposta de pesquisa documental .

Vale lembrar que a presente proposta de leitura não pretende “revolucionar”, tampouco substituir radicalmente outros métodos de pesquisa, Entendido isto, vai-se aos primeiros teóricos que inspiraram o nosso procedimento de pesquisa

Cabe lembrar que Durão e Cechinel (2022) inventaram este procedimento para ser aplicado em sala de aula, e aqui vamos adaptar para procedimento de pesquisa. Nos termos desses autores:

O professor faz uma apresentação mínima do material para em seguida construir o sentido junto com os alunos. As vantagens desse procedimento são óbvias: o engajamento de todos na formulação das ideias e a possibilidade de emergirem saberes no momento. Se bem-sucedida, essa estratégia dá aos alunos a sensação de serem agentes do saber, não meros receptáculos (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 32).

Seguindo uma base essencialmente freireana, no que se refere à dialogicidade, no sentido de “encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo (FREIRE, 2020b, p. 109), os autores inserem a literatura no campo da interpretação, cujo diferencial é a aprendizagem mútua. Sabe-se que para interpretar o gênero discursivo, é preciso percorrer a estrutura textual com o objetivo de dar um sentido. Mas esse sentido, carregado de significados particulares na visão de cada leitor, deve estar em constante diálogo e problematização com outras perspectivas em sintonia. O pesquisador atua nesse contexto como um introdutor de uma inquietação, aquele que promove o choque de ideias a partir de um elemento selecionado estrategicamente. No entanto, faz-se uma observação neste processo, que revele uma relação de oposição de opiniões, quando na verdade o que está em questão é a pluralidade de ideias, o gosto pela variedade é o que torna a pesquisa ainda mais construtiva e eficiente.

Pensando nessa tal eficiência educacional, segue a sequência da proposta de leitura da obra literária elaborada neste trabalho, cuja segunda inspiração se deu com base nas ideias de Salomon (2004, p. 40) e suas fases do método de estudo eficiente, organizados em **fase global, parcial e global 2**, etapas que devem ser refletidas e imaginadas como fazendo parte da solução de problema de pesquisa .

1) Primeira leitura de um trecho do romance (fase global) – neste momento serão feitas perguntas gerais do tipo “qual é o assunto do capítulo?”. Trata-se de uma leitura rápida, porque ocorrerão outras leituras mais aprofundadas, logo este é o primeiro contato com o texto e com os acontecimentos narrados.

2) Nova leitura do trecho (fase parcial) – desta vez mais demorada, refletida, assinalando trechos importantes, obtendo e nomeando uma possível ideologia. No caso, o objetivo agora é recolher as ideias principais, que resume a intenção dos personagens, relacionando-os com o contexto geral da obra. É possível que ocorram duas ou mais novas leituras para melhor compreensão do capítulo e definição do trecho a ser escolhido para ser analisado. Este momento é de concentração e análise crítica.

3) A seguir, temos o quadro 1 desenvolvido para a síntese da análise socioeducacional do que foi lido. Ele consiste no preenchimento das colunas com o trecho e a ideologia devidamente localizados no romance. Posteriormente, deve-se definir quais são as crenças representadas no discurso. E, por último, detalham-se as ações e o valores demonstrados por elas. A ideologia, neste quadro, é o mesmo que afirmamos acima, aparece na condição de significações de ideias, de crenças, de conceitos “construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). No caso desta pesquisa utilizo identifiquei dois processos ideológicos o civilizatório e o do patriarcado que reproduzem relações de dominação. O quadro 1 sintetiza a proposta de análise:

Quadro 1 Síntese da análise socioeducacional

DISCURSOS IDEOLÓGICOS	AÇÕES	
	VALORES	

Fonte: elaboração própria (2022).

4) Após a leitura-estudo do respectivo tópico (fase global 2), é momento de revisar e assimilar todas as anotações feitas para a escrita do texto da dissertação – constituindo a seção 5 deste trabalho. Neste momento, vou constituir uma espécie

de enredo que se refere especificamente àquele trecho selecionado, e, a partir de um ponto de vista – neste caso, do pesquisador –, início a preparação de um debate crítico no qual o pesquisador poderá construir uma visão social de mundo reflexiva. Portanto, a proposta de leitura não é única, definitiva e muito menos a melhor. É apenas uma alternativa para ser aplicada na pesquisa documental, dentre várias outras possíveis, contanto que tenha a finalidade de garantir os recursos necessários para desenvolver a problematização dos temas abordados.

Nesta dissertação, optou-se por analisar apenas dois capítulos, selecionando um trecho de cada um deles, escolhidos em razão de sua abrangência. Os trechos em questão foram extraídos do romance *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa, são respectivamente do capítulo IV, em que será obtida a ideologia do “Patriarcado”, e do capítulo XV, referente à temática da ideologia da “Civilização”. Além disso, a proposta de leitura é sempre do pesquisador, mas não enquanto autoridade em relação à escolha da metodologia, mas enquanto facilitador de acesso à literatura

2.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para a Pesquisa em Educação é imprescindível que seja feito um levantamento a respeito do número de trabalhos já produzidos sobre determinado tema. No presente tópico faço a exposição de três quadros que compõem o levantamento de dissertações e teses desta dissertação, organizados respectivamente nos subtópicos: 1) teses de doutorado, 2) dissertações de mestrado e 3) artigos científicos.

Para preencher os quadros 1 e 2 foi preciso explorar os bancos de teses e dissertações disponíveis no endereço eletrônico da CAPES³ e dele extrair o máximo possível de Teses e Dissertações que estivessem alinhadas ao meu objeto de estudo.

A propósito, estou designando de levantamento das teses e dissertações o exercício de revisão da bibliografia disponível para se discorrer sobre um tema específico. Neste sentido, sabendo-se da grande quantidade de dissertações e teses que circulam no Brasil, principalmente na área da Educação, os programas de pós-

³Disponível para consulta em <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/)

graduação passaram a reivindicar um maior cuidado para com as novas pesquisas, no intuito de aumentar a credibilidade dos trabalhos acadêmicos em andamento, bem como apontar melhorias nas abordagens metodológicas, procedimentos e análises. Essa designação se aproxima dos estudos de revisão da literatura:

Os estudos de revisão consistem em organizar, esclarecer e resumir as principais obras existentes, bem como fornecer citações completas abrangendo o espectro de literatura relevante em uma área. As revisões de literatura podem apresentar uma revisão para fornecer um panorama histórico sobre um tema ou assunto considerando as publicações em um campo. Muitas vezes uma análise das publicações pode contribuir na reformulação histórica do diálogo acadêmico por apresentar uma nova direção, configuração e encaminhamentos (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 167).

Antes de fazer a exposição dos quadros, julgo necessário comentar brevemente sobre as referências que estarão em evidência, e, junto a isso, justificar a indispensabilidade daqueles trabalhos para a compreensão do meu objeto de estudo. Nesta minha dissertação pretendo identificar duas ideologias presentes no romance “O Coronel Sangrado”, do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), e para dar seguimento a esse estudo deve-se recorrer a um referencial teórico que sirva de aporte aos meus argumentos, a começar pelas teses de doutorado. A seguir apresento a lista de teses de doutorado que obtive na pesquisa realizada em outubro de 2021, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

2.3.1 Lista de teses de doutorado

A partir do descritor “Inglês de Sousa”, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES encontrei cinco (5) teses de doutorado, que se aproximavam da palavra-chave “educação”, o que é pouco se levarmos em conta que Inglês de Sousa é um autor muitíssimo estudado no meio acadêmico, particularmente no campo das Letras e Artes. Entretanto, vale lembrar que o romancista de **O Coronel Sangrado** é, geralmente, analisado à luz da Crítica Literária em trabalhos voltados para a área das Letras, o que não é o meu caso. Minha dissertação está inserida na área da Educação e terei como foco a questão de duas ideologias presentes no texto **O Coronel Sangrado**, publicado em 1877, sendo que a versão que analiso é a de

1969. Segue as teses que foram selecionadas no período de 1996 a 2021, como levantamento inicial para a construção da minha dissertação.

Quadro 2 Teses de doutorado

Autor (a)	Título	Ano	Instituição	Área
Lucena Veleda	O Forte de Óbidos: uma visão arqueológica	1996	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	História
Denise Simões Rodrigues	Revolução Cabana e a construção da identidade amazônica	2001	Universidade Federal do Ceará – UFC	Sociologia
Paulo Jorge Martins Nunes	Úterode Areia, um estudo do romance “Belém do Grão Pará”, de Dalcídio Jurandir	2007	PUC - MG	Teoria Literária
Omar Schneider	A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo Império	2007	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP	Educação
Daniel Hudson Carvalho Vieira	Religião da cidade e religião do interior: um estudo comparativo sobre manifestações religiosas do município de Óbidos – Pará	2015	UFPA	Sociologia e Antropologia
Marcela Ferreira	Inglês de Sousa: imprensa, literatura e realismo	2015	Universidade Estadual de São Paulo – UNESP	Letras
Paulo Maués Corrêa	Inglês de Sousa: História, Erotismo e Mito	2020	UFPA	Letras

Fonte: Banco de dados da CAPES (<[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/!>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/))

Lucena Veleda (1995), em sua tese **O Forte de Óbidos: uma visão arqueológica**, traça um panorama da cidade de Óbidos, cidade interiorana desde início da dominação portuguesa (séc. XVII) até meados do século XIX. Apesar de ser um trabalho voltado para a Arqueologia, com foco na arquitetura peculiar do Forte de Óbidos, em comparação com os outros fortes construídos pelo restante do litoral brasileiro, observa-se neste trabalho uma boa fonte de informações a respeito da evolução histórica desta cidade, de sua colonização e diversidade cultural.

Denise Rodrigues (2001), em sua tese **Revolução Cabana e construção da identidade amazônica**, no capítulo específico “Entre a realidade e o preconceito: o caboco como identidade cultural”, tratou de analisar as obras de Inglês de Sousa com o objetivo de subsidiar a compreensão do processo de constituição identitária

dos mestiços da Amazônia. Tal como dizia Machado de Assis, “cada obra pertence ao seu tempo”(ASSIS, 2013, p. 13), e é com base neste pensamento que encontro na tese de Rodrigues (2001) uma possibilidade de validar a utilização da literatura inglesiana como discurso histórico indispensável à compreensão da vida amazônica no século XIX.

Paulo Nunes (2007), em sua tese “**Útero de areia, um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**”, apesar de ser um trabalho voltado para a Teoria Literária e tratar da obra de outro escritor, interessa-me a problematização que Nunes faz da ideia de cânone literário e sobre como os ficcionistas da região norte são negligenciados pela crítica e historiografias literárias. Em sua tese, Nunes esclarece que o cânone nada mais é que uma criação das elites intelectuais, as quais, por pertencerem à parte mais privilegiada economicamente do país, especificamente o eixo sul e sudeste, priorizam a valorização dos autores nascidos nessas regiões, ou, em algumas exceções, do escritor de outras regiões brasileiras que se deslocam de sua terra natal até o eixo sul e sudeste para obter o seu devido reconhecimento artístico, como foi o caso de Dalcídio Jurandir (1909-1979), bem como também foi o caso de Inglês de Sousa.

Omar Schneider (2007), em sua tese **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império**, é, provavelmente um dos únicos trabalhos sobre o ficcionista paraense que são voltados para a História da Educação e que retratam a sua carreira política.

Após exercer o mandato de deputado na Assembleia Provincial de São Paulo, pelo Partido Liberal, e criar o projeto de reabertura da Escola Normal, Inglês de Sousa é enviado para Sergipe para atuar como presidente daquela província. Depois de realizar uma gestão conturbada de mais ou menos dez meses, na qual realizou uma ampla reforma do ensino primário, secundário e normal, foi transferido para a Província do Espírito Santo, lugar em que também reformou a instrução pública (SCHNEIDER, 2007, p. 165).

Essa parte da vida de Inglês de Sousa geralmente é resumida em poucas palavras pelos seus biógrafos, uma vez que ela não está associada à sua carreira de escritor, função a que ele tem maior reconhecimento. Deste modo, Inglês de Sousa é representado também com um Político escritor e, sob a égide de suas convicções liberais, buscou democratizar a Educação primária em fins do Segundo Império, rompendo assim com as estruturas conservadoras fundamentadas na

Ideologia Patriarcal – voltada para a formação de homens e indiferente à educação feminina, que ainda persistia na época e mantinha a desigualdade de gênero.

Daniel Vieira (2015), em sua tese **Religião da cidade e religião do interior**: um estudo comparativo sobre as manifestações religiosas do município de Óbidos, situou Óbidos e seu grande Forte como ponto estratégico de conquista territorial amazônica pela Coroa Portuguesa devido a sua boa localização geográfica e do processo bem-sucedido de catequese dos nativos daquela região. Segundo Vieira (2015, 39): “Falar da história de Óbidos é reportar para essa gênese militar, econômica e religiosa, o que acabou por deixar legados desse período na paisagem e cultura dessa região”.

Na pesquisa de Marcela Ferreira (2015) é apresentada sob diferentes pontos de vista a fortuna crítica de Inglês de Sousa. Na sua tese intitulada **Inglês de Sousa**: Imprensa, Literatura e Realismo, o escritor obidense é estudado com base nos aspectos naturalistas inéditos presentes em seus primeiros escritos – O Cacaulista (1876) e O Coronel Sangrado (1877). Além disso, também é feita uma exposição dos textos de Inglês de Sousa que foram publicados em periódicos renomados paulistas como a **Revista Brasileira** e **A Manhã**, os quais puseram à mostra as convicções políticas, sociológicas e de crítica literária do escritor obidense.

A tese de Paulo Maués Corrêa (2020) intitulada **Inglês de Sousa**: História, Erotismo e Mito, há ênfase na produção total do ficcionista de Óbidos, divagando entre todas as suas obras, incluindo aquelas publicados na imprensa, as quais segundo Corrêa (2020), ainda se encontram totalmente negligenciadas pela Crítica. Além disso, o trabalho de Paulo Corrêa contém uma abrangência fundamental de dados, por contextualizar a literatura inglesiana no espaço e no tempo, situando por meio de mapas e gráficos a localização no ambiente amazônico no qual todos os romances de Inglês de Sousa estão inseridos.

2.3.2 Lista de dissertações de mestrado

Pontuar que este levantamento é sobre pesquisas a respeito de inglês de Sousa, não é sobre propostas de ensino de literatura. Busque uma explicação e uma relação com o seu trabalho.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foram encontradas 10 dissertações que propõem um diálogo entre as duas modalidades nas quais Inglês de Sousa alternava a sua cosmovisão⁴: a escrita literária e a escrita política. O presente levantamento também possibilitou uma revisão acerca da recepção da crítica sobre os textos inglesianos, seus critérios de análise e prováveis inspirações do autor. Do mesmo modo, as pesquisas que serão expostas no quadro 2 também constituem um caminho aberto a novas perspectivas e problematizações:

Quadro 3 Dissertações de mestrado

Autor (a)	Título	Ano	Instituição	Área
Marcus Vinnicius Cavalcante Leite	Sobre alguns temas em Inglês de Sousa: um ensaio caleidoscópico	1998	UFPA	Planejamento do Desenvolvimento
José Mourão de Araújo	Literatura e História na recepção de crítica do conto de Inglês de Sousa	2006	UFPA	Letras
Livia Sousa da Cunha	Vozes da Cabanagem: os discursos da Literatura e da história na construção de “O Rebelde”	2010	UFPA	Letras
Eliana Pires de Almeida	O lugar dos Saberes Amazônicos no ensino da disciplina Literatura	2012	UEPA	Educação
Maria de Nazaré Barreto Trindade	Entre Cacaiais e Parará-Mirins: Cultura e Identidade em Cenas da Vida do Amazonas	2013	UFPA	Letras
Edgard Tessuto Junior	A oralidade caricata, a língua indígena incorporada pelo cotidiano do Baixo Amazonas e a caricatura de personagens, como tentativa de universalizar valores sociopolíticos e pessoais dos brasileiros dos princípios do séc. XIX na obra ficcional de Inglês de Sousa, produção singular do compêndio literário dos finais do séc. XIX	2015	Universidade de São Paulo (USP)	Literatura Brasileira
Leonardo Matos Feitoza	“Um entusiasta de ideias novas...” : Inglês de Sousa, conflitos e combates no Brasil em fins	2015	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	História

⁴Mundividência, concepção de mundo, visão de mundo, etc. Segundo Moisés (2013, p. 96), a cosmovisão representa a ideia de que “a obra é **começo**, **meio** e **fim** da especulação em torno da mundividência de um escritor, e que este interessa pelo fato de que o seu **pensamento**, os seus **valores**, os seus **sentimentos**, em resumo, a sua **cosmovisão** está impressa no texto” (grifos meus).

	dos oitocentos			
Alex Dax de Sousa	Memória e Poder em Narrativas do Imaginário Amazônico	2016	UFPA	Letras
Joyce Cristina Farias de Amorim	Em busca de identidades: Um percurso analítico-discursivo pelas narrativas de Inglês de Sousa	2017	Universidade da Amazônia (UNAMA)	Comunicação, Linguagem e Cultura
Marcia Daniele dos Santos Lobato	Texto e pretexto: tessituras sensíveis de fruição das poéticas amazônicas	2018	UEPA	Educação
Messias Lisboa Gonçalves	Tempo e Memória em O Cacauleta e O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa	2018	UFPA	Letras
Francenilce Silva de Paula	Cenários Culturais do Baixo Amazonas na obra “O Coronel Sangrado” de Inglês de Souza: uma leitura epistemológica do romance	2018	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	Letras
Ronaldo Júnior Pantoja Rodrigues	As representações dos indivíduos amazônicos na cronística de descobrimento da Amazônia e no romance de Inglês de Sousa	2019	UFPA	Estudos Literários
Ronielson Santos das Mercês	Dialogicidade e antialogicidade: relações dialéticas intersubjetivas no contexto escolar	2020	UEPA	Educação

Fonte: Banco de dados da CAPES (<[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/!>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/))

Leite (1998) tomou a iniciativa de valorizar a literatura de Inglês de Sousa utilizando a mesma como fonte documental de registros histórico-sociais, em que o nativo amazônida, o ribeiro, o caboclo/tapuio, são tidos como objetos de análise e inseridos nas temáticas do controle da mão de obra pelas lideranças locais, da fantasmagoria da dívida e do espetáculo das eleições municipais.

A dissertação de Araújo (2006) é primorosa pelo seu procedimento metodológico, bem delimitado no capítulo específico “a etnografia de Inglês de Sousa”, ao definir a etnografia como a “escrita do visível”, ou seja, o método de introduzir os atores sociais no vasto panorama amazônico do século XIX considerando a sua dinâmica ativa e modificadora das estruturas sociais.

A dissertação de Livia Cunha (2010) propõe a aproximação entre a historiografia e a literatura ao estudar a Cabanagem retratada no conto **O Rebelde**,

considerando o limite que há entre a realidade e a ficção. Segundo Cunha (2010, p. 25) a literatura “não é um documento no sentido de comprovar, de dar status de verdade àquilo que expõe, mas ela documenta uma pluralidade de gestos, de coisas e significados num discurso que mescla ficção e realidade”.

Maria de Nazaré Trindade (2013), produziu um trabalho indispensável a quem precisa de dados da Amazônia oitocentista. Em sua dissertação, no capítulo específico “A Amazônia oitocentista: o contexto de produção da obra de Inglês de Sousa”, a autora realiza uma contextualização geral das relações político-sociais da Amazônia no século XIX, e, conseqüentemente, nos revela a realidade que Inglês de Sousa construiu em suas obras. Além disso, sua pesquisa contribuiu para o entendimento de que os romances inglesianos apresentam dados contextuais que moldam um “passado-presente” no cenário político contemporâneo devido ao seu grande valor documental.

De qual narrativa fala Inglês de Sousa? Por que não é anacrônico deste autor do século XIX? Inicialmente porque seus romances suscitam questões que constituem o embrião da sociedade amazônica. Não apenas no aspecto de costumes e crenças dessas paragens, muito ainda mantidos na contemporaneidade em alguns vilarejos e cidades, mas principalmente por que suscita em seus romances questões de teor político e social. E, ainda, porque traz para a sua ficção elementos centrais para uma discussão atual sobre a identidade ou as identidades na Amazônia e as relações políticas presentes neste território (TRINDADE, 2013, p.41-42).

Tessuto (2015, p. 4) trouxe um tema muito presente na narrativa inglesiana conhecida como “oralidade caricata” dos personagens da ficção e do contexto sociopolítico no qual eles vivem. Segundo esse pesquisador, “a ilusão do escritor de estar criando algo baseado no real pode levá-lo a criar algo inventado, isso devido a sua ideologia, que o leva, muitas vezes, a julgar e moldar a personagem baseada em uma perspectiva”. Neste sentido, a figura de Severino de Paiva Prestes, também conhecido como o “Coronel Sangrado”, é estruturada nos textos inglesianos como a caricatura tradicional do homem político, capaz de viver e morrer pelas causas de seu partido e de sua ideologia.

Leonardo Feitoza (2015), em sua dissertação: **Um entuziasta de ideias novas**: Inglês de Souza, conflitos e combates no Brasil em fins dos oitocentos, desenvolveu um trabalho excepcional do qual pude extrair informações importantes acerca da obra não-literária de Inglês de Sousa, com ênfase nas experiências que o

escritor obidense teve quando foi presidente da província de Sergipe em 1881. Este trabalho é de grande valia para a minha pesquisa devido ao seu vasto conteúdo histórico, apresentando ao leitor uma fonte rica de documentos oficiais de época que atestam a vocação de Inglês de Sousa para a gestão pública.

Alex Dax de Sousa (2015), em **Memória e Poder em Narrativas do Imaginário Amazônico** busca analisar as relações sociais de poder, os sistemas reguladores de dominação e as manifestações de resistência na Amazônia paraense. No âmbito da literatura oral encontra-se as discussões a respeito das Memórias de um lugar dentro do cenário amazônico, e para melhor fundamentá-la, Sousa (2015) recorreu aos seguintes autores: Éclea Bosi (1994) para estudar a relação entre Memória e Sociedade; Paul Ricoeur (2007) para tratar de Memória e Poder; e, por último, Michel Foucault (2013) para analisar as formas de poder engendradas na sociedade para estabelecer a dominação de um grupo social sobre outro.

Ronaldo Pantoja Rodrigues (2019), em sua dissertação intitulada **As representações dos indivíduos amazônicos na cronística de descobrimento da Amazônia e no romance de Inglês de Sousa** propõe uma reflexão sobre a história da Amazônia e do seu povo sob duas perspectivas: a do colonizador europeu do século XVI e a do homem amazônida do século XIX. Para construir essa relação dialógica entre essas duas visões o autor faz uma comparação entre a obra *Descubrimiento del rio de las Amazonas* (1542), do explorador espanhol Gaspar de Carvajal, e os romances de Inglês de Sousa que compõem o ciclo de Cenas da Vida no Amazonas, com ênfase no livro “Histórias de um pescador”. Além disso, o autor deixa evidente a natureza documental das obras inglesianas, levando a fundo as possíveis inspirações que o ficcionista paraense teve para elaborar as suas obras.

Devido ao forte apego documental e ao realismo com que retrata os povos explorados do Rio Amazonas, uma das grandes discussões em torno da obra de Inglês de Sousa paira sobre a sua provável fonte de consulta, capaz de subsidiar uma obra tão fidedigna a uma sociedade que, apesar de sua, pois se tratava de seu local de nascimento, o autor não estava habituado a conviver e presenciar desde a infância. Vicente Salles (1990) especula que o autor reconstrói o ambiente amazônico em suas narrativas através da ótica e da memória dos pais, já que ambos tiveram mais contato com a região do Baixo Amazonas que o escritor (RODRIGUES, 2019, p. 76-77).

A especulação sobre a qual Ronaldo Rodrigues menciona é aquela que está presente na Introdução ao livro **Histórias de um Pescador** (2007), feita pelo historiador Vicente Salles, quando este levantou a hipótese de que Inglês de Sousa conhecia a sua cidade natal de Óbidos mais por informação do que por vivência, com base nas memórias de seu pai, Marcos Antônio Rodrigues de Sousa, um jurista com larga experiência nas regiões amazônicas.

As demais dissertações obtidas no catálogo da CAPES, como as de Joyce Amorim (2017), Messias Gonçalves (2018) e Francenilce de Paula (2018) são pesquisas voltadas para a área de Letras, logo apresentam extensa fortuna crítica, a qual será muito útil para corroborar meus argumentos durante a análise do romance **O Coronel Sangrado**, principalmente no que tange à política, representações sociais e cultura amazônica, elementos os quais perpassam fortemente não só a referida obra, mas toda a literatura inglesiana.

A dissertação de Ronielson Santos das Mercês (2020), intitulada **Dialogicidade e antialogicidade: relações dialéticas intersubjetivas no contexto escolar**, é, sem dúvida, uma peça fundamental para entender como funciona o método antialogico de ensino, segundo o autor

A ação antialogica, conforme o posicionamento de Freire, ocorre precisamente quando a classe dominante ou os dominadores impedem os oprimidos de serem como sujeitos da história, subjugando-os a continuarem ou tornarem-se em situação de dominação e alienação. Essas duas características – dominação e alienação – reforçam as condições opressivas em situações concretas, tornando as pessoas em meras coisas e/ou objetos sociais, sem valor, mantendo a relação dominante entre o sujeito e o mero objeto insignificante. (MERCÊS, p. 78, p. 78)

Em síntese, para compreender como a ideologia atua no ensino de Literatura em nossos dias, é preciso reconhecer que os métodos de abordagem utilizados na disciplina literária estão impregnados de ações antialogicas, as quais, por sua vez, perpetuam a Educação Bancária e acabam invisibilizando outras literaturas, como a de Expressão Amazônica, bem como restringindo a própria literatura a um saber escolar e como arte acessível a todas as camadas da sociedade.

2.3.3 Lista de artigos científicos

O que faz Inglês de Sousa ser um autor muito explorado nas pesquisas acadêmicas certamente é o número de artigos científicos produzidos sobre ele. Para encontrar os artigos e suas respectivas revistas tive que recorrer às ferramentas da plataforma Google Acadêmico, e desta forma pude encontrar atalhos que me direcionaram a vários periódicos, dentre os quais destaco a importância da Revista Asas da Palavra da UNAMA, por ter desenvolvido uma edição especial no ano de 2003 para comemoração dos 150 anos de Inglês de Sousa. Essa edição contou com a participação de grandes referências da área dos estudos em Literatura de expressão amazônica.

Ao todo, selecionei dezesseis (16) artigos científicos, sendo 5 destes da revista Asas da Palavra. Os demais artigos alternam entre as áreas de História, Sociologia e Estudos Literários. Todos os artigos reunidos no quadro 3 a seguir suscitam uma variedade de novas dúvidas e esclarecimentos a respeito da obra literária e não-literária de Inglês de Sousa, tornando as pesquisas atuais e aquelas ainda por serem desenvolvidas ainda mais atrativas para o conhecimento científico vigente.

Quadro 4 Lista de artigos científicos

Autor (a)	Título	Ano	Revista/Instituição
Zahidé Lupinacci Muzart	A questão do cânone	1995	Anuário de Literatura – UFSC
Amarílis Tupiassu	O Real na vertente da ficção	2003	Asas da Palavra/UNAMA
Paulo Nunes	Inglês de Sousa: dois dedos de prosa sobre a recepção da obra	2003	Asas da Palavra/UNAMA
Marcus Vinnicius Cavalcante Leite	Mise-en-scène eleitoral numa cidade amazônica do século XIX: uma leitura de <i>O Coronel Sangrado</i> de Inglês de Sousa	2003	Asas da Palavra/UNAMA
Gutemberg Guerra	Inglês de Sousa trocado em miúdos	2003	Asas da Palavra/UNAMA
Mauro Vianna Barreto	Cotidiano e Sociabilidade na obra de Inglês de Sousa	2003	Asas da Palavra/UNAMA
Maria Eunice Moreira	Cânone e Cânonos: Um Plural Singular	2003	Letras e Literatura: Limites e Fronteiras – UFSM
Marcus Vinnicius Cavalcante Leite	A narrativa das cenas amazônicas de Inglês de Sousa	2005	Acervo Histórico de São Paulo
Martha Giudice Narvaz; Sílvia Helena Koller	Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa	2006	Psicologia & Sociedade
Denise Simões Rodrigues	O Caboco como ator social e político em Inglês de Sousa	2008	UNAMA

Raquel Ripari Neger	Inglês de Sousa e a <i>Belle Époque</i> amazônica: um estudo sobre a “Civilidade” e a “Matutice” na Óbidos do século XIX	2009	Travessias/UNIOESTE
Renata Silva	Linguagem e Ideologia: Embates Teóricos	2009	Linguagem em (Dis)curso - UNISUL
Marcela Ferreira	Ideias em evolução: Inglês de Sousa cronista	2011	XII Congresso Internacional da ABRALIC
Marcela Ferreira	A produção de Inglês de Sousa na Imprensa Paulista (1876-1882)	2013	Simpósio de Pesquisa, Ensino e Extensão – SIMPEEX
Denise Simões Rodrigues	Heroísmo e Vingança: A Amazônia revolucionária de Inglês de Sousa	2013	Antares/Universidade de Caxias do Sul – UCS
Josebel Akel Fares	O não lugar das vozes literárias da Amazônia	2013	Revista Cocar - UEPA
Leonardo Matos Feitoza; José Vieira da Cruz	Do anúncio à chegada de Inglês de Sousa à província de Sergipe, 1881	2013	VI Congresso Internacional de História/ Universidade Estadual de Maringá – UEM
Leonardo Matos Feitoza	A intelectualidade laica, liberal e ilustrada dos oitocentos: Inglês de Sousa e seu mundo de pertencimento	2014	Anais do XVI encontro regional de história da Associação Nacional de História – ANPUH (RJ)
Enderson de Souza Sampaio; Maria Luiza Germano de Souza	A perspectiva do ensino de literatura nos livros didáticos de português: <i>o que se ensina quando se ensina literatura?</i>	2015	Entreletras – UFT (Araguaína/TO)
Marilena Chauí	Ideologia e Educação	2016	Educação e Pesquisa – Faculdade de Educação da USP
Patrícia da Silva Simões Cunha; Jéssica de Souza Paiva	A erotização da mulata na cultura brasileira	2017	Enlaçando – Anais V
Benjamin Rodrigues Ferreira Filho	Floresta de signos sombrios: introdução à Amazônia de Inglês de Sousa	2018	Revista de Estudios Brasileños/Universidade de Salamanca (Espanha)
Denise Simões Rodrigues	Por uma leitura das identidades culturais na Amazônia nos romances de Inglês de Sousa e Dalcídio Jurandir	2018	Editora da Universidade do Estado do Pará – EDUEPA
Mariana de Souza Alves	Concepções de literatura e formação de leitores na Biblioteconomia e Ciência da Informação: provocações a partir da obra “Paradigmas do ensino da literatura”, de Rildo Cosson	2021	Em Questão - UFRGS

Fonte: Banco de dados do Google Acadêmico (<<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>>)

Amarílis Tupiassu (2003), em seu artigo **O real na vertente da ficção** nos convida ao debate sobre o reconhecimento das obras menos lidas de Inglês de Sousa, que são justamente a tríade *Cenas da Vida no Amazonas – O Cacauleta*, *Histórias de um Pescador* e *O Coronel Sangrado* –, pois raramente elas são comentadas nos grandes compêndios de História da Literatura Brasileira, os quais

geralmente analisam o escritor paraense com base na sua obra mais conhecida, *O Missionário* (1891). Vale ressaltar que este último romance não está incluído em minha dissertação como material de análise, pois ele não apresenta em seu foco o mais importante dos meus objetos de estudo: a política.

No mesmo ponto de vista, Paulo Nunes (2003) em seu artigo **Inglês de Sousa**: dois dedos de prosa sobre a recepção da obra, assevera que Inglês de Sousa foi, de fato, muito injustiçado pela Crítica Literária, principalmente por esta não ter atribuído ao ficcionista paraense o reconhecimento por ter sido um dos introdutores da estética naturalista no Brasil. Em contrapartida, esses méritos são direcionados a Aluísio de Azevedo, autor de **O Mulato** (1881). Apesar da natural indignação, não há absolutamente nada contra o ilustre romancista maranhense, na verdade o que pesa negativamente sobre a crítica especializada é o seu silêncio para com os autores da região Norte, mesmo com aqueles considerados cânones como Inglês de Sousa.

Tanto Amarílis Tupiassu como Paulo Nunes desenvolveram suas análises sobre crítica e recepção da obra inglesiana com base na *Fortuna Crítica*, ou seja, do conjunto dos estudos organizados sobre um determinado autor e sua escrita. Há também uma modalidade de estudos que considera a carga sociológica, histórica e política das obras literárias, e neste aspecto Marcus Vinnicius Leite (2003), em trabalho também publicado na revista *Asas da Palavra*, se destaca com autoridade.

Inglês de Sousa em *O Coronel Sangrado* [...], apresenta uma imagem-síntese dos mecanismos do “teatro da hegemonia cultural” (THOMPSON, 1989, p. 58). Esta hegemonia, segundo Thompson (1989, p. 60), “só pode ser mantida pelos governantes mediante um constante e direto exercício de teatro e concessão”. Porém associado a uma outra imagem, a saber, a cidade, enquanto espaço teatral por excelência. A ideia da cidade como teatro é antiga, na medida em que seu tema principal é “a busca pelas reputações” (SENNET, 1993, p. 153) ou pelas deferências. Na cidade se encena, posa-se um para o outro. É neste ato de encenar que o poder se realiza e se conserva. “Todo poder político obtém finalmente a subordinação por meio da teatralidade” (BALANDIER, 1982, p. 10). A sua característica básica é a manipulação de imagens ou símbolos organizados, principalmente, dentro de um “quadro cerimonial” – isto é, a ritualização (LEITE, 2003, p. 30).

Leite (2003) é o autor que mais se aproxima do tema da minha dissertação, conforme a citação acima, o romance *O Coronel Sangrado* é um retrato de como as relações político-sociais se estruturavam na Amazônia do século XIX. Sua natureza

contextual revela o dom que o ficcionista tinha para descrever a realidade política daquela antiga Amazônia.

Gutemberg Guerra (2003) estudou o período eleitoral narrado em *O Coronel Sangrado*, interpretando-o como um espetáculo de massas. Para o autor, o que chama a atenção durante os tempos de eleição em Óbidos é a sua carga de atualidade, uma possível evidência de que não se mudou muito os métodos de aquisição de votos em comparação com os dias de hoje.

A encenação do momento eleitoral proposta por Inglês de Sousa impressiona pela atualidade, sugerindo o visionarismo do autor e uma volta no tempo pelo leitor. Com tramas bem construídas e um rigor narrativo identificado com o positivismo presente em sua época, o texto do autor obidense se deixa influenciar pela exuberância da natureza amazônica, assemelhando-o aos visitantes que expressaram igualmente as impressões de imponência e amplidão que o ambiente oferece e impõe aos que dela se aproximem. Traições, contradições, estilos de vida e de concepção de mundo se entrelaçam e exigem a construção de um aparelho de leitura sofisticado para identificar a riqueza do texto. Coronelismo, clientelismo, paternalismo, manipulação política, sagacidade e outros conteúdos sociais compõem a trama e fazem de sua obra uma das mais reconhecidas do cenário literário do país. Da força de sua descrição e da semelhança do que podemos verificar tanto em épocas passadas como nos momentos eleitorais da atualidade, fica uma forte impressão de que o texto é um enquadramento de fatos sociais enraizados na estrutura das práticas sociais do país. Estudos mais aprofundados poderão dizer até onde, em Inglês de Sousa, a arte imita a vida ou vice-versa (GUERRA, 2003, p. 19).

A socióloga Denise Rodrigues desenvolveu 3 artigos que foram fundamentais para compreender o outro lado da atuação política na sociedade amazônica do século XIX: a participação crucial do caboco nas relações sociais e sua influência nas estruturas de poder narradas ao longo da narrativa. No artigo **O Caboco como ator social e político em Inglês de Sousa** (2008), a autora procurou identificar o alcance e a permanência das ideias de Inglês de Sousa no imaginário regional sobre os mestiços de variados matizes que compõem a população, desvelando as nuances do processo de desenvolvimento de uma identidade cultural de contorno nítido e fundamental: o caboco⁵.

No artigo intitulado **Heroísmo e Vingança: a Amazônia revolucionária de Inglês de Sousa** (2013), a autora busca amparo nos escritos de Inglês de Sousa para compreender a extremada violência e o pesado silêncio imposto sobre a causa

⁵Para Câmara Cascudo (1992), a pronúncia correta é “caboco”, por ser a mais usual, e não “caboclo”, que é a forma convencional e meramente letrada. Segundo o autor, “caboco” é o mestiço de branco com índia; mulato acobreado, com cabelo corrido, habitante dos sertões, etc.

cabana após o fim do conflito, especificamente nos contos *O Rebelde* e *A Quadrilha de Jacó*, ambos os textos se encontram na coleção *Contos Amazônicos*, publicada em 1893. O uso dessas narrativas é necessário devido à ausência de documentos oficiais que relatassem a versão dos cabanos a respeito dos eventos sangrentos ocorridos no Pará entre 1835 e 1840, pois, como atesta os relatórios da elite da época, os cabanos eram “gente rude e inculta”. Para Rodrigues (2013, p. 247), recorrer à literatura em situações como essa significa buscar “a subjetividade imanente aos processos sociais que perdura para além do acontecimento histórico”.

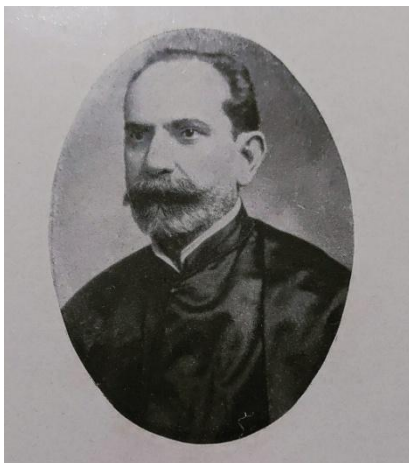
Denise Rodrigues (2018), em seu artigo: **Por uma leitura das identidades culturais na Amazônia nos romances de Inglês de Sousa e Dalcídio Jurandir**, mais uma vez realizou um estudo sobre a identidade *caboca* durante a Cabanagem, uma revolução popular ocorrida na província do Grão-Pará na primeira metade do século XIX, entretanto dessa vez com objetivos para aprofundados. Ao utilizar a literatura para analisar temas histórico-sociológicos, a autora busca entender 1) a relação entre a obra e o público, 2) a posição social do escritor e 3) a função política das obras e dos autores, com o intuito ideológico marcado.

Mariana Alves de Sousa (2021), resumiu em seu artigo todos os seis paradigmas da educação problematizados por Rildo Cosson (2021). Da minha parte, re-organizei esses paradigmas em dois pontos de vistas: 1)os paradigmas moral-gramatical, histórico-nacional e analítico-textual compõem a perspectiva bancária de ensino de Literatura e 2)os paradigmas de formação de leitor, social-identitário e letramento literário compõem a perspectiva libertadora de ensino de Literatura. Isto posto, estrutura-se a seção 4 (quatro) da minha dissertação.

3 INGLÊS DE SOUSA: VIDA E OBRA

3.1 UMA BREVE BIOGRAFIA

Figura 1: Retrato de Inglês de Sousa.



Fonte: Contracapa do romance *O Coronel Sangrado*, edição de 1968.

Herculano Marcos Inglês de Sousa foi um escritor e jurista brasileiro nascido na Vila⁶ de Óbidos, região do Baixo Amazonas paraense, a 28 de dezembro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. Destacou-se como sendo um dos pioneiros da estética naturalista no Brasil. Suas obras são pouco numerosas, consistem em quatro romances e um volume de contos, porém são simbolicamente extensas por representar um material de valioso conteúdo sociológico para a compreensão da realidade amazônica do Brasil oitocentista, um cenário ainda inédito para os leitores acostumados ao ambiente citadino dos romances canônicos de época.

Segundo a cronologia organizada por Vicente Salles⁷, sua vida e obra estão obrigatoriamente interligadas por razões bem peculiares. Nascido numa vila distante da capital, Inglês de Sousa cresceu sob uma atmosfera social que ainda se recuperava gradualmente dos traumas da Cabanagem (1831-1840), num ambiente essencialmente agrário, cuja economia baseava-se principalmente na lavoura do cacau e da criação de gado. Ao mesmo tempo, digladiavam-se os partidos Conservador e Liberal; estes, não estando tão preocupados em corrigir as mazelas

⁶Ainda chamava-se “Vila”. Óbidos passaria à categoria de cidade no ano seguinte, em 2 de outubro de 1854.

⁷In: SOUSA, H. M Inglês de. História de um pescador. EDUFPA, 2007.

sociais que assolavam o interior paraense, seriam os protagonistas dos eventos narrados em *O Coronel Sangrado* (1877), o último volume do ciclo de *Cenas da Vida No Amazonas*, do qual fazem partes os dois romances anteriores *O Cacaulista* e *Histórias de um Pescador*, publicados em 1876.

Inglês de Sousa viveu pouquíssimo tempo em Óbidos, não podendo, obviamente, distinguir a realidade histórico-social a seu redor. Por esta razão, o historiador Vicente Salles (2007), levando em conta este detalhe, argumenta que o escritor obidense provavelmente construiu suas memórias das terras amazônicas mais por informação do que por vivência, e é neste ponto que entra a atuação da família de Inglês de Sousa em sua carreira literária.

Seu pai, Marcos Antônio Rodrigues de Sousa, era um bacharel em Direito com larga experiência pelas terras amazônicas. Com base nisso, Inglês de Sousa desenvolveu sua narrativa baseando-se em argumentos fornecidos, certamente, por seu pai, como se este fosse uma enciclopédia viva de informações documentais. Além de seu genitor, há também a figura do tio, pelo lado paterno: Agostinho Rodrigues de Sousa, o “Cavaleiro da ordem de Isabel, a Católica, professor de filosofia no liceu de Manaus, e Cônsul de Espanha na mesma cidade” (SOUSA, 2007, p. 39), a quem Inglês de Sousa dedicou o seu segundo romance “História de um Pescador” (1876); há também a figura de seu avô paterno Silvestre José Rodrigues de Sousa, a quem provavelmente teve o nome emprestado ao protagonista do conto “O Donativo do Capitão Silvestre”. Neste ponto percebe-se que existem saberes oriundos de uma coletividade familiar enraizada na região Amazônica, a família de Inglês de Sousa era definitivamente as forças-motrizas de suas linhas literárias.

Inglês de Sousa realizou os seus estudos primários e secundários na sua terra natal, Amazonas e Maranhão. Em 1866, parte para o Rio de Janeiro e não mais retorna ao Pará. Iniciou o Ensino Superior em Recife (PE) em 1872, na Faculdade de Direito, onde, no quarto ano, escreveu a sua primeira obra “O Cacaulista”. Em 1876, transfere-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde escreve o seu segundo romance “História de um Pescador”. Findo o curso de Direito e com boas referências de seu pai, que por aquela época fora nomeado juiz da comarca de Santos, Inglês de Sousa associa-se ao Jornal “A Tribuna Liberal”, onde dá início à carreira na advocacia e no jornalismo. Além disso, publica pela tipografia

da Tribuna Liberal os primeiros exemplares de “O Cacaalista” e “História de um Pescador”. Em 1877, lança o último romance do ciclo Cenas da Vida do Amazonas: “O Coronel Sangrado”. A obra máxima na qual, a meu ver, são expressas todas as inclinações do autor para com a vocação política, bem como à análise do quadro político-ideológico dos partidos.

Em 1878, filia-se ao Partido Liberal, ascendendo a cargos importantes como o de deputado provincial da Assembleia de São Paulo e, finalmente, através da Lei Saraiva, aos de presidente das províncias de Sergipe, em 1881, e do Espírito Santo, em 1882. Em 1883, abandona a carreira política por recomendação médica e passa a advogar em Santos (SP). Em 1891, após período de aparente ausência, publica o seu livro mais importante e de maior repercussão: **O Missionário**. Em 1893, agora residindo no Rio de Janeiro, publica a sua última obra literária, os “Contos Amazônicos”.

Em 1894 torna-se professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1896, funda a Academia Brasileira de Letras ao lado de seu conterrâneo José Veríssimo (1857-1916) e de outros grandes nomes da Literatura Nacional. Também publicou vários trabalhos na área das Ciências Jurídicas, dentre os quais é importante citar os *Títulos ao portador no direito brasileiro* (1898), *Projeto de Direito Privado* (1903) e *Projeto de código comercial* (1912).

Após seu falecimento, em 6 de setembro de 1918, passou a ocorrer uma diminuição natural da circulação de suas obras no mercado editorial. No entanto, na década de 60, suas obras ganharam uma nova edição por iniciativa da Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), que publicou os romances *Coronel Sangrado* (1968) e *O Cacaalista* (1973). A obra mais esquecida de Inglês de Sousa foi o romance “*História de um Pescador*”, com nova edição publicada em 1990 pela Secretaria de Estado de Cultura do Pará (SECULT). As edições mais recentes também são da EDUFPA: *O Coronel Sangrado* (2003), com prefácio de Amarílis Tupiassu; *O Cacaalista* (2004), com prefácio de Vicente Salles; *História de um Pescador* (2007), com prefácio de Sílvio Holanda.

Uma curiosidade chamou profundamente a minha atenção, trata-se de um fato ocorrido em 2018, ano de centenário do falecimento de Inglês de Sousa. De

acordo com o jornalista Rômulo Vianna⁸, um parlamentar da Câmara Municipal de Óbidos sugeriu uma homenagem ao ficcionista de “O Missionário”: através de uma enquete, propôs-se a mudança no nome de uma rua do município por “Avenida Inglês de Sousa”. No entanto, o resultado, como já se esperava, foi uma rejeição quase imediata. Mas isso não é tudo, o lado mais chocante desse incidente foi a sua justificativa, pois, segundo atesta o jornalista, um dos vereadores alegou que “o pouco que [o escritor] fez já basta”. Restam as dúvidas sobre até que ponto este parlamentar (bem como os demais) desconhece da vida e obra de Inglês de Sousa. Será que este mesmo desconhecimento se reflete também na mentalidade da população obidense?

O fato é que um povo sem memória é um povo sem história, e creio que é por esta razão que o centenário do ilustre ficcionista obidense felizmente não passou em branco. Em setembro do mesmo ano, a prefeitura de Óbidos, apesar de todo o desprezo da Câmara, inaugurou um busto do escritor paraense na Escola Municipal de Educação infantil e Ensino Fundamental Inglês de Sousa. Este gesto simples, a meu ver, foi de suma importância para resgatar a memória de um dos maiores nomes da Literatura Brasileira de expressão amazônica, não só pelo “pouco que fez”, mas por ter mostrado ao resto do Brasil de fins de oitocentos que o povo amazônida (re)existe e merece uma representação também na memória nacional.

Figura 2 Busto de Inglês de Sousa em alusão ao centenário de sua morte (2018)

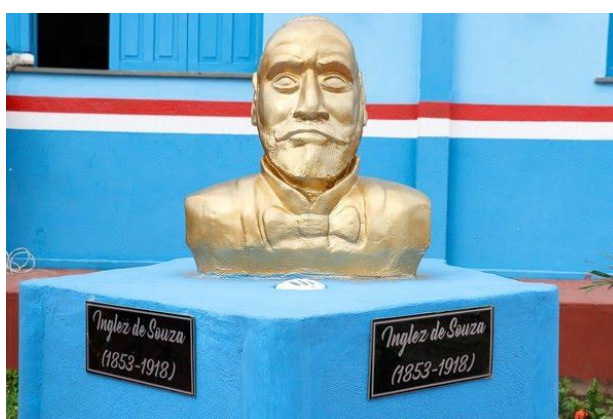


Foto: PMO/Divulgação

⁸Disponível em <https://www.jesocarneiro.com.br/cidade/obidos/ingles-de-sousa-e-sua-importancia-para-obidos-de-romulo-viana.html>

3.2 RESUMO DE SUAS OBRAS

O elemento ideológico, tão densamente representado nos textos inglesianos enquanto mecanismo que leva o leitor a refletir sobre temas políticos foi, de certo modo, negligenciado pela Crítica Literária. Se considerarmos os parâmetros de análise que ainda persistem nos grandes compêndios de história da Literatura Brasileira, Inglês de Sousa continuará ocupando uma posição de menor destaque. Faço então o seguinte questionamento: Que parâmetros são esses? Neste tópico tratarei de apresentar alguns argumentos que divergem da tradicional fortuna crítica.

A maioria dos teóricos da literatura tem por metodologia básica dividir a evolução histórica da literatura em “movimentos artísticos” ou “escolas literárias”, e dentro desses conceitos estão inseridos no topo da representatividade os autores que inauguram essas correntes. Inglês de Sousa é classificado frequentemente como escritor naturalista, pois o Naturalismo, tal como descreve Moisés (2013, p. 325-26), corresponde à tendência estética de exagerar cenas reais da vida humana, “afastando-se dos vestígios da arte romântica que ainda teimavam em permanecer no Realismo, procuram anular a distância entre a realidade e a ficção”. Por este ângulo, é válido afirmar que Inglês de Sousa foi o introdutor do Naturalismo quando publicou *O Coronel Sangrado* em 1877. No entanto, esse título permanece com o escritor maranhense Aluísio Azevedo, autor de *O Mulato* (1881).

A questão aqui não é distinguir o valor de um escritor, muito menos de alegar que o ficcionista de “O Cortiço” (1890) não tenha méritos de seu pioneirismo naturalista. Muito pelo contrário, o que se discute são as razões pelas quais um escritor se destaca entre os grandes, e nada é mais relevante do que ser o introdutor de semelhante tendência estética, e Aluísio Azevedo realmente produziu obras excepcionais nesse aspecto. Todavia, problematizar este assunto também é uma atitude saudável, por isso questiono “Por que Aluísio Azevedo **sim** e Inglês de Sousa **não**?” Paulo Nunes (2003, p. 61), atribui esse não-reconhecimento do ineditismo de Inglês de Sousa ao “silêncio e ao desprezo que se abate sobre os escritores do Norte”. Apesar de ser um cânone de nossa literatura, Inglês de Sousa é um autor pouquíssimo conhecido pelo conjunto total de suas obras, sendo estes resumidos a um único livro, *O Missionário*. Esse silêncio e desprezo pelos seus escritos não ocorreram por acaso, a professora Amarílis Tupiassu (2003) especulou

sobre as possíveis causas dos textos inglesianos não terem recebido o seu devido valor no campo da Crítica, e as hipóteses vão bem além do estritamente literário. Uma possível explicação seria uma suposta atitude tomada pelo próprio escritor em relação a suas obras.

O certo é que Inglês de Sousa só demonstrou interesse pela reedição de **O Missionário**. Os três livros anteriores, que integram o conjunto de **Cenas da Vida no Amazonas**, quando foram editados, o foram sob o pseudônimo Luís Dolzani, fato que já soa talvez como avaliação negativa. Do contrário por que o esconderijo do pseudônimo? Os livros precedentes a 1891, na visão do cioso estudante, poderiam ensombrecer a produção teórica de quem a si votava um futuro de grande relevância no Direito e na Política? O que se sabe é que o político e o jurista e o escritor naturalista de enorme projeção nacional não reeditou a obra elaborada antes de **O Missionário** (TUPIASSU, 2003, p. 13, grifos da autora).

A autora se refere ao ficcionista paraense em duas fases da sua vida, o *antes* e o *depois* de publicar **O Missionário**. De acordo com esses pressupostos, levanto a seguinte hipótese, a de que Inglês de Sousa, com base na sua vida e obra, nunca foi um escritor voltado com devoção ao ofício literário, sendo fiel aos preceitos que determinado estilo impõe. Na verdade, nenhum escritor se autodeclara pertencente a tal movimento estético, pelo menos não de maneira tão explícita, em que haja obediência a modelos pré-definidos de escrita, como se a crítica viesse antes da obra ser redigida. De todo modo, creio que na situação de Inglês de Sousa, faz-se necessária uma análise literária que investigue mais a função social de sua obra, que considere a cosmovisão do autor junto de sua criação, por mais que entre a ficção e realidade exista um abismo que separe esses dois polos. Tal como dizia Roland Barthes (2013, p. 31): “Quem fala? Quem escreve? Falta-nos uma sociologia da palavra”. Percebe-se então um lado educativo dos estudos literários, é nessa postura didática que se pretende mais adiante realizar uma leitura socioeducacional do romance “O Coronel Sangrado”.

Julgo necessário alinhar alguns pontos exteriores à obra para melhor entendimento de sua função social. Sabe-se que Inglês de Sousa relatou num inquérito promovido pelo jornalista João do Rio⁹ através da *Gazeta de Notícias*, que a inspiração de seus textos partiu de nomes como Erckmann-Chartrian, Balzac,

⁹Pseudônimo de **João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto** (1880-1921), foi um jornalista especializado na área das Letras com vasta produção intelectual. Reunia em livros as várias crônicas e reportagens que realizou ao longo de sua vida, dentre as quais se destaca a obra *O momento Literário*(s.d), em que se encontra o referido depoimento de Inglês de Sousa.

Dickens, Flaubert e Daudet, entretanto não se vê nenhuma referência ao expoente máximo do movimento naturalista: Émile Zola. Aliás, um parâmetro fundamental da Crítica Literária para categorizar um escritor em determinado movimento estético é a “fidelidade” do escritor aos postulados que dão origem a determinado estilo literário. No caso de Inglês de Sousa, a crítica alega que não houve compatibilidade de seus escritos às teses de Émile Zola, principal escritor naturalista, nem de Hypollite. Taine, principal teórico do Naturalismo (MOISÉS, 2016).

Com base nessas informações, defendo a teoria de que o romancista de Óbidos não tinha consciência de que precisava revolucionar a literatura realista, mas sim de que ele precisava discorrer sobre um tema que lhe era familiar: as cenas da vida amazônica. Em suma, a criação literária existe no *aqui* e no *agora*; a crítica, seja ela positiva ou negativa, é apenas consequência. Contudo, é inegável que a opinião da Crítica era de grande valor moral para o escritor, e por Inglês de Sousa ter, provavelmente, presumido que não teria uma boa recepção de suas obras naquela época, acabou que este se ocultou no pseudônimo Luiz Dolzani e, conseqüentemente, não demonstrasse interesse em reeditar as obras anteriores à *O Missionário*. Marcus Vinnicius Leite (2005), de maneira bem didática, conta uma história que descreve bem a conturbada vida literária do escritor obidense.

Um certo dia, Inglês de Sousa procurando, num “sebo”, o seu romance História de um Pescador, ouviu do velho alfarrabista a informação de que o livro era uma raridade bibliográfica. Ele o informou que a obra fora escrita por um médico italiano de São Paulo, um tal de Luís Dolzani. O escritor paraense perguntou que fim levou esse Luís Dolzani. O livreiro respondeu que ele morreu há muito tempo...Como se sabe, Inglês de Sousa assinou todos os seus romances com o pseudônimo Luís Dolzani, que era sobrenome de sua avó materna (Carlota Dolzani). Este acontecimento é paradigmático do destino infeliz que se apossou da obra do intelectual paraense: não tendo quase nenhuma repercussão no seu tempo, hoje é ainda mais desconhecida – com exceção do romance *O Missionário* (LEITE, 2005, p. 71).

Os romances que compõem o ciclo de Cenas da Vida do Amazonas são *O Cacaulista* (1876), *Histórias de um Pescador* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877), e todos foram publicados quando o então recém-formado bacharel em Direito trabalhava no jornal paulista *A Tribuna Liberal*, como editor. Nesse início de carreira literária, percebe-se que Inglês de Sousa já se encontrava inclinado à vocação política, e isto se reflete nas suas narrativas.

O *Cacaulista*, obra que inaugura a tríade amazônica, é tradicionalmente classificada pela Crítica como narrativa regional, por tratar de conflitos específicos de uma região, rompendo então com a *universalidade* do tema. Tal como observou Massaud Moisés (2016, p. 53), “Inglês de Sousa enfrentava as dificuldades inerentes à transferência do eixo narrativo para as regiões do interior, no caso próximas do rio-mar”. Essa mudança, aos olhares críticos do eixo sul-sudeste, sugere uma mudança de postura na análise literária, pois se está diante de um cenário incomum na ficção, a selva amazônica passa a inaugurar seu pano de fundo nas temáticas literárias.

Este primeiro romance transita pelos conflitos internos do jovem Miguel Faria, um jovem proprietário rural que trava uma batalha em duas frentes: De um lado, a disputa pelo terreno do Uricurizal contra o Tenente Ribeiro; do outro, o fato de estar apaixonado justamente pela filha de seu adversário: Rita. Encontrando-se em ampla desvantagem, a narrativa se encerra com a derrota de Miguel no processo pela posse da terra, além de perder a mão de sua amada para o Alferes Bento Moreira, um militar empobrecido, porém de origem fidalga (branca).

Figura 3 *fac-símile* das edições de 1973 e 2004 do romance O Cacaulista



Fonte: acervo próprio

A sinopse desta primeira obra de Inglês de Sousa suscita várias questões puramente estéticas e outras de matriz mais sociológica, para os quais faço uma análise conjunta, pois, de acordo com Antônio Cândido (2019), existe o fator externo

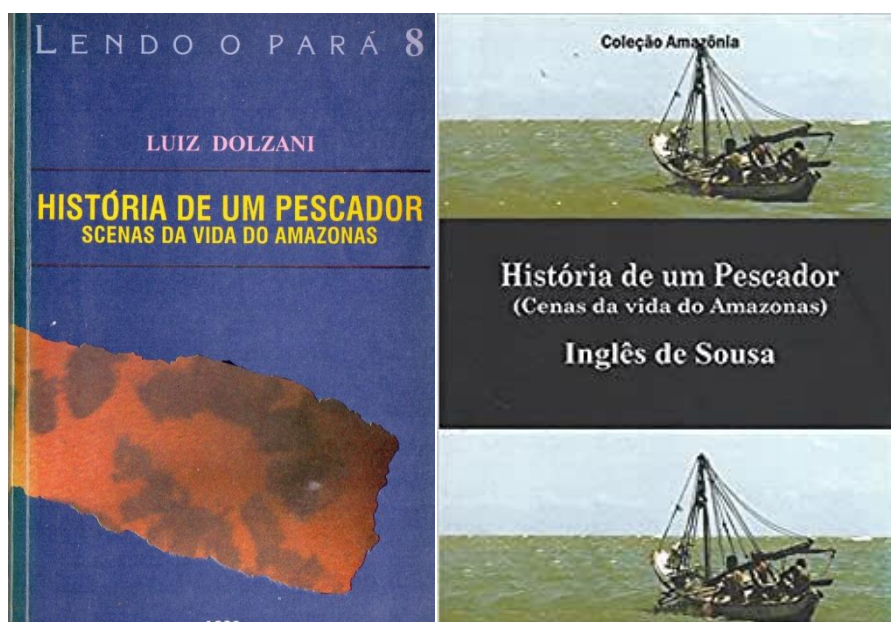
e o interno: o primeiro diz respeito a questões sociais (contexto, costumes, crenças etc.); o segundo sobre a narrativa em si (recursos técnicos, a verossimilhança, a polivalência do discurso etc.).

Esses dois fatores, segundo Cândido (2019, p. 14), se complementam sempre que a interpretação do leitor tornar isso possível, em outras palavras, “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.

Neste sentido, quando Rodrigo Otávio Filho (1955, p. 22) afirma que **O Cacaulista** é uma narrativa cujo trecho é “horizontal, rudimentar até, de nítida feição romântica, apesar de procurar fugir ao pieguismo de Macedo e ao indianismo de Alencar”, é correto afirmar que este imortal da ABL pode ter analisado os elementos sociais da obra enquanto meros componentes superficiais do texto e não de sua estrutura conjunta. Por outro lado, a socióloga Denise Rodrigues (2018) faz uma descrição mais aprofundada ao analisar um personagem isolado: o tapuio Martinho Mendes, que aparece no romance **O Cacaulista** e **O Coronel Sangrado** como um sujeito esperto, cuja principal arma de sobrevivência é a logração. A autora afirma que “Inglês de Sousa elaborou esta caracterização simbolizando física e moralmente um tapuio em quem não se deve confiar” (p. 126-127). Neste ponto é que se pode perceber a demarcação da posição e a função social do escritor, bem como a organização da sociedade a qual ela se refere, onde o sujeito encontra num cenário adverso um meio de obter vantagens.

História de um Pescador é um romance intermediário que nada tem a ver com os outros dois romances do ciclo de Cenas da Vida no Amazonas, porém este apresenta uma introdução dos temas que serão abordados em “Coronel Sangrado”: o funcionamento do sistema Coronelista na Amazônia e sua estrutura política. Lúcia-Miguel Pereira (1973), considera este romance “a mais fraca de suas obras [...] com personagens convencionais – o tapuio fala e pensa como um herói romântico – e só possui de verdadeiro justamente essa intervenção da natureza no drama humano”. Ou seja, seria um típico gênero novelístico, onde o autor apenas prepara um campo ideológico no qual a obra subsequente, o Coronel Sangrado, seria construído.

Figura 4 *fac-símile* das edições de 1990 e 2007 do romance História de um Pescador



Fonte: acervo próprio

Em HDP¹⁰, narra-se os sofrimentos de José Marques, um jovem tapuio que se vê aprisionado em dívidas para com o Capitão Fabrício, um rico proprietário de terras, recrutador em tempos de guerra e detentor de muita influência política. Em uma autêntica crítica social, Inglês de Sousa elabora uma narrativa eloquente, cuja intensidade dos argumentos denuncia uma realidade repleta de iniquidades praticadas por aqueles que detinham poder para aprisionar os trabalhadores através de dívidas inexistentes e ameaçá-los com o recrutamento ou a prisão. Em HDP, José tem sua noiva raptada por ordens do Capitão Fabrício, a resistência do tapuio impôs medidas drásticas por parte do militar, que enviou a sua “gente” para assassiná-lo. José, porém, sobrevive, e é acudido às margens do rio por um fazendeiro português. Nas palavras de um médico estrangeiro que o atende, o Dr. Benevides, é descrita o cenário aterrorizante em que os habitantes pobres daquelas paragens estavam submetidos.

Neste país a justiça é a vontade de alguns homens ricos que reúnem todos os pobres. As autoridades judiciárias nada fazem nem poderiam fazer ainda que quisessem. O juiz que se quer incumbir de punir o assassino de José, o pescador, terá contra si não só o Capitão Fabrício, poderosíssimo na política, mas até o governo provincial, interessado em que se conservem o

¹⁰Para facilitar a exposição, usarei esta sigla para se referir ao romance História de um Pescador.

poder e a autoridade ao mesmo capitão, forte agente de eleições. [...] No Amazonas, meu caro amigo, há duas espécies de homens. Os que mandam, que são capitães, tenentes-coronéis, subdelegados e até inspetores de quartelão, e os que são mandados, a população pobre e trabalhadora. São estes últimos que gastam as forças em um trabalho insano, são eles que fazem o pouco que vale o Amazonas; quanto à recompensa que recebem, o amigo tem um exemplo dela no desgraçado que caridosamente recolheu (SOUSA, 2007, p. 194-195).

Segundo Victor Nunes Leal (2012, p. 44), o sistema coronelista funcionava como uma espécie de troca de favores entre o Estado e a influência social e política dos chefes locais, geralmente de grandes latifundiários. Não era preciso, necessariamente, ser militar ou possuir a patente de coronel¹¹, bastava estar municiado de poderio financeiro e estar consolidado como liderança política. No caso do Capitão Fabrício, ele exercia as mesmas funções de um coronel, apesar de não ter essa patente. O favorecimento político combinado à força militar tornava Fabrício um personagem temido pelas paragens do Paraná-Miri, cujas atrocidades cometidas contra os moradores eram facilmente abafadas e ignoradas pelo Poder Público.

O Coronel Sangrado, o último romance do ciclo, é uma continuação do primeiro romance **O Cacaulista**, podendo ambos serem lidos como obra única.

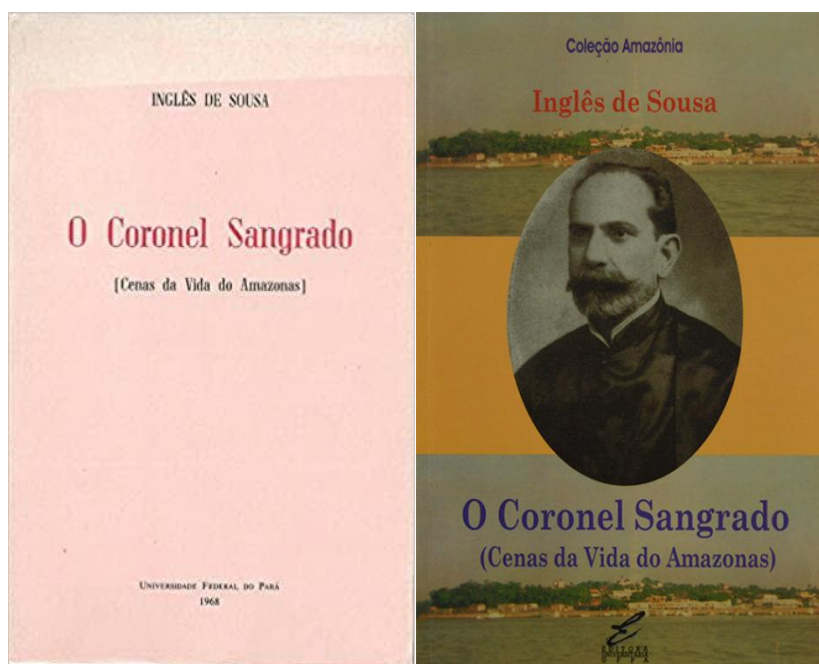
Desta vez, é apresentada a cena política da cidade de Óbidos, com suas intrigas, eleições fraudulentas, currais eleitorais, traições que marcam a volta do protagonista Miguel, agora um homem amadurecido, experimentado depois de trabalhar em Belém como depositário de confiança de uma firma de aviamento, com capital destinado a investir no comércio local. Os destinos e ambições pessoais se cruzam no embate político da pequena cidade, com os mesmos ingredientes das capitais: suborno, traição, compra de votos, autoritarismo, eleições que se constituem em mera farsa a favorecer ora os liberais ora os conservadores no controle da municipalidade e da Província. Sob este ângulo, o romance de Inglês de Sousa é primoroso, especialmente ao desvelar os mecanismos que sustentam as fraudes e que estimulam membros da estrutura dos partidos a se aproveitarem dos menores deslizes e descuidos para promover a substituição dos pequenos potentados locais. Chama a atenção a estrutura viciada do poder, a rapacidade e a mesquinhez nas lideranças (RODRIGUES, 2008, p. 163).

Como descrito acima, diversos temas podem ser abordados sob diferentes pontos de vista, cada qual com sua devida problemática em aberto. Vejamos então a

¹¹O aspecto que logo salta aos olhos é o da liderança, com a figura do Coronel” ocupando o lugar de maior destaque. Os chefes políticos municipais nem sempre são autênticos “coronéis. A maior difusão do ensino superior no Brasil espalhou por toda parte médicos e advogados, cuja ilustração relativa, se reunida as qualidades de comando e dedicação, os habilita à chefia. Mas esses mesmos doutores, ou são parentes, ou afins, ou aliados políticos dos “coronéis” (LEAL, 2012, p. 45)

questão das eleições fraudulentas, de acordo com o contexto histórico o qual a narrativa retrata, presenciavam-se as eleições municipais de 1870, então na época do Segundo Reinado, numa região interiorana, onde os olhares das áreas mais desenvolvidas não alcançavam, favorecendo assim uma onda de atrocidades e atos desumanos.

Figura 5 *fac-símile* das edições de 1968 e 2003 do romance O Coronel Sangrado



Fonte: acervo próprio.

A política brasileira no Segundo Império se estruturava na atuação de apenas dois partidos: O Conservador e o Liberal. Em Óbidos, o primeiro era representado pelo Tenente-Coronel Severino de Paiva Prestes; o segundo, pelo Tenente Ribeiro. Ambos, enquanto lideranças políticas, tinham como principal função atrair muitos votantes, e para isso os dois lados utilizavam métodos semelhantes: 1) A intimidação; 2) A compra de votos (voto de cabresto); e 3) A concentração de votantes em viveiros.

A **intimidação** funcionava por meio da ameaça do recrutamento forçado, vista na época como um dos piores castigos impostos ao cidadão comum, principalmente ao caboco/tapuio. Servir à Guarda Nacional era praticamente uma sentença de morte ou de sofrimento prolongado¹², daí a obediência aos caprichos dos militares.

¹²Das possibilidades de engajamento a mais temida era o da Marinha, por causas dos rigorosos castigos físicos e também por causa do afastamento que o engajado teria de sua terra natal.

Severino de Paiva, o detentor da alcunha de *Coronel Sangrado*, abusava abertamente de sua patente de Tenente-coronel, “já não podia ver um rapaz maior de quatorze anos que lhe não batesse no ombro, dizendo: - Boas costas para uma farda!”

A **compra de votos** ocorria durante o espetáculo da cabala eleitoral, em que os candidatos, acompanhados de seus cabos eleitorais e demais subordinados, saíam as ruas para disputar os votantes. Comprar um voto era essencialmente uma troca de favor, uma das principais matrizes do Sistema Coronelista, o comprador geralmente explorava uma necessidade do votante.

[...] O tenente Felisberto avistou em casa do Martinho, taverneiro liberal, um votante do Paranameri-de-cima; chamou-o e perguntou-lhe a razão por que ia votar contra o governo.

- É porque eu devo cinqüenta mil réis ao seu tenente Ribeiro, e ele me disse que se eu não viesse votar me tomava a canoa

[...] O tenente Felisberto abriu a carteira, tirou algumas notas do tesouro e disse-lhe:

- Vá pagar ao Apanha-tudo, para que não lhe apanhe a canoa, e venha ter comigo. Você não se há de se arrepender (SOUSA, 1968, p. 134).

Não bastava pagar pelo voto, era preciso garantir que aquele votante iria comparecer às urnas a favor do partido conservador, por isso este indivíduo era orientado a se dirigir ao *viveiro* do respectivo partido político.

Ambos os partidos tinham seus **viveiros**, funcionavam como grandes **campos de concentração**, onde se acumulavam os cabocos, estes eram alimentados a base de carne e cachaça até o dia da eleição, que ocorria na Igreja. Nesses locais só eram direcionados os votantes incertos, aqueles em que os militares não tinham muita confiança devido à grande possibilidade de traição. Por outro lado, havia os votantes seguros, que eram livres, porém em menor número. Nos dois casos, pesava o esforço dos cabos e patrões de garantir o maior número de massa eleitoral, seja por bem ou por mal.

Sem dúvidas, a véspera das eleições de 1870 é uma das passagens mais importantes do romance *O Coronel Sangrado*, não só enorme pela precisão de detalhes, mas também pela sua carga semântica durante todo o processo. A existência de viveiros já é por si mesma uma descrição macabra de uma forma de garantir apoio político forçado, mas essa atmosfera sombria cai por terra no dia da votação, no qual se dá mais um espetáculo: o ato eleitoral torna-se ideologicamente

sagrado, no momento em que “a cidade corria para o Largo da Matriz, pois era na igreja, o tablado da teatralização, onde ocorria a encenação das eleições” (LEITE, 2002, p. 102).

A sacralização do ato eleitoral é uma das representações ideológicas bem delineadas no referido romance. Compreender a literatura como documento histórico-social, em que a Ideologia possa ser extraída para finalidades socioeducacionais implica fazer um percurso pela noção deste conceito e de como ela se manifesta em todos os capítulos de **O Coronel Sangrado**.

4 IDEOLOGIA, EDUCAÇÃO E LITERATURA

A intenção de trazer os variados conceitos de ideologia serve para indicar a complexidade semântica que esta palavra assume em nossa sociedade e para contextualizar a escolha de um conceito que, a meu ver, se enquadrou melhor à análise do romance de Inglês de Sousa: a ideologia como **significações da realidade** voltadas para a produção, reprodução e transformações das relações de dominação em favor de uma classe dominante (FAIRCLOUGH, 2001).

Em seguida, sugiro um agrupamento dos seis paradigmas problematizados por Rildo Cosson (2021), em duas concepções de educação para o ensino de Literatura, ambas desenvolvidas com base nas perspectivas de Paulo Freire: a concepção bancária e a concepção libertadora. Na primeira, inclui os seguintes paradigmas: o Moral-gramatical, Histórico-nacional e o Analítico-textual; na segunda, inclui os paradigmas: Formação de leitor, Socioidentitário e Letramento literário. A reflexão acerca desses seis paradigmas serão úteis para a análise documental do texto **O Coronel Sangrado**, de Inglês de Sousa.

4.1 IDEOLOGIA: UMA PLURALIDADE DE CONCEITOS

O lexema Ideologia, segundo Oliveira (2011, p. 130), vem do grego *eidos* [ideia] e *logos* [discurso, conhecimento, ciência, etc.], que implica nessa versão etimológica, um conceito muito genérico, como “ciência ou conhecimento das ideias. Esta definição, por se apresentar incerta e obscura, sofreu diversas variações ao longo da história.

O filósofo Destutt de Tracy (1754-1836) foi quem divulgou o termo ideologia pela primeira vez. Em seu livro *Eléments d'idéologie* [Elementos de Ideologia], publicada em 1801, o autor propõe **o estudo científico das ideias** sob uma perspectiva racional, diferentemente das antigas abordagens teóricas baseadas na teologia ou na metafísica, por isso a ideologia designava, inicialmente, “uma ciência natural da aquisição, pelo homem, das ideias calcadas sobre o próprio real” (CHAUÍ, 1984, p. 25).

Quando Napoleão Bonaparte, imperador francês, ascendeu ao poder em 1804, em meio à atmosfera promissora da recente Revolução Francesa, Tracy dispunha de muito prestígio na intelectualidade da época, mantendo um grupo de

discípulos do enciclopedismo francês que representava o espírito crítico crescente, reclamando condições políticas para efetivar suas ideias (OLIVEIRA, 2011, p. 130). Porém, não tardou para que o monarca francês sentisse os possíveis efeitos de uma ciência crítica das ideias em seu governo, e passou a atacar Tracy e seus discípulos, atribuindo-lhes a razão dos insucessos de sua gestão, chamou-os, em tom pejorativo, de “ideólogos” e, ironicamente, de “metafísicos”. Com isso, o imperador terminou por inverter, propositalmente, o sentido pelo qual Tracy e seus seguidores davam forma às suas ideias.

O sentido pejorativo dos termos “ideologia” e “ideólogos” veio de uma declaração de Napoleão que, num discurso ao conselho de Estado em 1812, declarou: “Todas as desgraças que afligem a nossa bela França devem ser atribuídas aos ideólogos, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história”. Com isto, Bonaparte invertia a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos: eles, que se consideravam materialistas, realistas e antimetafísicos, foram chamados de “tenebrosos metafísicos”, ignorantes do realismo político que adapta as leis ao coração humano e às lições da história (CHAUÍ, 1984, p. 25).

O ponto de vista de Napoleão foi o que prevaleceu. Ideologia já não significava uma ciência das ideias e passou a ser uma concepção invertida e deturpada da realidade. Karl Marx (1818-1883) tomou emprestado o conceito napoleônico e o reelaborou sob uma perspectiva mais abrangente. Em estudo clássico, **A ideologia Alemã**, Marx se ateu a explicar um fenômeno histórico bastante peculiar que consistia na distância entre a vida social cotidiana e a estrutura das ideias. Esse afastamento se devia justamente ao *modus operandi* do sistema capitalista, em que a ideologia aparece como a **falsa consciência** ou **ilusão da realidade**, quando são legitimados os poderes de uma classe dominante. Em sua obra intitulada **18 Brumário de Luís Bonaparte**, Marx explica que há formas ideológicas de pensar que compõem a superestrutura por meio da política, do direito, da moral etc., e por meio delas os seres individuais e sociais tomam consciência da realidade. Todavia, essa consciência de realidade é sempre deformada, visto que apresenta as ideias das classes dominantes (OLIVEIRA, 2011, p. 130).

Para melhor compreender, podemos ver como o próprio Marx apresenta essa ideia:

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral (MARX, 2008, p. 47).

O filósofo comunista afirma que o modo de produção da existência em uma sociedade e as relações de troca do que foi produzido formam a sua base material. Essa base material determina a superestrutura social, em que se incluem as ideias, os valores, o sistema jurídico, religioso, político e a própria ideologia. Isto leva a duas concepções dicotômicas: 1) que são as ideias que determinam a realidade ou o que é a realidade e 2) que o modo de vida concreto que determina os pensamentos, sendo esta última a interpretação que vigora entre os marxistas da contemporaneidade. É neste ponto que se encontra o terreno fértil para pensamentos e práticas ideológicas.

Em síntese, a perspectiva marxista de ideologia – a de que é o modo concreto de vida que determina os pensamentos – é a que vigora na contemporaneidade e também a que mais sofre interpretações errôneas em seu conceito, principalmente na área política, em que ela se manifesta com maior intensidade. Um exemplo típico ocorre no discurso daqueles que se autodeclaram “antimarxistas” ou “anticomunistas”, defensores da implementação de políticas (neo) liberais, centradas na suposta efetividade inabalável do sistema capitalista, neste caso o termo “ideologia” tende a assumir definições pejorativas, em diversas vezes com acentuado grau de maledicência. Ideologia, nesta concepção, passa a significar “mentira”, “manipulação” e “distorção”.

Para Eagleton (2011, p. 36), a visão marxista de ideologia “representa a maneira como os homens exercem seus papéis na sociedade de classes, os valores, as ideias e as imagens que os amaram às suas funções sociais e assim evitam que conheçam verdadeiramente a sociedade como um todo”. Esse teórico compara a ideologia a um texto, envolvido em uma enorme trama de fios conceituais, nos quais se deve identificar o que há de valioso e o que deve ser descartado, tudo depende das intenções de quem está falando, sobre o que e com

qual intenção. Deste modo, o autor elenca algumas definições de ideologia atualmente em uso:

a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social; b) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social; c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante; d) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante; e) comunicação sistematicamente distorcida; f) aquilo que confere certa posição a um sujeito; g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais; h) pensamento de identidade; i) ilusão socialmente necessária; j) a conjuntura de discurso e poder; k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo, etc. (EAGLETON, 2019, p. 18).

Essa diversidade de significados se deve ao fato de que muitos estudiosos, ao longo do tempo, se dispuseram a problematizar o termo ideologia para além de Marx, enriquecendo-o e, gradativamente, superando suas antigas discussões teóricas. Como exemplo, temos o pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), para quem a categoria-chave na discussão desse pensamento não é a ideologia por si própria, mas sim a Hegemonia, a qual, segundo ele, é a forma como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados ao seu domínio.

Oliveira (2011) afirma que Gramsci considera ideologia uma concepção de mundo manifestada implicitamente em todas as manifestações da vida, sejam individuais ou coletivas, como a arte, o direito, a atividade econômica, entre outros. Ele parte do conceito de Marx de superestrutura ideológica, mas considera um erro identificar a ideologia como algo distinto da estrutura material da sociedade, e não concorda com a afirmação de que não são as ideologias que mudam as estruturas, mas o contrário.

Gramsci ainda discorda de que toda ideologia seja pura aparência, algo estúpido e inútil, ele vê a necessidade de se diferenciar as ideologias arbitrárias das ideologias historicamente orgânicas. Para ele, as **ideologias arbitrárias** criam movimentos individuais e polêmicos de luta, enquanto que as **ideologias orgânicas** são as necessárias a uma determinada estrutura, na medida em que organizam as massas humanas para a luta política, que é uma luta ideológica. É com base nisso que Gramsci destaca a importância do intelectual orgânico, o qual tem uma função fundamental no processo de conscientização política das classes populares, fazendo-as resistirem às ideias do grupo dominante, que são os que mediam a função da hegemonia e de comando, que significa o poder de um grupo social sobre

a sociedade com base no consenso, atrelado ao controle exercido pelo Estado sobre os indivíduos (OLIVEIRA, 2011, p. 131-132).

Diante de tantas considerações diferenciadas sobre o tema da ideologia, Konder (2020, p.23) afirma que o mesmo tem sido entendido historicamente como o “registro de pressões que se confrontam na atuação sobre o processo de elaboração do conhecimento”. Neste sentido, a produção do conhecimento está geralmente pautada em princípios ideológicos que ora definem um fenômeno tal qual ele é, ora ocultam a sua verdadeira face. De todo modo, a concepção clássica de “falseamento da realidade” sempre vem à tona, atribuindo à Ideologia uma feição negativa, porém não definitiva. Essa polissemia representa certa dificuldade na compreensão do conceito, conforme cita Löwy (2015):

É difícil encontrar na ciência social um conceito tão complexo, tão cheio de significados, quanto o conceito de ideologia. Nele se dá uma acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de equívocos e de mal-entendidos, o que o torna extremamente difícil encontrar o seu caminho nesse labirinto (LÖWY, 2015, p. 17).

Daí o cuidado de tratar da temática da ideologia com base em pressupostos bem delimitados no campo teórico, para não acabar disseminando interpretações equivocadas da realidade – principalmente entre os estudantes – e, conseqüentemente, comprometendo o desenvolvimento de seu pensamento crítico, ainda mais em tempos de fragilização do ensino. Neste sentido, renuncio à visão pejorativa de Ideologia enquanto mera ocultação da realidade ou do conhecimento, e passo a concebê-la em seu aspecto construtivo e problematizador, como “ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante”, conforme uma das definições mencionadas por Eagleton (2019, p. 18). São ideias que não são necessariamente falsas, mas que podem ser verdadeiras, dependendo do seu conteúdo, sua finalidade e do modo como ela é apresentada.

[...] uma ideologia não é necessariamente “falsa”: quanto a seu conteúdo positivo, ela pode ser “verdadeira”, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas **o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação**. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo — “verdadeiro” ou “falso” (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) — é funcional com respeito a alguma relação de dominação social (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: **para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta**. Em

outras palavras, o ponto de partida da crítica da ideologia tem que ser o pleno reconhecimento do fato de que é muito fácil **mentir sob o disfarce da verdade** (ZIZEK, 1996, p. 13-14, grifos meus).

Por esta ótica, percebe-se que a ideologia está entranhada nas palavras como se estivesse aguardando uma interpretação crítica. Analisar o discurso ideológico em sala de aula – que é uma preocupação no ensino e na pesquisa com objetos literários – implica sugerir atividades interdisciplinares que tragam o discente e o pesquisador para próximo do texto, entretanto é preciso admitir, de maneira conscientizada, que o ato de ensinar, tal como afirma Paulo Freire (2020a, p. 122), “exige reconhecer que a educação é ideológica”, por isso é imprescindível que em toda proposta de ensino-aprendizagem aconteça a problematização das ideias, e que estas estejam bem localizadas em seus contextos histórico-sociais.

Paulo Freire, em sua obra **Pedagogia da Autonomia** (2020), analisa a natureza ideológica da educação sob a metáfora da miopia, ou seja, de que a visão que se tem da realidade é precária, incompleta e embaçada. A perspectiva freireana de ideologia é semelhante à definida por Chauí (1984), de que a ideologia é a **inversão da realidade**, pois a miopia é oriunda justamente dessa inversão, que resulta também em falta de criticidade. Daí a tendência do indivíduo, em meio à sua vivência enquanto ser social, de naturalizar situações aparentemente comuns, porém controversas, como, por exemplo: de que o trabalhador é o culpado pelo o seu desemprego ou que o aluno é o culpado pela a sua reprovação em tal disciplina. A ideia de culpabilidade nesses dois casos possui uma dimensão ideológica condicionada pela visão de mundo das classes dominantes.

Os dois exemplos citados até podem se constituir em uma verdade, contanto que as suas circunstâncias corroborem o fato. Não seria o caso, num caso hipotético, que este cidadão se encontre desempregado por não aceitar abrir mão de seus direitos trabalhistas para se manter no emprego? Do mesmo modo, teria o estudante sido reprovado, não por falta de competência, mas por não ter as condições necessárias para se construir um bom desempenho acadêmico? Em primeiro lugar, tem-se a apresentação do fato; em segundo lugar, têm-se as possíveis causas do fato, que podem nos conduzir à problematização de duas realidades distintas. De um lado, há a inversão na relação **empresa/empregador x trabalhador**; do outro, a inversão na relação **escola x estudante**.

Esclarecido o fato de que a Educação é ideológica, conclui-se que o significado da palavra “ideologia” está sempre relacionado àquilo que não foi dito de antemão e requer problematização. Qualquer afirmação é digna de análise crítica, isso inclui o próprio ensino de Literatura, o qual será abordado no tópico seguinte, em uma reflexão teórica e pedagógica, à luz da perspectiva freireana de **Educação Bancária e Educação Libertadora**.

4.2 O ENSINO DE LITERATURA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

4.2.1 A perspectiva bancária do ensino de literatura

Na visão bancária da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão (FREIRE, 2020b, p. 81).

Os lisonjeiros atributos conferidos corriqueiramente à Literatura no que se refere ao uso da palavra de maneira artística, como sendo um “tipo de conhecimento expresso por signos verbais polivalentes” (MOISÉS, 2013, p. 278), concede ao texto literário um aspecto erudito e, supostamente, o coloca em uma posição hierarquizada do saber humano. Assim, a Literatura se insere, aparentemente, em uma categoria artística polêmica, acessível a uma determinada elite intelectual, alfabetizada e melhor favorecida, sobre a qual recaem todos os benefícios do usufruto das letras.

Como arte, a Literatura tende a se destacar entre as mais influentes, enquanto exemplo de saber erudito; como disciplina, a Literatura seria um caminho pelo qual o discente, principalmente o que é vitimado pela desigualdade, teria para se incluir social e intelectualmente na cultura letrada. Seria contraditória semelhante reflexão sobre a arte da palavra, pois, uma vez instituída a missão do docente progressista de democratizar a construção do conhecimento em sala de aula, seria descabido direcionar à Literatura uma imagem segregadora, reprodutora de iniquidades, por vezes arrogante, definidora de marcas sociais distintivas. Pois é exatamente desta forma que se estrutura o **paradigma moral-gramatical**, o primeiro paradigma do ensino de literatura relacionada à educação bancária:

A literatura do paradigma **moral-gramatical** é apresentada como o legado do melhor da produção cultural da humanidade[...]. O valor da literatura reside na função civilizatória implícita nessa ideia de legado, ou seja, ao entrar em contato com a literatura referenciada pela escola, os leitores têm o privilégio de acessar uma cultura superior. Dessa forma, eles terão a possibilidade de aprender a falar e escrever corretamente, fruir de maneira adequada as qualidades estéticas dos textos literários e incorporar valores éticos que são parâmetros para o comportamento social das pessoas 'educadas' (COSSON, 2021, p. 23).

Dá-se à literatura um valor e uma utilidade. O primeiro item está relacionado ao uso indiscretamente privilegiado da norma culta pelos autores mais consagrados pela crítica nacional; o segundo, pela possibilidade de assimilação de regras gramaticais e valores morais pelos estudantes. A educação literária, por este ângulo, tem o dever de despertar no discente a sua civilidade, colocando à disposição deste um número finito e bem selecionado de obras literárias, desde poemas a romances, todos incorporados a uma categoria respeitada da criação artística conhecida como “cânone”.

A noção de cânone (ou canôn) possui uma complexidade de significações que variam de acordo com a área do conhecimento com que elas se inter-relacionam, tais como ocorrem na Teoria Literária, na religião e nos estudos educacionais. Massaud Moisés (2013), ao tratar de Literatura enquanto ferramenta pedagógica, classificou o cânone como uma espécie de parâmetro que o educador literário deverá seguir a fim de organizar com eficiência o conteúdo a ser abordado em sala de aula. Ele ainda afirma que o cânone designa

[...] os princípios literários que permitem organizar a lista de obras autênticas de um autor, bem como as obras consideradas indispensáveis à formação dos estudantes. Ou ainda diz respeito aos postulados ou princípios doutrinários que norteiam uma corrente literária [...]; ou dos fundamentos ideológicos que sustentam a escolha de determinadas obras literárias para efeito pedagógico [...] (MOISÉS, 2013, p. 66)

Essas definições da palavra “cânone” são adaptações de seu significado original, que remontam à antiguidade. Na religião, especificamente na visão de mundo do Cristianismo, o cânone é o conjunto de textos autênticos que compõem a Bíblia Sagrada, neste sentido os livros **Gênesis e Êxodo** são livros oficiais ou cânones do Antigo Testamento. Por outro lado, existem obras que supostamente são fragmentos bíblicos, ainda não oficializados ou canonizados, por não terem seu reconhecimento histórico validado, tais como o **Livro de Enoque** ou do **Evangelho**

de Eva, os quais também são conhecidos como “apócrifos”. Se estes não são cânones, logo eles não possuem valor simbólico para terem espaço nos cultos cristãos, o que os tornam um conjunto de obras esquecidas ou, quando lembradas, tornam-se fontes de estudos documentais úteis para teólogos e historiadores.

O **paradigma moral-gramatical** toma emprestado esse simbolismo religioso de cânone para enfileirar as obras literárias de maior importância nos conteúdos programáticos. Literatura, por sua vez, adquire um significado estrito, composto por um conjunto de textos bem vistos esteticamente, cujo valor se mede pela sua historicidade e linguagem. Na contemporaneidade, como se observa na maioria dos livros sobre a história da Literatura Brasileira, a condição de cânone é direcionada ao artista e não necessariamente à sua obra. Neste sentido, pode-se afirmar que o escritor carioca Machado de Assis (1839-1908) é um cânone, por representar um dos maiores clássicos da história literária, enquanto que o escritor paraense Marques de Carvalho (1866-1910) é comparável a um apócrifo, por não se destacar entre os grandes escritores.

O professor adepto do paradigma moral-gramatical se transforma em uma figura erudita, cuja marca distintiva é o seu extenso conhecimento sobre as principais obras literárias valorizadas no passado. Os romances, poemas e demais fragmentos textuais – não necessariamente literários¹³ – são pré-selecionados de acordo com o caráter canônico, como em uma espécie de ritual, em que os mesmos autores e obras carregam em si a marca da autoridade. O discente, por sua vez, tende a memorizar as informações obtidas na disciplina e adicioná-las ao seu itinerário de leitura na condição de textos obrigatórios, oriundos do melhor que a arte literária pôde oferecer ao longo de sua história. Por estes e por outros motivos,

o cânone conserva seu caráter exemplar, ainda que as regras que nele se busquem mudem de um período para outro. Os alexandrinos, por exemplo, elegeram os textos que ofereciam modelos para usos gramaticais; Cícero e Quintiliano acreditavam que um orador precisava de textos que dessem corpo às distintas virtudes sociais; os professores do século passado buscavam nos escritos dos autores as regras para a formação do pensamento e da retórica de seus alunos (MOREIRA, 2003, p. 93).

O paradigma moral-gramatical caiu em desuso na escola, mas por um motivo natural, não por iniciativa deliberada pelos docentes. Assim, o que hoje se ensina

¹³Ou “quase-literários”, como a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), que para muitos críticos o seu valor literário se deve mais pela sua elaboração estética do que pelo seu conteúdo histórico-documental.

sobre literatura vai além dos ensinamentos morais e artísticos que esse paradigma sugeria, entretanto ainda há resquícios dele nas aulas da Língua Portuguesa, para a qual a Literatura tende a assumir apenas uma função complementar. A atuação da literatura no ensino de língua materna resgata um antigo hábito educacional que remonta os tempos da educação jesuítica, com a implementação do *Ratio Studiorum* (1591), um antigo documento que funcionava como uma espécie de PCNs do período colonial. Em uma relação de união entre o útil – a gramática – e o agradável – arte – a literatura era manuseada como uma ferramenta intermediária para a prática civilizatória dos povos indígenas, ou seja, a literatura tinha uma função estritamente pedagógica.

É habitual, ainda em muitas escolas, que a literatura seja utilizada para solucionar problemas de gramática normativa, cujo aporte metodológico é, geralmente, a análise dos aspectos estilísticos e ortográficos encontrados nos grandes clássicos da Literatura Brasileira. Pode-se, de acordo com esse fato, utilizar os romances e contos de Machado de Assis para o fim de analisar suas estruturas ortográficas e, desta forma, melhorar o domínio da norma culta. Outrossim, os textos antigos, por possuírem alto valor estético e gramatical, com base em seus recursos linguísticos são muito úteis para estudar figuras de linguagem, entre outras atividades de cunho normativo e que são, por vezes, complementares da disciplina Língua Portuguesa.

O legado deixado por esse paradigma é, sem dúvida, uma lista finita de cânones literários, além do uso cada vez mais gramatiquero de textos literários. Acredita-se que essa prática, na verdade, não ocasiona mal nenhum, porém há uma desvantagem nesse processo: não há compromisso com a fruição literária e, como sequência, perde uma parte de sua natureza primordial como arte a ser apreciada.

Como um paradigma nunca se dissolve com a diminuição de uso de suas práticas metodológicas, um possível paradeiro do legado moral-gramatical se encontra diluído na essência de um novo paradigma, que também o considero parte da concepção bancária de educação: **o histórico-nacional**. Este paradigma é, certamente, o mais polêmico dos seis que foram problematizados por Rildo Cosson (2021).

A polêmica se intensifica porque é nele que está presente a “concepção bancária” de educação em sua forma mais acabada, isto é evidente na forma que a literatura é vista pelo paradigma histórico-nacional:

a literatura é um saber basicamente escolar. Nessa condição, o objetivo maior da literatura como disciplina e prática escolar é formar o brasileiro como brasileiro, o cânone nacional funcionando simultaneamente como uma síntese histórica e, por sua condição artístico-estética, a expressão mais refinada da brasilidade. Em outras palavras, ensinar literatura é ensinar por meio do conhecimento sobre as obras literárias como nos constituímos e aquilo que nos define culturalmente como nação (COSSON, 2021, p. 46).

O ensino bancário de literatura, como se manifesta nesse paradigma, se dá na insistência em não ensinar Literatura, mas sim de falar sobre ela. Freire (2020, p. 80) argumenta que essa modalidade de ensino se restringe à transmissão de comunicados sobre tal assunto. Paulo Franchetti (2021) foi a fundo nessa problemática e descreveu em três etapas o passo a passo da metodologia empregada pelo paradigma histórico-nacional.

1. Em um primeiro momento, apresenta-se ao aluno um conjunto de traços literários, de procedimentos técnicos ou de temas, reunidos sob uma rubrica, como Arcadismo, Romantismo ou Realismo. O objetivo parece ser, em um segundo momento, fazer com que, dado um texto X, o aluno seja capaz de descobrir o “estilo de época” Y a que aquele texto pertence.
2. A seguir, identificados esses traços, passa-se a apresentar um conjunto de textos em que eles se encontram em evidência (nesse ponto, o organizador do livro ou apostila já tomou todos os cuidados para afastar textos e questões que não se enquadram no modelo...). O objetivo dessa etapa parece ser colocar a observação de um número razoável de textos a serviço da confirmação de pertinência e da importância dos traços com que se definiu o “movimento” ou a “escola” literária.
3. Por fim, o normal é explicar as “escolas”, entendidas como conjunto de procedimentos, temas e textos, por meio de um “panorama de época”, em que eles são postos em função de uma esquemática e superficial descrição da vida política e econômica do período (FRANCHETTI, 2021, p. 38).

Neste sentido, a Literatura se torna uma atividade exclusivamente escolar, pautada na perspectiva bancária de que ensinar consiste na transferência de informações conceituais de um sujeito conhecedor a outro desconhecedor. Não há iniciativa em incitar a curiosidade pelo objeto estudado, muito menos de exercer a dialogicidade. Ocorre, desta forma, uma cisão entre educador-educando, na qual o processo educativo é substituído por atividades mecanicistas e destituídas de problematização.

No paradigma histórico-nacional, mantém-se a ideia de cânone, porém com um significado mais restritivo. A este paradigma é direcionado um número razoável de escritores que, além de terem produzido obras autenticamente valiosas no ponto de vista estético, também ajudaram a construir um legado nacional para a cultura letrada. Esse determinado número de autores – dentre os quais vale mencionar o próprio Inglês de Sousa – está organizado em compartimentos simbolicamente eternos, conhecidos como movimentos estéticos ou escolas literárias.

O professor adepto desse paradigma opta, geralmente, por se manter em uma linha unidirecional de gostos artísticos, preferindo sempre abordar em sala de aula os textos eternizados pela crítica literária. Deste modo, nunca faltará nas bibliotecas escolares os grandes clássicos da Literatura Brasileira, todos eles organizados de acordo com seu período estilístico. O romantismo de José de Alencar, o realismo de Machado de Assis, o parnasianismo de Olavo Bilac, entre outras “cláusulas pétreas” da história da literatura, tornam-se materiais indispensáveis ao ensino e que não podem fugir ao alcance discente.

Essa estaticidade no ensino de Literatura é uma das manifestações evidentes da antidialogicidade teorizada por Paulo Freire (2020, p. 185), o qual a descreve como um conjunto de práticas sustentadoras dos mecanismos de opressão. Segundo este autor, a teoria antidialógica possui algumas dimensões fundamentais: uma delas é a da “conquista” e a da “divisão para manter a opressão”.

A seguir, serão feitas reflexões que ratificam a condição antidialógica do paradigma histórico-nacional, a começar pelo fundamento da conquista:

Todo ato de conquista implica um sujeito que conquista e um objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suas finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo (FREIRE, 2020b, p. 186)

O professor, habituado à leitura exclusiva dos autores canônicos, é o “sujeito da conquista”. Em sua mentalidade, o que é ensinado é o melhor da produção escrita já feita no Brasil, o que está sendo divulgado é a “boa literatura”, contra a qual não há oposição, muito menos qualidade estética semelhante nos dias atuais. O discente é o “sujeito conquistado”, o qual, por sua vez, incorpora todos os comunicados ao seu modo de analisar a literatura, compartilhando, assim, os mesmos gostos do educador.

A grande problemática da crítica a esse paradigma é a seguinte: por que a insistência em manter a ideia de superioridade obrigatória dos grandes clássicos? Essa hierarquia não é passível de questionamento? Onde se insere, por exemplo, nas práticas pedagógicas, a literatura de expressão amazônica?

Acredita-se que as outras formas de expressão literária estão localizadas na fronteira de um muro imaginário que divide os escritores “maiores” dos “menores”. Sobre essa ideia de divisão, que é outro fundamento da teoria antidialógica, Freire (2020, p. 190) argumenta que o objetivo do poder opressor é “enfraquecer os oprimidos mais do que já estão ilhando-os, criando e aprofundando cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos”.

O método opressor se dá pela invisibilidade histórica infligida contra os escritores de regiões menos desenvolvidas economicamente, principalmente os da região norte:

É fato que um cânone é constituído pela tríade: obra, leitores (aí a crítica literária tem papel preponderante) e mercado. E o cânone literário, no Brasil, tem, tradicionalmente, primado por centrar seu olhar nas obras produzidas no centro-sul, o espaço mais desenvolvido, porque mais rico, do país. Os autores das periferias que desejarem alcançar algum êxito, devem, geralmente, deslocar-se para o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, onde as editoras e a imprensa especializada detêm espaço privilegiado para manifestar-se (NUNES, 2007, p. 18).

Todavia, ressalta-se que a crítica feita por Nunes (20047) não recai sobre a existência do cânone, mas à venda de uma ideia de superioridade. Por outro lado, é inegável que o cânone deixou um legado imprescindível à compreensão da história da literatura, perpassando até mesmo as origens históricas da nação. O questionamento, por sua vez, se encontra na sua função como material escolar obrigatório, cuja metodologia ocasiona a exclusão de outras formas de criação literária produzidas em diferentes regiões do país, e pode-se inserir nesse contexto, a Literatura produzida no Pará. Como a escola prioriza o incentivo à leitura dos cânones, escritores como Dalcídio Jurandir, Eneida de Moraes, Bruno de Menezes, entre outros, talvez nunca alcancem os olhares do leitor paraense, e, se vier a alcançar, podem não ter o mesmo efeito de fruição estética transmitido pela leitura do cânone. Os profissionais da área educacional

[...] desqualificam quaisquer literaturas ditas das bordas – as de expressões regionais, as direcionadas virtualmente ao público infantil e juvenil, as africanas, as de testemunho etc., as consideram “meio-literárias” ou não literatura. – e não promovem o interesse de novas pesquisas no corpo discente (FARES, 2013, p. 84).

Junto a isso, emerge no meio desse processo a concepção bancária de Educação Bancária, tornando o ensino de Literatura uma atividade voltada unicamente para a transferência de informações sobre a Literatura, em detrimento de sua fruição ou de sua diversidade. O discente não estuda, recebe conteúdo apenas; o leitor, vitimado pela opressão bancária, também não interpreta o texto literário, ao invés disso ele recebe interpretações prontas de antemão.

Para fechar a reflexão sobre a perspectiva bancária do ensino de literatura, depara-se com o **paradigma analítico-textual**, cujo objetivo é “desenvolver a consciência estética do aluno para que ele possa reconhecer e apreciar adequadamente os textos literários de qualidade” (COSSON, 2020, p. 77). Retorna-se ao assunto discutido no paradigma anterior, a estética é novamente enfatizada como característica imprescindível ao texto, a diferença, desta vez, está no exercício da leitura analítica de textos pré-selecionados, os quais apresentem demasiado nível estético, sendo que

[...] O elemento que define a literatura para o paradigma analítico-textual é o grau de elaboração estética das obras, ou seja, é considerado literário todo texto que tenha uma alta elaboração estética. Daí que figurem na lista várias das obras clássicas, mas não todas as obras clássicas, assim como várias das obras canônicas, mas não todas as obras canônicas. Não basta ser uma obra referenciada do passado para ser considerada literária, ela precisa ter traços discursivos distintos, preferencialmente em nível linguístico, para ser incluída na lista (COSSON, 2021, p. 73).

À primeira vista, o paradigma analítico-textual aparenta ser mais libertário no que tange à fruição do texto literário e à formação do leitor crítico. Entretanto, duas observações não de ser feitas sobre a sua metodologia: 1) faz-se necessário ter uma concepção melhor definida sobre o conceito de literatura para poder trabalhar os textos em sala de aula e 2) persiste-se a divisão de obras literárias pelo seu nível estético, trazendo novamente ao debate o tema da divisão opressora, neste caso, especificamente, revela-se a noção de “literário” e “não-literário”.

A antialogicidade se manifesta quando há restrições metódicas sobre o que é e o que não é Literatura. Por certo que existe a definição mais aceitável sobre determinado fenômeno, e, no caso específico da literatura, até hoje não há uma

unanimidade sobre o seu verdadeiro conceito, uma vez que a origem do vocábulo tem sofrido diversas mudanças ao longo de sua história. Segundo Massaud Moisés (2013, p. 278), “a Literatura se distingue das demais formas e tipos de conhecimento da realidade pelo fato de exprimir-se por meio de palavras polivalentes”, isso quer dizer que a Literatura necessita da linguagem figurada, da metáfora, da imaginação criativa, de onde se possa extrair o gênero ficcional. Em síntese, Literatura é o texto, em verso ou prosa, que expresse ficção e imaginação.

O paradigma analítico-textual segue essa mesma linha de pensamento descrita por Moisés. Isto posto, passa-se aos procedimentos metodológicos de ensino, que se baseiam na análise do texto escrito. Neste ponto, abre-se uma observação: para a análise do texto, é preciso se manter atento à possibilidade de didatização da literatura. O professor estabelece um modelo de análise literária, como se fosse um especialista no tema; o aluno, por sua vez, assimila as orientações e põe em prática os comunicados do professor. Segundo Alves (2021, p. 462), essa metodologia contribui para a “alienação de quem lê, ao separar a obra de sua historicidade”, e disto é possível presumir que não está entre os objetivos desse paradigma, a problematização da narrativa literária, daí a sua antialogicidade.

Restringe-se à análise a função única de destrinchar o texto literário e extrair dele as suas características singulares, interpretando apenas os elementos que se limitam à tessitura narrativa, nunca ao que pode ser apreendido fora dele. Segundo Cosson (2021, p. 94), “a análise textual, por se centrar exclusivamente em elementos linguísticos, perde o contexto da obra e falha em compreender a sua inserção em um horizonte social e histórico, que também determina o seu significado”. Com efeito, a obra literária se transmuta num material de uso basicamente didático, aversivo à consciência crítica da realidade, limitadora de opiniões, restrito à leitura de palavras com significados latentes. Por não haver problematização do conteúdo, o ensino de literatura se torna integrante da educação bancária.

Em virtude dos argumentos até aqui defendidos, faz-se uma última reflexão, dessa vez de caráter pedagógico. Os três paradigmas analisados até aqui, são apenas fragmentos de uma educação que proporciona um baixo nível de compreensão da literatura, por isso eles precisam ser criticados e ressignificados.

Os paradigmas moral-gramatical, histórico-nacional e analítico-textual, revelam apenas a incompletude do ensino de literatura. As diferentes metodologias criticadas anteriormente sempre estarão suscetíveis a revisões de natureza epistemológica, delas podem ser extraídas boas práticas educativas, contanto que o educador esteja ciente que o foco de seu ofício é formar um leitor crítico e que, para isso, não pode impor ao aluno um nível de compreensão superficial, tecnicista e opressora das diversidades. Um paradigma, de sua parte, existe não para ser rompido radicalmente, mas para ser superado, reinventado, desconstruído; adaptá-lo às novas demandas educacionais, que busque superar antigas iniquidades, a fim de introduzir nas escolas uma educação plural, satisfatória e condizente com a realidade.

4.2.2 A perspectiva libertadora do ensino de literatura

[...] estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (FREIRE, 1979, p. 25).

Opta-se por limitar a este tópico uma reflexão sobre os três últimos paradigmas do ensino de Literatura descritos por Cosson (2021), seguindo esta sequência: **paradigma da formação de leitor, paradigma socioidentitário e do letramento literário**. Pretendo, deste modo, estabelecer um diálogo interdisciplinar entre os elementos constituintes da arte literária juntamente a sua função social de formação de leitores críticos.

O paradigma **da formação de leitor** abrange categoricamente os objetivos básicos da formação literária do discente. A leitura, por si só, é o começo do processo de formação da consciência crítica, não se restringindo, obviamente, à mera decodificação do código linguístico, o diferencial está na sua potencialidade transformadora, na sua pluralidade metodológica e nos resultados favoráveis emitidos pelo seu exercício. Essa concepção

da formação de leitor estende o rótulo de literário a um vasto corpo de textos escritos que circulam dentro e fora da escola, em um alargamento bastante generoso da categoria. São considerados literários textos muitos diversos que vão desde livros-brinquedos feitos para bebês até as obras canônicas das literaturas nacionais, passando pelos recontos da tradição oral e adaptação dos clássicos, gêneros paralelos e híbridos, como crônicas

e histórias em quadrinhos, canções populares e antologias de cordel, livros de imagens e romances em série, memórias e biografias. Em suma, praticamente toda a sorte de impressos que participa de alguma forma do mundo ficcional ou poético (COSSON, 2021, p. 129-130).

Percebe-se nesse paradigma uma intencionalidade mais desconstruída ao encarar o texto literário. Não há, como se viu nos paradigmas anteriores, um comprometimento excessivo em delimitar quais os aspectos estéticos constituintes da obra literária. Por esse ângulo, a Literatura assume um significado diversificado, ela deixa de ser uma formalidade e se torna um material mais acessível ao usufruto do leitor.

O ato de ler literatura é, grosso modo, uma alternativa para driblar a educação bancária em prol da libertação da consciência transformadora. Em uma interpretação problematizadora do ato de ler, considera-se o gosto pela literatura como uma qualidade individual do leitor. Ora, ler requer tempo e paciência, além disso, não é uma atividade natural, a língua escrita é uma invenção humana, daí as reações negativas causadas pela imposição do hábito de ler. Neste sentido, em uma reflexão pedagógica, o docente, em seu ofício, precisa abrir mão de alguns comportamentos mecanicistas, sendo um deles, o de ordenar automaticamente que os educandos assimilem o conteúdo do material didático sem antes lhe dar uma motivação. Esta motivação é, conforme, atesta o paradigma da formação de leitor, possibilitar ao discente o despertar do seu prazer pela leitura.

Neste ponto, faz-se uma observação, sobre o prazer do texto, que é, tal como afirma Barthes (2015, p.7), a contradição lógica, capaz de mesclar todas as linguagens, “ainda que fossem consideradas incompatíveis; que suportasse, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade”. Em outras palavras, a literatura se encontra em diferentes gêneros artísticos, num filme, uma fotografia, em uma revista em quadrinhos, o monumento literário é multifacetado.

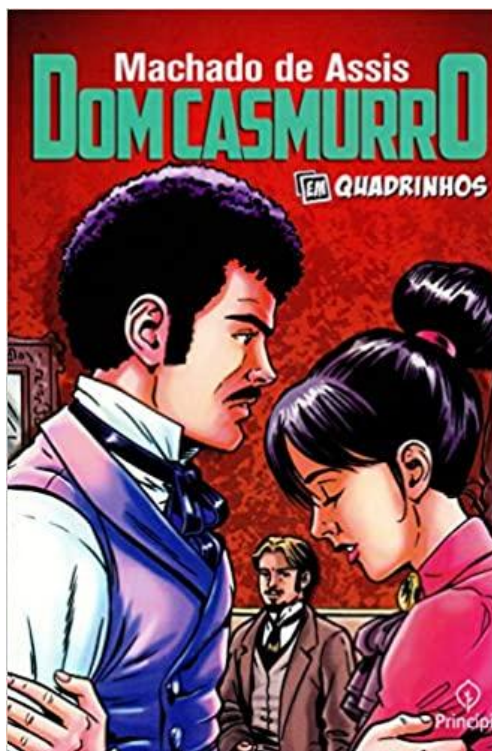
Deste modo, o presente paradigma se apresenta como uma proposta dialógica entre diferentes modalidades de tratamento da obra literária. Sendo esta, a expressão da imaginação criadora, é certo que a ideologia jamais passará despercebida por entre suas linhas, deve-se reconhecer inclusive que o ato de ensinar é, por assim dizer, um fenômeno ideológico (FREIRE, 2020a). Aqui, toma-se como exemplo o caso das revistas em quadrinhos: pelo ponto de vista formal e tradicionalista, não pode ser manifestação literária, porém facilita a aproximação entre o leitor e o gênero ficcional. Logo, pode-se afirmar que as revistas em

quadrinhos também são alternativas socioeducacionais de leitura. Elas, os quadrinhos,

formam-se por um grupo de personagens que representam, numa sequência de desenhos, intimamente relacionados, uma história, os quais estão vinculados a um contexto social e político. A natureza e as figuras de animais assumem formas de relações sociais e representam ações humanas [...]. Os quadrinhos, pelo fato de apresentarem um toque de humor, uma sátira e entrarem no universo do impossível e do imaginário, tornam-se importantes como veículos de comunicação visual em todas as idades e camadas sociais (OLIVEIRA, 2011, p. 136).

Existem romances de autores canônicos como Machado de Assis (1839-1908) e Aluísio Azevedo (1857-1913) que também foram adaptados para a versão em quadrinhos. Uma certa coerência que há entre eles é a não banalização da leitura, ler um *Dom Casmurro* em quadrinhos equivale a ler o livro, não em sua integridade, mas por um nível de compreensão semelhante. O diferencial dos quadrinhos é o conforto de sua apreciação, comparável à encenação de um gênero dramático, tornando a experiência ainda mais dinâmica.

Figura 6: Dom Casmurro: em quadrinhos (2019)



Fonte: Amazon.com.br

Há, ainda, uma leve crítica sobre esse paradigma, apesar de ele apresentar boas intenções na formação de um leitor crítico, ainda há limitações quanto à sua eficiência em sala de aula. Em primeiro lugar, há um afastamento do gosto do educando pelas obras canônicas, as quais, ao menos uma vez, deveriam passar pelo seu crivo analítico. Outra possível consequência a respeito desse paradigma é a ampliação exacerbada do conceito de “Literatura”. Apesar de todo objeto teórico ser passível de questionamentos e revisões, a arte literária corre o risco de equivaler erroneamente ao que se conhece por “bibliografia”.

[...] a premissa de que o texto escrito é indispensável à existência da Literatura gerou desmesurado alargamento da área semântica envolvida: tomando abusivamente a palavra, passou-se a utilizar, sobretudo, em nossos dias, expressões como “literatura científica”, “literatura médica”, “literatura filosófica”, literatura farmacêutica”, etc. O despropositado emprego resultaria da ideia pejorativa com que se encara o vocábulo “literatura” em certos setores do saber, ou de assumi-lo como sinônimo de texto “escrito”, seja qual for a natureza do seu conteúdo. Na verdade, bastaria substituir o termo “literatura” por bibliografia” para que o problema se resolvesse de vez (MOISÉS, 2013, p. 274).

Para contornar esses equívocos, deve-se realizar de antemão uma reflexão crítica sobre a própria prática docente, cuja intenção principal é a de formar leitores críticos. Segundo Freire (2020, p. 40), “o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática”. Dizendo de outro modo, não é necessariamente a teoria que deve servir à prática, mas o contrário, é a prática que deve servir à teoria. O paradigma da formação de leitor aponta, desta forma, para um compromisso teórico que visa orientar adequadamente a formação do discente sem tropeçar em generalizações ingênuas sobre as utilidades da Literatura, pois a mesma sempre estará acima das necessidades educativas, o seu significado artístico é inviolável, assim como o seu legado histórico, perpassado pela tradicional literatura canônica, as poéticas orais, as literaturas de expressão amazônica, os cordéis, etc.

Se neste paradigma o foco era conduzir o educando ao caminho da criticidade e ao gosto pela leitura, no **paradigma socioidentitário** a Literatura é vista como um produto cultural cuja essência transporta as heranças identitárias e as representações sociais de determinado contexto histórico. Isso significa:

Enquanto produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades, a literatura é um instrumento de resistência cultural e de luta em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse caso, a literatura pressupõe um engajamento político que se efetiva pela valorização de autores e obras, que representam e dão voz e protagonismo àqueles que foram e ainda são socialmente excluídos e discriminados por suas diferenças em relação à sociedade patriarcal e desigual (COSSON, 2022, p. 101).

Não foge à regra, por exemplo, de encontrar no texto literário indícios documentais que tratem das condições de existências de um passado longínquo. Este trabalho, como se verá no próximo capítulo, referente à análise socioeducacional do romance **O Coronel Sangrado**, utiliza a obra literária como recurso documental para se ter uma visão de como se manifestava duas ideologias muito presentes na comunidade obidense de 1870. Neste sentido, a Literatura de Inglês de Sousa é entendida por dois pontos de vista que se complementam: 1) ela é produto da imaginação criadora; e 2) ela é produto cultural demarcado pela cosmovisão de um ficcionista. Aproximam-se escritor e sua obra de arte; realidade e ficção se aglutinam, dando espaço para o desenvolvimento da concepção problematizadora de educação, e, com efeito, permite a conscientização no processo educativo.

A conscientização é [...] um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar “frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão (FREIRE, 1979, p. 26).

A reflexão pedagógica ocasionada pelo paradigma socioidentitário é a possibilidade de romper com a lateralidade do ensino de Literatura. Essa ruptura se dá por meio da busca pela elucidação da curiosidade, das inquietações impostas pelas problematizações das temáticas sociais que o texto literário lança ao debate.

Por outro lado, há uma série de entraves que dificultam os procedimentos metodológicos do paradigma socioidentitário, como, por exemplo, a reivindicação por parte de grupos conservadores de que o ato de ensinar deve ser despolitizado, ou, como se costuma dizer, neutro. Reforço, desta forma, a premissa de que nada na Educação é desprovida de ideologia ou de uma “visão social de mundo” – expressão descrita por LOWY (2015). Na verdade, a tentativa de se mostrar

ideologicamente neutro já é uma atitude, por si só, ideológica. Segundo Freire (1983, p. 53), “quem fala de neutralidade são precisamente os que temem perder o direito de usar de sua ineutralidade em seu favor”, todavia sempre haverá conflitos internos no ambiente escolar entre aqueles que preferem manter os *status quo* da educação bancária e aqueles que buscam superar as diretrizes conteudistas e dominadoras em favor de uma educação libertadora e humanizadora.

No que tange à função humanizadora da literatura, o paradigma socioidentitário corrobora com uma visão multidirecional no campo dos estudos educacionais:

A função da Literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ele é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ele é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2004, p. 176).

Para o ensino de Literatura, o **paradigma socioidentitário** tende a mostrar resultados positivos quanto à dialogicidade e a criticidade. O primeiro tem a ver com a colaboração, pois o uso da literatura em sala de aula requer o engajamento do leitor; o segundo, por sua vez, tem a ver com a sua problematização, pois não há produção de conhecimento se o objeto estudado não é confrontado em seus aspectos histórico-sociais.

Por último, e não menos importante, está o paradigma do **Letramento Literário**. Como já foi indicado no início deste trabalho, o resultado esperado da análise socioeducacional é contribuir para a formação de leitores críticos, e para isso utiliza-se uma concepção de literatura que esteja de acordo com a ideia de letramento:

Se a literatura é uma linguagem que se configura como um repertório e seu valor reside na experiência de sua multiplicidade, quanto mais desenvolvida for a competência de manusear essa linguagem, maior será o conhecimento do repertório e mais consistente e consolidada será a experiência literária, isto é, a apropriação do texto literário. Desse raciocínio resulta que a promoção do letramento literário na escola deve ter como objetivo desenvolver a competência literária do aluno (COSSON, 2021, p. 179).

Compreende-se neste paradigma, que a concepção de clássica de Literatura como “arte da palavra” é resgatada e expandida para uma visão democrática da construção do conhecimento. A noção de “competência literária”, tal como foi mencionada, tem a ver com a apropriação da Literatura pelo discente, essa apropriação implica adicionar a sua vivência cotidiana. Em outras palavras, a Literatura deixa de ser uma disciplina escolar para fazer da vida do educando, este enquanto ser social. Por outro lado, a Literatura mantém seu *status* artístico, ao mesmo tempo em que é exercitada na escola como alternativa de inserção social do discente à cultura letrada.

Segundo Alves (2021, p. 464), o Letramento Literário “se trata de algo construído ao longo do tempo durante toda a vida, e que não começa nem finda na escola, mas pode e deve ser alargado e lapidado por ela”. Cria-se, desta forma, uma reinterpretção da polêmica ideia de que a Literatura se ensina, alegando que, na verdade, ela deve estar à disposição do discente em qualquer momento de sua vida social e que a escola, por sua vez, seria apenas um espaço facilitador de seu acesso.

Uma discussão necessária faz-se necessária acerca da ideia de Letramento. Sabe-se que essa palavra não possui uma dicionarização adequada devido à sua recente implementação no vocabulário dos estudos educacionais, por vezes é confundida como um sinônimo de alfabetização. Magda Soares (2015) foi uma das primeiras autoras a problematizar o termo “letramento”, desmitificando a sua relação ambígua com o ato de alfabetizar. Quanto a isso:

O sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo ao “pé da letra” o inglês *literacy*: **letra** – do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2015, p. 18).

De acordo com a autora, o Letramento é um resultado complementar do processo de alfabetização, no qual o indivíduo, além de saber ler e escrever, também pode inserir essas habilidades na sua vida social, política, econômica, etc. Do mesmo modo, em se tratando de Letramento Literário, não basta o estudante saber ler poemas, contos e romances, se o mesmo não se apropriou da linguagem literária. Segundo Cosson (2021, p. 177), a literatura no paradigma do Letramento

Literário é “uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo em que vivemos”.

Tal assertiva pode ser incluída na teoria da ação dialógica como um ato de colaboração:

Enquanto na teoria antidialógica as massas são objetos sobre que incide a ação da conquista, na teoria da ação dialógica são sujeitos também a quem cabe conquistar o mundo. Se, no primeiro caso, cada vez mais se alienam, no segundo, transformam o mundo para a liberdade dos homens (FREIRE, 2020b, p. 229).

Olhando por esse lado, se o leitor amazônida, consciente de que a Literatura produzida em sua região é oprimida pela influência inquisidora do cânone, se apropriar das vozes literárias de sua região, o mesmo estará colaborando para a formação de uma sociedade leitora mais engajada. Para o engajamento, requer-se colaboração entre os diferentes atores sociais do processo educativo; o papel do docente é, além de aproximar o texto literário do educando, o de produzir as condições necessárias para a sua fruição, e isto se dá através do dialogicidade. Dialogar com as múltiplas mentes presentes em sala de aula resulta em uma educação mais democrática e intercultural, rompe com a colonialidade do saber, tornando o ambiente escolar um espaço de divulgação da diferença e do exercício crítico da leitura.

Antecipo, desta forma, que o objetivo da leitura socioeducacional que seguirá na próxima seção é voltada para a execução do letramento literário, mesmo que neste estejam presentes características de outros paradigmas, como o socioidentitário, o mais importante para a leitura do romance é a problematização do seu conteúdo, caso contrário não há aprendizagem efetiva. Via de regra, as metodologias de ensino dos outros paradigmas podem, de vez em quando, serem apropriadas e reinventadas para atender às necessidades do professor. Por outro lado, o que não pode ocorrer, em hipótese alguma, é a banalização da literatura, ao permitir que mesma seja utilizada para atividades acadêmicas sem objetividades concretas, reproduzindo os métodos opressores da educação bancária:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a

sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A Literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2004, p. 175).

De acordo com as palavras do sociólogo, a Literatura é indissociável da sociedade, pois ela é, categoricamente, a expressão das relações sociais, registros diretos ou indiretos, de uma realidade em constante transformação, apesar de uma essência fictícia. Isso explica a sua utilidade para a pesquisa documental, assim como a sua inserção na perspectiva libertadora de educação.

5 O CORONEL SANGRADO: LEITURAS SOCIOEDUCACIONAIS

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador (FREIRE, 2020b, p. 68).

A reflexão acerca do ensino da literatura tem sido uma preocupação constante de vários estudiosos, que têm proposto, inclusive, intervenções nesse sentido. Um exemplo particularmente ilustrativo é o de Antonio Candido, que escreveu *Na Sala de Aula* (1999), ensaios que são, basicamente, aulas de literatura reunidas em volume.

Nesse sentido, este tópico tem a mesma preocupação de Candido do ensino de literatura. Ocorre que aqui a preocupação é com a pesquisa de um texto literário, por isso, utilizamos a leitura como procedimento de análise, para a realização de uma reflexão de como pesquisar um romance. Esse procedimento de leitura de um documento literário é inspirado na perspectiva freireana, que almeja o diálogo e a problematização do texto. Precisamos ter em mente este princípio antes de partir para a análise dos trechos selecionados.

Como analisar um texto literário? Um bom planejamento poderia incluir criar um método de leitura, extrair temas. Minha intenção é sistematizar um método de leitura, que possa ajudar na observação do texto, a ter o que observar, a analisar, a tirar conclusões. O que estou propondo é que o pesquisador construa conhecimentos, por meio da leitura de documentos literários, aqui, no caso, por meio de um romance de Inglês de Sousa.

Um dos problemas apresentados em um método de leitura é que geralmente é constituído de muitas exigências, técnicas e conselhos, como constata Salomon:

Quantas vezes ouvi, em sala de aula, estudantes reclamarem de certos livros de técnicas de estudo, porque eram tantas e tão elevadas as exigências e “conselhos” ali apresentados que somente um ser perfeito seria capaz de praticá-los (SALOMON, 2004, p. 39).

Vamos retomar a nossa proposta metodológica estabelecendo procedimentos de como realizar o método de estudo por meio da leitura. Retomo os procedimentos

já postos na seção de metodologia, com base em Salomon, que propõe três fases: a fase global 1, a fase parcial e a fase global 2.

Na primeira fase, a **global 1** o pesquisador vai ter um contato “global” com a obra, constituindo-se como ponto de partida para o processo de aprendizagem, o que na teoria dialética do conhecimento corresponderia à “síncrise” ou “as abstrações e determinações mais simples” (LIBÂNEO, 1985, p. 145). Também poderia corresponder à “visão global indeterminada, confusa, fragmentada da realidade” (VASCONCELOS, 1992, p. 4) ou a “Mobilização para o Conhecimento” (VASCONCELOS, 1992, p.3).

Na segunda fase, a **parcial**, nos termos de Salomon (2004) ocorre a análise que consiste no “desdobramento da realidade em seus elementos, a parte como parte do todo” (LIBÂNEO, 1985, p. 145) ou à “construção do conhecimento” (VASCONCELOS, 1992, p. 3).

Na terceira fase, a **global 2**, ocorre a síntese, com “resultado da integração de todos os conhecimentos parciais num todo orgânico e lógico, resultando em novas formas de ação em uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas” (LIBÂNEO, 1985, p. 145) ou a “síntese do conhecimento” (VASCONCELOS, 1992, p. 3).

Pois bem, na fase global 1, escolhemos a leitura de um ou dois trechos de um romance em prosa. Neste ponto, um questionamento imediatamente se faz sobre a escolha pela leitura de partes específicas de tal obra: por que não se faz a leitura da obra inteira? Num ponto de vista teórico, desconsiderando todas as adversidades impostas no decorrer do processo de leitura integral de um romance seria totalmente aconselhável, entretanto há muitos entraves que impossibilitam essa prática, e a reflexão a respeito dessa questão é imprescindível. É impossível dar conta de toda uma obra de arte, é impossível dar conta, por exemplo, de todas as possíveis ideologias presentes em uma obra de arte ou de toda uma discussão sobre o contexto de época de uma obra como *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa.

Uma leitura da obra como um todo serve para aproximar o texto literário do domínio do leitor, sem intenções de escolarização, pois essas obras, antes de tudo, são manifestações artísticas do gênero ficcional, logo não podem se desviar dessa natureza. Afinal, Literatura se ensina? Se sim, este “ensinar” deve incluir práticas

pedagógicas que facilitem sua apreciação, tornando-a próxima do cotidiano estudantil.

A problematização do conteúdo se faz por meio de um estudo dirigido, ou seja, proporcionando certa independência para que o pesquisador possa construir suas próprias opiniões sobre os temas expostos. Essa proposta, que “mobiliza tanto um aspecto intuitivo e emocional [...], quanto racional e analítico” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 15), gera autonomia para que o pesquisador possa realizar leituras construtivas seguindo uma linha de raciocínio bem delimitada. O pesquisador deve, desta forma, se ater à facilitação da leitura, evitando se restringir a mero decodificador de informações a respeito do gênero discursivo em questão.

Segue o trecho selecionado para a proposta de leitura:

Trecho 1 (Capítulo IV)

[...] lembrou-se por fim o tenente-coronel de uma comadre, residente em Santarém, e muita afamada pela boa educação que dava às meninas entregues ao seu cuidado. Consultou-a por carta, e obtendo resposta favorável, embarcou-se num vapor com a filha, e foi-se para Santarém sem grande desgosto da mulher.

Era a comadre uma senhora portuguesa de ilustre nascimento pois era filha de um sábio médico português, estabelecido no Rio de Janeiro. Como e por que essa senhora, que nascera se não rica pelo menos abastada, fora parar em Santarém como preceptora de meninas, é o que não podemos dizer. O certo é que D. Maria da Cunha era o protótipo dessas senhoras, verdadeiras mães de família, que unem aos princípios de uma moral rigidíssima, uma ilustração variável, uma afabilidade nunca desmentida, um coração terníssimo, todas as virtudes invejáveis (SOUSA, 1968, p. 33).

Esse trecho foi extraído do capítulo IV, nele se encontra um ponto de intersecção no qual se pode identificar uma gama de temáticas cabíveis de problematização. Está-se diante da **ideologia do patriarcado**, em que é possível alavancar outras temáticas mais complexas, tais como o machismo, a educação feminina, as desigualdades na educação brasileira no Segundo Império, entre outros. Em síntese, os assuntos a serem pesquisados estão relacionados à superioridade da figura masculina em relação às mulheres, os quais, indelevelmente, perpassam a nossa contemporaneidade.

É um tema difícil, porém indispensável para problematização, e para sua efetivação na pesquisa documental via a leitura socioeducacional. Esse diálogo não se refere necessariamente à comunicação puramente informacional entre autor da obra e pesquisador; a ênfase dessa relação está centrada na práxis, ou seja, na

comunhão entre ação e reflexão, e, do mesmo, entre a objetividade da pesquisa e a subjetividade da arte.

A seguir, têm-se alguns “gatilhos” para definir os temas a serem tratados, eles vêm em forma de perguntas, para as quais contém algumas inquietações do pesquisador para gerar um diálogo interdisciplinar com o texto. Logo, de acordo com o trecho anteriormente citado, é válido fazer perguntas do tipo:

- 1) Por que o Tenente-Coronel levou Mariquinha para ser educada por uma mestra de meninas? Seria por razões familiares ou por uma necessidade política?
- 2) Que tipo de educação D. Maria da Cunha ofereceu a Mariquinha?
- 3) Qual a dimensão ideológica, os objetivos e os resultados esperados da educação feminina? Estamos diante de uma reivindicação de cunho patriarcal?

Essas quatro sugestões de perguntas tentadoras de problematização estão de acordo com pressupostos do **paradigma do letramento literário**, defendido por Rildo Cosson (2020, p. 177), uma vez que se discute a função transformadora da Literatura, pois ela se apresenta como “um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos”. Do mesmo modo, essas quatro direções podem ocorrer simultaneamente como numa reação em cadeia, em que os assuntos aparecem de forma mais criativa e produtiva.

Conforme a problematização ocorre, novos questionamentos podem ser elaborados, caminhando para além da formação de hipóteses. Em outras palavras, quando se utiliza a pesquisa de um texto literário como palco de diálogo entre diferentes visões de mundo, visando exercitar a criticidade na argumentação, está-se realizando um ato político. O elemento político é essencial na pesquisa. Essa carga política se deve à função gnosiológica da Educação, como afirma Paulo Freire.

Creio poder afirmar, [...] na altura dessas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica em função de seu caráter *diretivo*, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua *politicidade*, qualidade que tem a prática educativa de ser *política*, de não poder ser neutra (FREIRE, 2020a, p. 68).

Eis um detalhe importante no ato de pesquisar: não há como permanecer neutro diante de um fenômeno social que reproduza injustiças e imoralidades. O patriarcado é, neste aspecto, historicamente real e contextual, além de seguir trazendo consequências para a atualidade, daí a importância de tomar uma posição durante o processo dialógico, objetivando conduzir uma educação libertadora e transformadora compatível com a nossa realidade social.

Contudo, faz-se uma observação: é fundamental que o pesquisador, ao fazer uso de conceitos complexos, como o de **ideologia** em suas diferentes dimensões, esteja bem municiado de conteúdo teórico. As citações diretas utilizadas no tópico subsequente são simbolicamente ilustrativas, já que a mesma deve seguir sua própria marcha de acordo com o conhecimento prévio do tema, tal como afirma Ângela Kleiman (2004, p.13), de que o “leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. Ciente disso, vai-se à análise da ideologia do patriarcado a partir de um trecho do romance de Inglês de Sousa.

Sobre a **Ideologia da Civilização**, chega-se à leitura do segundo trecho. Retomamos a metodologia do estudo eficiente proposta por Salomon (2004), acrescentando a ela algumas reflexões complementares, o qual apresentará um nível de discussão visivelmente mais complexo, porém de grande valia para o processo de problematização devido à sua pluralidade temática.

A seguir, eis o segundo trecho da análise socioeducacional:

Trecho 2 (Capítulo 15)

Depois de se interessar muito pela saúde do jovem amigo, o português admirou-se de vê-lo ainda ali, no Paranameri, a matar carapanãs, quando já o fazia há muito tempo em Óbidos. Um rapaz educado na capital, preferir viver entre os matutos do Paranameri, pescando tucunarés e arpoando peixe-boi, a estar ao menos na cidade de Óbidos, a conversar com os doutôres e a namorar as raparigas bonitas, principalmente as mulatas que têm fama entre tôdas as mulatas do Amazonas (SOUSA, 1968, p. 113-114).

A discussão na fase designada por Salomon (2004) de parcial, a partir deste trecho, pode ocorrer em várias direções: pode centrar-se no vocabulário que aparece no trecho, pode entrar no conteúdo literário; no estilo utilizado pelo autor, nos significados atribuídos ao caboco ou Tapuio ou matuto; pode direcionar-se para situações de caráter macrossocial, como o processo de colonização que os portugueses fizeram na Amazônia.

A seguir, tem-se algumas possibilidades de direções a serem seguidas durante a interpretação do trecho selecionado:

Primeira possibilidade – podemos fazer perguntas como: por que o português chama os moradores do interior de matutos, de tapuios? Será que o português se acha dono do mundo, dono das pessoas, dono das terras para convencer Miguel de que o seu lugar ali em meio àquela gente? É justo tratar as pessoas com essas designações? O que elas significam? Podemos chegar a diversas conclusões como a que morar na cidade é algo ruim, na visão do personagem português Inácio Antunes e que este é muito preconceituoso.

Segunda possibilidade – contextualizar o trecho escolhido trazendo informações sobre o município de Óbidos para mostrar a localidade de Paramirim, estabelecer diferenças entre o que se faz na cidade e o que se faz na zona rural, ribeirinha. Historicizar a origem de Miguel que foi para cidade grande e lá se tornou civilizado, questionando o que é preciso para se mudar de classe, de *status* social. Questionar a mudança do nome da aldeia dos Pauxis para a atual Cidade de Óbidos.

Terceira possibilidade – discutir as várias hipóteses ao ler esse trecho, buscando visões diferenciadas sobre o texto lido. No caso, poderíamos sugerir que se constituísse as posições: uma posição o ponto de vista do colonizador português, outra posição a da classe alta residente em Óbidos; uma terceira, a que defende os moradores de Paramiri, com o objetivo de tornar a análise do trecho de literatura um “objeto propício para a formulação de hipóteses” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 20) distintas de leitura, fornecendo argumentos para que tomamos uma posição sobre os personagens e sobre a situação política atual e da época.

A primeira direção que apresentamos se aproxima mais do **paradigma socioidentitário** defendido por Cosson (2020). Uma vez que discute aspectos identitários e crenças ideológicas; a segunda direção também faz uma discussão social, porém se aproxima do paradigma da **formação do leitor**, uma vez que se faz um alargamento da obra; a terceira possibilidade de direção valoriza os traços estilísticos, o que faz a obra se aproximar das metodologias empregadas pelo paradigma **analítico-textual**. Todas as direções se conectam em um ponto em comum: do paradigma do **letramento literário**, ou seja, tem-se de uma possibilidade de garantir maior criticidade ao processo interpretativo, para construir intervenções

na obra, o que permite a problematização e, conseqüentemente, a reconstrução dos sentidos para fins pedagógicos e interdisciplinares.

O próximo passo é a fase designada por Salomon (2004) de global 2 ou **síntese** do que foi discutido. Neste ponto a intenção é justamente o de se aproximar do romance. Ora, a obra só é interessante de fato quando o leitor se entrega ao deleite de sua narrativa; oferecer análises já prontas, antecipando o seu desfecho, torna a obra obsoleta à finalidade educativa e causa prejuízos ao processo de aprendizagem.

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. E somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens que poderemos, se útil e necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto (BRAIT, 1985, p. 11).

Uma última observação a ser feita antes de rumar para a problematização da ideologia da civilização, repete-se o que foi proposto na análise anterior, o pesquisador não deve permanecer neutro em situações em que ocorram discriminação, mesmo que se trate de uma história fictícia, pois a postura diante do texto literário deve ser a de despertar sua criticidade. Assim, deve tomar um partido perante o ato de pesquisar:

O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber (FREIRE, 2020a, p. 59-60).

Ciente disso, parte-se à análise do segundo trecho, sob a égide da consciência crítica, que procure na Literatura resquícios de um passado-presente, a da ideia polêmica de civilização, marcada por uma dimensão ideológica inquietante perpassada pelos seguintes temas: a condição de “homem civilizado”; as diferenças

sociais entre o rural e o urbano; a “matutice” do homem caboco; e a erotização da mulher negra.

5.1 A IDEOLOGIA DO PATRIARCADO

Vamos localizar, dentro do romance, o contexto em que se passa o trecho 1, o qual se refere à ideologia do patriarcado, expresso nas possíveis crenças que podemos deduzir nos papéis das personagens. A referida passagem foi extraída do capítulo IV, momento em que são narrados alguns incidentes marcantes na família do Tenente-Coronel Severino de Paiva Prestes, também conhecido como Coronel Sangrado, de sua filha única, Mariquinha, e de sua esposa, D. Venância. Mais adiante entra em cena D. Maria da Cunha, mulher portuguesa e conhecida no Amazonas como sendo uma preceptora (educadora/instrutora) de meninas.

O centro da nossa análise deverá se ater à observação das estruturas fundantes do patriarcado na educação feminina, sobre quais são os resultados esperados desse tipo de educação e quais são as consequências deste modelo patriarcal de ensino. Para tanto, faz-se necessário compreender o que é o patriarcado e sua larga influência no que se conhecia por “Educação Feminina”.

O patriarcado se manifesta como uma ideologia centrada na inferiorização da mulher em relação aos homens – como padrão de dominação, de crença em uma inferiorização. A rigor, o patriarcado é o “sistema político modelador da cultura e dominação masculina” (AKOTIRENE, 2019, p. 119). Em síntese, o sistema patriarcal se constitui em um modelo de sociedade no qual as vontades masculinas são sempre prioritárias; logo, às mulheres caberia a função de atender ou se submeterem ao padrão cultural machista. Outra justificativa lançada pelo patriarcado para instituir a superioridade masculina estaria na imutabilidade da visão social de mundo de que o homem tem o direito absoluto de exercer funções relevantes em sua comunidade, pois elas são compatíveis com a “natureza masculina”. Neste sentido, depreende-se que as mulheres estariam legitimadas a não seguirem funções incompatíveis com sua “natureza feminina”; logo, não existiria, por exemplo, uma mulher parlamentar, empresária, filósofa ou atleta, pois o patriarcado restringe a sua participação nessas funções. A elas, caberia unicamente o dever de cuidar

dos filhos e dos afazeres domésticos, o que mantém o sistema ideológico de dominação dos homens em relação às mulheres.

A seguir, o quadro mostra um levantamento dos assuntos a serem discutidos sobre o papel da mulher na sociedade patriarcal.

Quadro 5. Ideologia do patriarcado.

DISCURSOS IDEOLÓGICOS	AÇÕES	
	PRECEPTORA D.MARIA DA CUNHA	MARIQUINHA
<ul style="list-style-type: none"> • A função da mulher é ter filhos, cuidar dos mesmos, cuidar da casa e do marido. • A mulher deve ter boas maneiras. • Arrumar um “bom” marido. • A mulher deve ser sustentada pelo marido. • A moça devia ser de família rica. O dote pelo casamento. • A educação deve ser rigorosa e acauteladora. • A mulher deve ser mãe, com princípios morais rígidos, ser afável, coração terno, virtuosa. • A mulher não deve se meter na política. • As mulheres são delicadas. • As mulheres precisam atender a todos os interesses do pai ou do marido, se submeter às suas vontades e pretensões. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transformar a personalidade de Mariquinha. • Preocupar-se com a educação moral de Mariquinha. • Instruir Mariquinha a atender aos requisitos de feminilidade típicos de uma sociedade patriarcal. • Inserir Mariquinha no caminho para tornar-se uma “mulher Ideal”. • orienta as mulheres de seu papéis sociais determinados. • curar a infelicidade de Mariquinha. • estabelecimento de hierarquia, de padrões de comportamentos estabelecidos e determinados. 	<p>Antes de ser educada adequadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abalada psicologicamente. • Fragilidade emocional. • Hábitos reclusos <p>Após ser educada adequadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resignada em sua figura feminina. • Preparada para o convívio social. • Adaptada aos padrões de feminilidade. • Arrumar um pretendente para casar-se. • Fazer as atividades domésticas. • Cumprir sua sina: ser solteirona, “velhita”. • ser transformada em mulher recatada e do lar.
	VALORES	
	<ul style="list-style-type: none"> • Rigor • Virtuosidade • Posse de conhecimentos instrutivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Resignação • Submissão • Bons princípios morais • Letrada/alfabetizada • Esperteza • Docilidade • Inteligência • Virtuosidade • fragilidade • Obediência • Adaptação

Elaboração própria (2022)

Tem-se quatro personagens bem delimitados no primeiro trecho, todos eles com uma função específica precursora de suas ações: o Coronel Sangrado, D. Venância, Mariquinha e D. Maria da Cunha.

Sobre Severino de Paiva Prestes, o Coronel Sangrado: em caráter amplo, é o homem público de grande importância para a política em Óbidos, chefe do partido conservador, maioria dominante na municipalidade, forte procurador de votos em época de eleição e recrutador em tempos de guerra. No âmbito doméstico, é supostamente um pai atencioso, provedor do sustento da família, representante tradicional dos pilares patriarcais de formação familiar, esta composta por homem, mulher e filhos, todos submetidos ao peso de sua autoridade simbólica como chefe da casa.

Sobre D. Venância: figura raramente mencionada no romance, contudo trouxe consigo a primeira consequência visível da privação educacional a que as mulheres eram submetidas. D. Venância era analfabeta, logo não tinha nenhuma formação instrutiva que lhe possibilitava educar as suas crias adequadamente. Ao invés disso, desenvolveu em sua personalidade uma característica explosiva, entremeada por certo grau de narcisismo, que se mostrou nocivo à criação de Mariquinha.

Sobre Mariquinha: na condição de filha única do casal, Mariquinha inicialmente é uma criança depressiva devido à péssima educação recebida de sua mãe. Entretanto, após receber bons ensinamentos em uma escola de meninas de Santarém, recompôs-se em uma jovem mulher resignada à sua função feminina. Para Severino de Paiva, a sua filha é uma espécie de ponte pela qual o coronel poderá transferir seu poder político a um herdeiro, neste caso, para o seu futuro genro, por meio do casamento arranjado com Miguel, este sendo recém-chegado de Belém.

Sobre D. Maria da Cunha: é a preceptora ou educadora de meninas. Mulher portuguesa, sua origem europeia lhe atribui uma boa referência para a prestação de serviços educacionais. Como educadora de meninas, a sua função é domar o comportamento das moças, levando-as a desenvolver as qualidades certas de uma “mulher ideal”.

A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupação doméstica e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (BASSANEZI, 2008, p. 608).

Identificados os sujeitos do discurso, vai-se à análise crítica do texto. Essa análise se dá por meio da problematização de situações pertinentes a Educação de

meninas no Brasil Imperial de 1870. Esclarecido esse ponto, vamos encontrar no trecho, passagens inquietantes relacionadas às crenças, valores e ações delineadas pela ideologia do patriarcado.

Primeiro questionamento: as razões pelas quais o Coronel Sangrado tomou a iniciativa de levar Mariquinha para receber uma educação de qualidade são de cunho familiar ou afetivo ou de cunho político e social?

Pois bem, deve-se lembrar que Mariquinha é filha única, condição que a torna herdeira do capital político do Coronel. Desta forma, se uma vez entregue à sua fragilidade emocional, juntando isso aos abalos psicológicos oriundos do convívio com a mãe, aconteceria de, futuramente, Mariquinha não servir aos planos de ser oferecida em casamento para Miguel, prejudicando, assim, a reputação política do líder do partido conservador. Percebe-se a presença de segundas intenções por parte de Severino, a preocupação era mais de natureza política do que afetiva. Não se poderia assumir o risco de entregar a filha – quase em uma relação de moeda de troca – a um pretendente naquelas condições. É tentador, no entanto, pensar na utilidade da mulher como um bem material que pode ser negociado, diversas vezes contra a sua vontade, para atender às reivindicações de uma sociedade excessivamente patriarcal, em que as relações de poder e dominação do público feminino terminam por ser um registro naturalizado pelo padrão cultural daquela época.

Segundo questionamento: que tipo de Educação D. Maria da Cunha ofereceu a Mariquinha?

Entra-se numa discussão de caráter histórico. Para poder descrever como era a educação de mulheres no Brasil Imperial, é preciso voltar no tempo e buscar nas leis educacionais criadas naquele período, especificamente de acordo com os artigos 6º, 11º e 12º da *Lei de 15 de outubro de 1827*.

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de aritmética, pratica de quebrados, decimais e proporções, as nações mais gerais de geometria pratica, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionando à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da aritmética só as suas quatro

operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileira e de reconhecida honestidade [...] (BRASIL, 1827, s.p).

A lei promulgada em 1827 previa uma suposta equidade na função docente exercida por homens e mulheres. Entretanto, esses artigos, inevitavelmente, acabaram assumindo uma característica excludente no momento em que limitam as mulheres de aprenderem conhecimentos mais complexos. Os homens eram formados para manter o ciclo da dominação masculina, a eles era direcionado um horizonte extenso de saberes acadêmicos, visando a possibilidade de os educandos, futuramente, ocuparem cargos públicos importantes.

A mulher, todavia, não tinha os mesmos privilégios, pois haviam entreveros constitucionais e morais que a impedia de compartilhar saberes em comunhão. A começar pelas instituições de ensino, que eram separadas por gênero, como indica o artigo décimo primeiro; em segundo lugar, são ensinados às meninas conhecimentos diferenciados, que são atribuídas ao dever das mulheres, tais como os afazeres domésticos, cozinhar, cuidar dos filhos, ter bons princípios morais, dando continuidade ao ciclo de submissão obrigatória em relação aos seus senhores, ou seja, ao pai, ou aos irmãos ou ao marido.

Voltando-se à situação de Mariquinha, a mesma precisava corrigir dois problemas: 1) o seu psicológico abalado; e, 2) a sua preocupante melancolia. Neste sentido, a educação proposta pela mestra portuguesa era baseada nos princípios da mulher culta, recatada, dócil e submissa, que atenda a todas as reivindicações dos homens da família, principalmente de seu futuro marido. Era uma educação “domesticadora”, cujo intuito principal era apaziguar os ânimos da moça, devolvê-la à sua “sina” de pessoa de ser uma pessoa obediente e ciente de seu lugar na sociedade.

Terceiro questionamento: qual a dimensão ideológica da Educação Feminina, sendo esta previamente baseada nas vontades patriarcais?

A ideologia do patriarcado, de acordo com o trecho 1, está delineada em duas linhas de raciocínio, a da invalidez e a da reparação. Mariquinha é vista como uma pessoa inválida, completamente à margem da sociedade, desqualificada, discriminada. Por outro lado, tem-se a reparação, exercida pela preceptora D. Maria da Cunha, cujas prendas são dignas de repetição por suas alunas, seus métodos

educativos visam inculcar e manter o *status quo*, comparável à manutenção de um objeto danificado. Podendo

[...] pensar que, onde quer que exista a família patriarcal, o patriarcado renasce sempre, mesmo que as relações patriarcais tenham sido abolidas em outros âmbitos da sociedade. Independentemente da opinião que se tenha sobre isso, o fato é que, enquanto existir machismo como ideologia, as relações patriarcais podem ser restabelecidas com facilidade, mesmo que tenham ocorrido mudanças legais que as proscrevam (LERNER, 2019, p. 324).

Em outras palavras, a dimensão ideológica do patriarcado é a prevalência da dominação masculina sobre as mulheres. Optamos por fazer uma analogia a perspectiva de Freire (2020, p. 122-123), de que a ideologia é “a ocultação da realidade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes”. A metáfora da miopia corrobora a assertiva de Lerner, de que a estrutura patriarcal é facilmente restabelecida, pois, contanto que tenhamos uma visão distorcida da realidade, a tendência é a reprodução inconsciente dos ditames patriarcais.

Neste sentido, lançamos a seguinte provocação, ancorando o que está expresso no trecho um: o Coronel Sangrado, se tivesse ao menos um filho para o qual pudesse transferir sua progênie política, poderia simplesmente ignorar a condição de Mariquinha, atribuir ao seu estado emocional uma dimensão histórica? Estando ciente de que o “personagem de ficção é, antes de tudo, um problema linguístico, logo não existe fora do texto” (BRAIT, 1985, p. 11), a resposta presumível, considerando todos os fatores sociais de época, seria “sim”. A mulher, no ponto de vista do patriarcado, é dispensável, é útil para atingir determinada finalidade.

Neste sentido, Severino de Paiva se mostrou aparentemente um pai amoroso e preocupado com a saúde mental de sua filha, mas por outro ângulo ele obteve um benefício a longo prazo: uma filha restituída em seus valores morais, educada e obediente, apropriada aos requisitos do matrimônio. D. Maria da Cunha honrou sua vocação ao curar a moléstia de Mariquinha, mas por lado a educadora, em face da severa miopia infligida pelo sistema patriarcal, acabou contribuindo para a naturalização definitiva da dominação masculina.

Finda a análise do referido trecho, torno a comentar sobre a nossa postura enquanto leitores. Por meio de um estudo crítico dessa breve passagem do

romance, confirmamos o fato de que não somos neutros em situações de injustiça ou discriminação. A ideologia do patriarcado, no Brasil oitocentista, era indiscreta e serenamente aceita como princípio moral norteador da soberania masculina. Além disso, as consequências do patriarcado persistem em nossa contemporaneidade, como ocorre na desigualdade de gênero no mercado de trabalho, principalmente nas diferenças salariais; na misoginia e no machismo explícitos nos discursos de ódio que pregam o afastamento das mulheres de certas atividades do dia-a-dia, sob a alegação de que lugar de mulher é em outro lugar que não aquele. São discursos que reagem contra o fato das mulheres ocuparem cargos que outrora eram exercidos majoritariamente por homens. É a esse tipo de problematização que o leitor crítico precisa estar atento.

5.2 A IDEOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO

Primeiramente, localizemos o trecho dentro da obra, o mesmo foi extraído do capítulo XV do romance *O Coronel Sangrado*. Nele, encontra-se uma reflexão sobre o ponto de vista do homem português, Inácio Antunes, sobre a permanência do protagonista Miguel Faria na região conhecida como “Paranameri”, bem como o seu modo de viver em meio à comunidade obidense. A principal característica presente no discurso do estrangeiro está na sua essência colonizadora, apesar de o Brasil, já nesse período histórico – os acontecimentos descritos no romance se passam no ano de 1870 –, ser uma nação independente, porém, detentor de uma herança colonialista praticamente indissociável quando o discurso parte de um indivíduo europeu.

Outro elemento digno de problematização está no uso pejorativo da palavra “mulata”, que designa não apenas uma categoria racial, tal qual se conhece tradicionalmente por miscigenação entre brancos e negros. Na referida passagem, por exemplo, a mulata é uma mulher com atributos sensuais, sedutores, com fama de namoradeira, cuja erotização excessiva a torna objeto de desejo sexual. Para alcançar esse nível de criticidade apenas por deduzir em uma única palavra de que o tema da erotização da mulher negra é uma unanimidade no texto, recorre-se aos artifícios da Análise Crítica do Discurso, os quais implicam uma postura crítica em face do texto a fim de desmitificar as suas ideologias.

Definida a **Ideologia da Civilização** como palavra-chave dessa leitura, a seguir encontra-se um quadro com as principais ideias extraídas do segundo trecho:

Quadro 6. A ideologia da civilização

DISCURSOS IDEOLÓGICOS	AÇÕES	
	PORTUGUÊS InácioAntunes	TAPUIOS
<ul style="list-style-type: none"> • É viver em um lugar “desenvolvido”, industrializado, urbanizado, moderno. • Quem é do interior é atrasado no tempo. • São “incivilizados” – não possuem uma cultura desenvolvida. • São rudes, tapuios, do mato. • As mulheres são mero objeto de prazer do colonizador. • A mulher negra é naturalmente sensual, facilmente seduzida. • A mulata, especificamente, é uma mulher faceira, namoradeira, sedutora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acabar com a “selvageria”. Impor a “civilização”. • Acabar com o atraso da humanidade. • Tornar-se proprietário das terras dos que moram nas matas e beiradas de rios. • Não se importar com as “coisas” do campo. • Viver na cidade grande. • Ser moderno, ser doutor. Ser da “fidalguia do Para”. • Designar os outros como “matutos”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Confiar na vontade e boa fé dos outros. • Ser conformados com a situação de inferioridade. • Viver da caça e da pesca. • Ser da classe baixa. • Ser analfabeto • Atrasados. • Revoltar-se, constituir quilombos.
	VALORES	
	<ul style="list-style-type: none"> • Superioridade • Dominação-exploração 	<ul style="list-style-type: none"> • Aceitação • Obediência • Submissão • Adaptação

Fonte: elaboração própria (2022).

Vamos iniciar problematizando a palavra “Civilização. Para Norbert Elias:

O conceito de "civilização" refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos (ELIAS, 1994, p. 23).

O conceito de civilização, nos termos postos por Elias (1994) se assemelham ao de Cultura, originando a ideia de que quem não é civilizado, não tem cultura. De acordo com a leitura do trecho 2, subentendemos que a ideologia da civilização impõe, da parte do estrangeiro, uma visão de superioridade em relação ao nativo. Esta ideologia está pautada na valoração das considerações dos civilizados, dos que moram ou que passaram por um processo “civilizacional” nas grandes cidades, como em Belém. No caso do romance de Inglês de Sousa, a grandeza do ambiente urbano se expande para as demais municipalidades, como Óbidos, por exemplo, por ser, apesar de sua localização interiorana, a parte mais desenvolvida da cidade.

Óbidos, desta forma, assim como a capital paraense, é um centro de cultura, onde habitam os “homens públicos” oriundos de lá, figuras importantes na administração municipal.

Como saber então que o português exerce a sua soberania europeia em relação aos moradores de Óbidos? Duílio Ramos, em seu clássico manual **História da Civilização Brasileira**, de 1961, destinado para o primeiro ano da escola normal, defende que dentro do conceito de Civilização há uma proximidade com a noção de progresso, segundo ele:

Civilização quer dizer Progresso. Progresso material e não material. Consiste o Progresso em “ter sido suavizada a luta pela subsistência”. Implica, pois, o aparecimento de melhores condições de vida. Condições materiais espirituais. Melhores moradias, melhores alimentos, melhores agasalhos – elementos da vida material. Melhor ambiente moral – base da vida espiritual (RAMOS, 1961, p. 1).

A posição desse autor nos ajuda a refletir na seguinte linha de raciocínio: Miguel era, antes de transferir para Belém, um *caboco* – “*Kaa-book* (saída ou tirado do mato)” (VARELA, 2020, p. 32), implicando não ser civilizado, não falar a língua do branco –, idêntico aos demais moradores de Óbidos, cuja única marca distintiva está na sua origem racialmente privilegiada, por ser filho de um português. A partir do momento em que começou a viver na capital paraense, Miguel passou por uma espécie de “aculturação”, na qual sua personalidade “matuta” passou por uma evolução simbólica, em que o indivíduo se apropria das características típicas da “civilização”, do melhor que a cultura ocidental pôde lhe oferecer.

Tal assertiva de Ramos (1961) mostra como o processo de ideologização se deu na formação do homem brasileiro; outras temáticas, como as do eurocentrismo e etnocentrismo vêm à tona em meio à nossa discussão. Neste sentido, Inácio Antunes, o português, é, por excelência, um indivíduo superior em relação a todos os habitantes da região, devido à sua origem europeia – visão eurocêntrica; Miguel, por sua vez, é superior em relação aos outros *cabocos*, por ter vivido na cidade adquirindo status de civilizado, sendo assim pertencente a um grupo social privilegiado – conforme a visão etnocêntrica.

Civil, civilidade, civilizar, civilização possuem a mesma origem etimológica do Latim *civilis*, *civita* (cidade), “*Ciuiliter* que era traduzido como cortesmente – *ciuillis*, como coisa da cidade, ou cortes, *ciuicus* – coisa de cidadão” (CARDOSO, 1570, p.

37.). O termo civilização se opõe a rústico, bárbaro, selvagem, denominações atribuídas aos povos tidos como inferiores, pelos países imperialistas europeus, em meio à expansão do capitalismo.

Johnson (1997) esclarece que civilização se opõe aos caçadores e coletores

que são muitas vezes denominadas de “primitivas” por aqueles que se consideram civilizados. Essa distinção frequentemente inclui pressupostos sobre a superioridade moral destes últimos, que a história e estudos culturais entre culturas demonstram, que na maior parte, carecem de fundamento. Na verdade, alguns autores argumentam que o desenvolvimento da civilização ocidental – completa com bem-estar organizado de massa, extensa poluição ambiental, alienação, exploração econômica e opressão social – sugere decadência moral (JOHNSON, 1997, p. 35).

Num diálogo teórico coerente, Nobeit Elias (1994) corrobora a dimensão complexa do discurso civilizatório. Segundo este sociólogo a noção de civilizado:

refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos (ELIAS, 1994, p. 23).

Em síntese, a ideologia da civilização envolve a crença de que o homem da zona urbana é cultural e moralmente superior ao morador do campo. Essa distância é simbólica, revela um processo de dominação na relação colonizador-colonizado ou civilizado-matuto. O termo “civilidade”, que também estamos utilizando, se aproxima do conceito de civilização, para indicar um modo de estruturação da ideologia que promove censuras e proibições, controlando os comportamentos dos atores sociais em seu convívio, nas relações assimétricas entre quem vem da cidade grande e quem mora nas áreas ribeirinhas.

A civilidade, nesses termos, cria e impõe um conjunto de normas de conduta, de comportamentos voltados para a relação opressor-oprimido. Em sua dimensão ideológica, a civilidade busca instituir um “corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social” (EAGLETON, 2019, p. 17), uma vez que essas ideias e padrões de comportamento possuem raízes na civilização.

O termo “matuto” utilizado por Inácio Antunes refere-se aos habitantes de Óbidos que não possuem experiência com a civilização. Nos dizeres de Veríssimo (1970)

Sabe-se hoje que na língua tupi-guarani, a mais espalhada e geral entre os índios do Brasil, a palavra tapuio (tapyia, y igual ao u francês, porém gutural) era, como bárbaro dos romanos, uma denominação genérica do desprezo, que se davam entre si os indivíduos de outras tribos, e que nada naquela língua significava não só o hostil, mas o escravo. [...] Assim ela passou a nossa sociedade, onde designa todo indivíduo descendente de índio e é muitas vezes empregada com menosprezo, a modo de afronta (VERÍSSIMO, 1970, p. 14).

Ou seja, o matuto é o **tapuio**, é **caboclo**. Pode-se inferir que esses dois termos possuem equivalência semântica com os adjetivos “atrasados” e “selvagens”. Pela ótica da ideologia da Civilização, o caboco/tapuio é inferiorizado em todos os aspectos, que variam no tempo e no espaço, inclusive se estendendo ao plano linguístico, como ocorreu no processo de nomeação das cidades brasileiras.

Vejamos então a cidade de Óbidos, anteriormente se chamava Vila de Pauxis, como atesta Arthur Reis, em seu livro *História de Óbidos* (1979), em memória das antigas comunidades indígenas que habitavam aquelas paragens antes da invasão europeia. Posteriormente, conforme foram postas em prática as determinações legais da política desenvolvida por Marquês de Pombal (1699-1782), no século XVIII, cuja característica marcante foi a adequação linguística das terras dominadas com os valores nacionais de Portugal, sendo um deles a imposição violenta da língua portuguesa e abolição das línguas nativas e quaisquer traços alusivos à cultura classificada como bárbara. Logo, o nome Vila de Pauxis, passou a se chamar Óbidos, em homenagem à cidade homônima portuguesa.

À guisa de finalização do debate acerca das representações do habitante do interior amazônico, ressalta-se que a ideologia da civilização, em um ponto de vista prático, se dá por meio da observação. Trata-se do estudo internalizado por parte de um indivíduo observador, ciente de sua superioridade, o qual pode expressar externamente sua visão de mundo direta ou indiretamente através de suas crenças, valores e ações. Deste modo, obtêm-se as seguintes conclusões: 1) o português, como Inácio Antunes, é, obrigatoriamente, um representante de um mundo moderno e evoluído, centrado na supremacia europeia; 2) o homem cidadão, independentemente de sua origem bárbara, adquire os *status* de civilizado por adaptação ou convivência, o mais importante é ter vivido na zona urbana para adquirir ares de evolução, como é o caso de Miguel Faria; 3) o caboco ou tapuio é o “atrasado”, uma pessoa dominada por aqueles que controlam os meios de produção, indivíduo facilmente usurpado em razão de sua boa vontade, ingenuidade e

vulnerabilidade, qualidades estas que adicionam ao conceito de civilização uma significação contraditória, por revelar um clima de intensa desigualdade social.

Finda a discussão sobre o homem civilizado, tratemos de outro termo em particular, a palavra “mulata”. Nas entrelinhas da frase “namorar as raparigas bonitas, principalmente as mulatas”, o português Antunes deixou entendido que a mulher negra é um objeto sexual, disponível a satisfazer os desejos masculinos. Em um ponto de vista histórico, a imagem da mulata sempre foi muito erotizada, lembra a relação entre a escrava e seu senhor.

Percebemos o quanto a ideia de servilismo doméstico e sexual ficou marcada no que concerne à imagem da mulher negra, pois ao passo que esta estava presente nas casas grandes cozinhando e lavando para as mulheres brancas, eram obrigadas a satisfazer os desejos e exigências dos senhores. Criando-se assim, uma relação de coisificação, onde o ser humano não representa nenhum valor diante daquele que detém o poder e o status de superior (CUNHA; PAIVA, 2017).

Essa sexualização da mulher negra está evidente no discurso do português, ainda sob aquele olhar colonizador, do invasor europeu que conquista o território e domina seu povo. Há resquícios nessa discussão também da ideologia do patriarcado, pois o que está em evidência neste trecho é claramente uma relação de dominação do homem sobre a mulher. No entanto, um questionamento preliminar faz-se necessário: não seria exagero interpretar essa frase pelo seu lado meramente racial, uma qualidade física?

A resposta é definitivamente “não”, porque todo fragmento textual pode ser analisado criticamente. Aliás, acontece com frequência de a intencionalidade do texto não estar necessariamente centrada no que se diz, mas em como se diz. A leitura crítica serve para ampliar nosso nível de compreensão sobre um determinado fenômeno, dialogando, se possível, com outras áreas do conhecimento, por isso é fundamental para nós, enquanto leitores, exercer a interdisciplinaridade na formulação de uma hipótese.

Esclarecido isso, passemos a contextualização histórica da mulher negra da forma em que ela é retratada no trecho. Se na referida passagem, diz-se que Miguel costuma namorar as mulatas do Amazonas, então subentende-se que há uma facilidade maior de se relacionar abertamente com mulheres negras, ao contrário das mulheres brancas. A explicação para esse fenômeno está nas questões morais envolvidas no processo e no racismo nas relações interpessoais vigentes no Brasil

oitocentista, ainda assolado pela escravidão.

Para se ter uma ideia, a sexualização da mulher negra no Brasil é uma herança colonial, para a qual a estudiosa feminista Lélia Gonzalez (2019) pontuou fazendo analogias com as consequências visíveis na atualidade.

Vale observar que a expressão popular [...] “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” [...] tornou-se uma síntese privilegiada de como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha, e que é superexplorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc., que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada; como um corpo que gera prazer e que é superexplorado sexualmente, ela é a mulata dos desfiles de Carnaval para turistas, de filmes pornográficos etc., cuja sensualidade é incluída na categoria erótico-exótico (GONZALEZ, 2019, p. 62).

Pode-se deduzir que na história da escravidão no Brasil, a mulher negra foi a mais vitimada pela exploração do trabalho, pela misoginia e pelo racismo. Vamos por partes, a autora cita uma expressão popular da qual podemos levantar hipóteses em sequência.

- 1) “É branca para casar”: analogia racial feita em relação à moralidade matrimonial. A mulher branca é preparada para o casamento, é reservada, atende às exigências do marido, inclusive as de natureza sexual. A mulher negra, por outro lado, não é digna do casamento, porém, sob uma perspectiva pautada no branqueamento da população brasileira, a mulata passa a ter um destino “adaptável”, adquirindo um direito exclusivo, no ponto vista moral e religioso, dos brancos.
- 2) “Negra para fornicar”: esta frase revela a banalização do corpo afro-brasileiro. Se numa sociedade escravocrata, o escravo é obrigado a provar dos maiores infortúnios que o presente regime lhe impõe, logo há uma facilidade por parte de seus senhores de explorá-lo sexualmente, do mesmo modo que era fácil para Miguel namorar as mulatas do Amazonas.
- 3) “Negra para trabalhar”: nesta frase, faz-se alusão ao histórico de sofrimento de trabalho forçado, cujos resultados são o desgaste físico, a humilhação e a rejeição social, que são categorizados como suplícios a serem infligidos contra a população negra, daí que nos dias atuais os negros continuem a não se destacar no mercado de trabalho.

Este último tópico acaba por ampliar ainda mais os limites da nossa leitura, cuja finalidade era fazer uma reflexão do que a obra literária pode proporcionar enquanto conteúdo documental. Lembrando, é claro, que o gênero ficcional não se compromete em revelar a verdade nua e crua da vida real, ela é apenas um fragmento idealizado e reinventado pelo ficcionista, cujo intuito é dar-nos a ilusão da realidade, bem como o de provocar a reflexão sobre temas contemporâneos de seu criador, os quais, de vez em quando, aparentam serem muitos presentes.

Finalizados a leitura dos trechos, sem mais questionamentos ou problematizações a serem feitas, conclui-se a breve apresentação do que Inglês de Sousa, romancista paraense de Óbidos, tem a oferecer como material literário, lembrando que o mesmo é um dos introdutores do Naturalismo no Brasil, autor de outros três romances: *O Cacaulista*, *História de um Pescador* e *O Missionário*, além de um volume de contos intitulado *Contos Amazônicos*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a linguagem do educador ou do político (e cada vez nos convencemos mais de que este há de tornar-se também educador no sentido mais amplo da expressão), tanto quanto a linguagem do povo, não existem sem um pensar e ambos, linguagem e pensar, sem uma realidade a que se encontrem referidos (FREIRE, 2020b,p. 120-121).

Não se faz educação de qualidade sem o objetivo de formar cidadãos críticos de seu próprio contexto enquanto seres históricos, atuantes no processo de transformação da realidade na qual vivem. Assim como nas ciências humanas (refiro-me especificamente às disciplinas de História, Sociologia e Filosofia), o ensino de Literatura não está isento de ser vitimado pela perspectiva bancária de ensino.

Os resultados obtidos nesta pesquisa corroboram a indispensabilidade de acrescentar aos conteúdos programáticos do ensino de literatura o impulso questionador de interpretar a vida em sociedade, e isto não implica romper com as metodologias já instituídas e cristalizadas no seio da escola, pois, como bem alertava Freire (2020a), a busca pela criticidade se dá pela intencionalidade de superar antigos paradigmas, tanto quanto simplesmente rompê-los.

Neste sentido, até mesmo uma análise objetiva e mecânica, em toda a sua essência impositiva, por vezes inquisidora do saber, se tornou suscetível a reflexões de cunho pessoal por parte do pesquisador, o qual, por sua vez, busca elaborar propostas que não apenas produzam saberes, mas criem as condições necessárias para que elas atinjam o resultado esperado, que neste caso é a formação de leitores críticos.

Entretanto, para despertar o senso crítico é preciso superar as raízes coloniais precursoras do pensamento brasileiro, cujos pressupostos sistematizam de maneira hierárquica os princípios formadores da tradição e da cultura. Esses princípios, no tangente ao ensino de Literatura, são delineados pela influência determinista do cânone literário, peça crucial nas diretrizes que terminam por orientar o gosto artístico do leitor por uma via de mão única no processo de construção de conhecimento.

Desta forma, consideramos cabível investigar na própria essência do cânone literário, uma alternativa saudável para desenvolver leituras socioeducacionais de dois trechos específicos da obra literária, daí a opção pelo o estudo de um clássico

da Literatura Brasileira de inspiração amazônica: o romance *O Coronel Sangrado* (1968), de autoria do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918). Propor a leitura dos escritos de um tradicional ficcionista conterrâneo foi o pontapé inicial para a problematização de temáticas típicas da nossa região, as quais, ao menos uma vez – ou quase sempre – foram de conhecimento mútuo entre os partícipes do processo educativo, partindo sempre do particular para o geral, tratando dos assuntos tradicionalmente regionais para os mais amplos na escala nacional.

Além disso, essa dissertação buscou responder à seguinte questão-problema: Quais discursos ideológicos em torno do patriarcado e da civilização estão presentes no romance *O Coronel Sangrado*? De acordo com os resultados obtidos na análise documental, percebemos que o melhor caminho para conduzir a dialogicidade na pesquisa, ao passo que a criticidade acompanha a problematização da matéria, é aproximando o pesquisador ao texto literário e não impondo a sua leitura. Isto se faz ao trabalhar trechos do romance, dos quais devem ser extraídos temas relevantes para um possível debate, temas que ora concernem a um determinado período, ora são contextuais a nossa época.

Foi por essa razão que optei pela documental, uma vez que, tendo-se em mente que Literatura é nada mais que linguagem, o seu segredo está no jogo ficcional, no qual o analista do discurso tem a missão de desmitificá-lo em suas partes menores na expectativa de encontrar a sua ideologia. A ideologia é, portanto, o item fundamental de onde surgem as inquietações; essa ideologia, tal, parte sempre de uma classe dominante, de um indivíduo cuja visão social de mundo se sobrepõe a do outro, a classe dominada. Deste modo, bastou investigar duas ideologias para conduzir a análise socioeducacional: a do Patriarcado e a da Civilização.

Ressaltamos, porém, que para o objetivo geral deste trabalho, que foi o de analisar duas ideologias presentes no romance **O Coronel Sangrado**: a da Civilização e a do Patriarcado, foi necessário escolher uma concepção de literatura condizente com uma postura dialógica e crítica de Educação, e isto foi uma tarefa árdua, uma vez que a Literatura assume diferentes significados dependendo do contexto ao qual ela se refere. Na educação, especificamente, a Literatura tende a perder uma parte de sua feição artística e passa a expressar um lado mais

escolarizado, pondo em evidência o seguinte questionamento: a Literatura, sendo essencialmente uma arte, se ensina? Para solucionar esta dúvida polêmica, elaborei um capítulo teórico que pudesse problematizar as diferentes visões acerca da arte literária e a sua utilidade em sala de aula como material de ensino. Assim, tive como base teórica os pressupostos de Rildo Cosson (2021), os quais alegam que o ensino de Literatura esbarra em paradigmas cada vez mais específicos que ora limitam ora ampliam o horizonte de significação do monumento literário em sala de aula.

Nessa pesquisa, tratamos de dividir os paradigmas do ensino de literatura em dois setores distintos: um para abordar a perspectiva bancária de educação e ou de perspectiva libertadora. Isto posto, obtive os seguintes resultados: 1) os paradigmas moral-gramatical, histórico-nacional e analítico-textual são remanescentes de uma perspectiva bancária de ensino, por reproduzirem conteúdos meramente ilustrativos tendo como foco a transferência de saberes pré-definidos de um sujeito conhecedor, o docente, a um desconhecedor, o discente, descrevendo claramente os itens típicos da concepção bancária de ensino; e 2) os paradigmas da formação de leitor, social-identitário e do letramento literário são constituintes de uma perspectiva libertadora de ensino, por reconhecerem que por trás da narrativa ficcional, existe uma ideologia atuante, cujo tema gerador podem trazer assuntos relevantes para problematização, constituindo assim uma perspectiva libertadora/transformadora de ensino.

Em síntese, a análise documental feita sobre os dois trechos do romance **O Coronel Sangrado** é parte integrante de uma pedagogia voltada para a problematização no ensino de literatura, por valorizar a sua função política e social, almejando transportar a leitura literária para além do sistema educativo. Deste modo, a Literatura, sendo, acima de tudo, uma arte, quando inserida no posto de disciplina curricular, assume um compromisso em duas frentes: por um lado tem-se o deleite de seu conteúdo artístico, mas por outro tem-se a possibilidade do discente repensar e re-inventar a sua realidade.

Vejamos então a leitura do primeiro trecho, sobre a ideologia do patriarcado, na qual a sua análise se originou de uma proposta metodológica de Freire baseada na dialogicidade. Ora, o tema do patriarcado não foi simplesmente “jogado” para debate, na verdade ele foi uma proposta de problematização que partiu de um elemento em particular, no caso a educação feminina voltada para a domesticação

das mulheres. O diálogo começa na busca de um tema relevante para uma coletividade que busca problematizar situações ainda muito presentes no cotidiano; saber ouvir e conduzir os questionamentos a respeito de um fenômeno que afeta frequentemente a vida em sociedade, principalmente do público feminino, é fundamental para se atingir a criticidade na formação de opiniões.

Uma conclusão obtida por meio dessa proposta de leitura é a impossibilidade de o pesquisador se manter neutro ao tratar de assuntos que afetem negativamente os direitos humanos. Levando em consideração o fato de a educação feminina no século XIX ter sido bastante excludente, não se pode, em hipótese alguma, afirmar que isto é um dado histórico sepultado no passado, o qual, relacionado ao nosso presente, tenha caído no esquecimento ou sido superado. Pelo contrário, as consequências de uma sociedade patriarcal têm seus resquícios nos dias atuais, as quais se refletem nos casos violência contra a mulher, desigualdades de gênero, misoginia, discursos de ódio, etc.

Quanto a ideologia da civilização, o padrão metodológico seguiu o mesmo critério da dialogicidade. A proposta de leitura do segundo trecho adentrou em um assunto mais pesado no que diz respeito à diversidade étnico-racial, bem como as noções de interculturalidade. Neste ponto, a pesquisa deve buscar um espaço plural em que diferentes visões de mundo se aglutinam sob a égide da práxis, esta enquanto atividade conjunta entre ação e reflexão, tal como descrevia Freire (2020a); o pesquisador torna-se agente de problematização e transformação da realidade, na qual se encontram imersas uma variedade de identidades aptas a se expressar em virtude de suas individualidades.

Percebeu-se que o “matuto”, termo geralmente atribuído ao caboco ou tapuio, em razão de sua ingenuidade e baixa formação, é visivelmente a marca distintiva entre o indivíduo urbano e o rural, assim como também diferencia o homem europeu e o nativo da Américas. O discurso proferido pelo estrangeiro português exemplificou historicamente uma manifestação antiga de como se dava o que hoje se conhece por xenofobia. Se no passado o preconceito se estruturava na relação Europa-América, no trecho estudado subentende-se que o preconceito, nos dias atuais, se estendeu às origens particulares do indivíduo em seu próprio território, numa relação “Brasil-Brasil”, o diferencial está no grau de instrução dos atores sociais e das estratégias que os mesmos utilizam para ultrapassar o muro da classe subalterna.

Outro ponto chamativo esteve relacionado ao uso indiscreto do adjetivo “mulata”, utilizada no referido trecho para representar um tipo específico de mulher, não em razão da cor de sua pele, mas sim pela carga semântica dessa palavra. “Mulata”, naquele contexto, significava “mulher namorada”, de personalidade “faceira”, constantemente erotizada e desejada sexualmente. É mister lembrar que essa discussão adiciona ao ato de pesquisar e, por conseguinte, de educar é uma essência política, pois os dados ali colocados em debate não foram lançados aleatoriamente, ao invés disso o assunto é levado à sua desconstrução, analisando o que há nas entrelinhas da frase, desmitificando a sua ideologia, a qual, no referido trecho, era claramente machista.

Em virtude das ideias defendidas nessa dissertação, dos argumentos expostos e dos resultados obtidos por meio do procedimento de leitura socioeducacional, concluiu-se que o ensino de literatura deve ser orientado para os métodos do Letramento literário. Isso quer dizer que a literatura, enquanto objeto de ensino, deve ser apropriada pelos estudantes, essa apropriação se configura pela assimilação do tema proposto, ao mesmo tempo em que o próprio texto cumpre sua tarefa artística.

Ensino e arte são dois polos que necessitam de um diálogo interdisciplinar complacente com as expectativas curriculares, daí a importância de reinventar a educação estando sempre à disposição para tentar melhorá-la. Essa expectativa de melhoramento revela a existência de pontos negativos na execução da disciplina literária, cuja fragilidade principal é a insistência de manter a educação bancária, e foi por esta razão que foi preciso discorrer acerca dos paradigmas do ensino de literatura.

Sobre esses paradigmas, tomamos emprestado um conhecido ensinamento freireano, a de que ensinar exige diálogo, portanto nada melhor que dialogar com diferentes perspectivas metodológicas de cada paradigma e extrair deles elementos úteis para a formação literária. Do mesmo modo, Freire também defende que ensinar exige criticidade, logo a reflexão pedagógica que se faz sobre as diferentes correntes paradigmáticas implica conhecê-los melhor, apontar suas fragilidades e tentar superá-los, porém nunca eliminá-los totalmente. Além do mais, o principal defeito desses paradigmas, como, por exemplo, o moral-gramatical, não está na totalidade de sua matéria educativa, mas naquilo que faltou abordar em sala de aula,

e no caso deste paradigma, faltou exercitar a dialogicidade na relação educador-educando, bem como valorizar a Literatura também como arte a ser desfrutada e não unicamente como saber escolarizado.

Acreditamos que o mais importante a respeito da atitude do pesquisador frente ao uso da obra literária exige o reconhecimento de que a educação é ideológica. O letramento literário, tal como foi explicitado em seu devido tópico deste trabalho, é a ferramenta pela qual o educando pode se apropriar do fenômeno literário, tanto no aspecto educativo como no de fruição. Neste sentido, a ideologia sempre perpassará as linhas dos trechos de qualquer obra; a ficção está na Literatura, a ideologia está nos olhos que a interpretam.

Este estudo, em razão de toda a sua fundamentação teórico-metodológica, não se propôs em nenhum momento ser radical, isso foi um criterioso cuidado tomado desde o início de sua produção. O radicalismo, em um sentido moderado, sugere inicialmente uma transformação por completo dos padrões instituídos historicamente em sociedade, tendo como justificativa uma causa justa e deliberada coletivamente. Todavia, esta pesquisa seguiu a premissa de que para melhorar a educação, especificamente no campo da pesquisa. Sempre buscar a transformação ou a superação, nunca romper radicalmente ou opor-se ingenuamente sem uma objetividade clara.

Assim, essa dissertação é apenas um acréscimo dentro de um conjunto mais amplo dos estudos sobre Educação. É interdisciplinar, porque a Literatura naturalmente absorve todas as áreas do conhecimento, facilitando a recursividade da problematização. É política, pois a finalidade última da investigação de um fenômeno educacional é contribuir com sua transformação na prática, formando leitores críticos e conscientizados. É pedagogicamente Libertadora por causa de sua subversão aos padrões bancários de educação literária, trazendo para a sala de aula, novas ideias metodológicas que incluam a Literatura de inspiração amazônica, tornando a construção do conhecimento uma atividade plural e enriquecedora.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólem, 2019.

ALVES, Mariana de Souza. Concepções de Literatura e formação de leitores em Biblioteconomia e Ciência da Informação: provocações a partir da obra “Paradigmas do ensino de Literatura”, de Rildo Cosson. **Em Questão**. v. 27, n.3, p. 458-469. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <doi: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245273.458-469>>. Consultado em: 21/08/2022.

ASSIS, J. M. Machado de. Helena. Martin Claret, 2013.

BARTHES, **Aula**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução: Mario Laranjeira. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 28/11/2022

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e Educação**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022016420100400>>. Acesso em: 12/07/2022.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CARDOSO, Jerónimo. **Dictionarivmlatinolivsitanicolatinvm**. [Coimbra]: Ion. Barrerius, 1570. [Versão on-line disponível na biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/14265> - acesso em 29/08/2022.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de Literatura**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CUNHA, Patrícia da Silva Simões; Paiva, Jéssica de Souza. **A erotização da mulata na cultura brasileira**. Anais V Enlaçando. 2017. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30397>.
26/08/2022.

Consultado em:

DURÃO, Fábio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura**: a sala de aula como acontecimento. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2022. (recurso eletrônico).

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução Silvana Vieira; Luís Carlos Borges. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2019 (recurso eletrônico).

EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. II. Formação do Estado e Civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, UNB, 2001.

FARES, Josebel Akel. O não lugar das vozes literárias da Amazônia. **Revista Cocar**, v. 7, n.13, p. 82-90. Belém: UEPA, 2013.

FAUSTO, Boris (org). **História Geral da Civilização Brasileira III**. O Brasil Republicano 2: Sociedade e instituições (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1986.

FRANCHETTI, Paulo. **Sobre o Ensino de Literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 52ª Ed. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – Teoria e prática da libertação**: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução: Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação para a Liberdade e outros escritos**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GAY, Peter. **Represálias Selvagens**: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GEDRAT, Doris Cristina. Análise do discurso. *In*: FLÔRES, O. (Org.); KARNOPP, L. B.; GEDRAT, D. **Teorias do texto e do discurso**. Canoas (RS): Editora da ULBRA, 2008. p. 123-161.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JAPIASSU, Hiltom. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Trad: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Marcus Vinnicius Cavalcante. **Cenas da Vida Amazônica**: Ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa. Belém: UNAMA, 2002.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: História da Opressão das Mulheres pelos Homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019 (recurso eletrônico).

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

LOBATO, Márcia Daniele dos Santos. **Texto e Pretexto**: tessituras sensíveis da fruição das poéticas amazônicas. Belém, Pará: Universidade do Estado do Pará 2018 (dissertação de mestrado).

LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**: elementos para uma análise marxista. 20ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEIRA, Clóvis; Ildone, José; Castro, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**: 4º volume. Antologia. Belém: CEJUP, 1990.

MÉLO, Lúcia; RODRIGUES, Denise Simões. Estudo sobre análise do discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental. Santa Maria, RS: **Revista do Centro de Educação**, v. 45, 2020.p. 1-21. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34018>>. Acesso em:12/07/2022

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. 23ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**, volume II: Do Realismo à Belle Époque. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MOREIRA, M. E. Cânone e Cânones: Um Plural Singular. **Letras**, (26), 89–94. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511883>. Consultado em 01/12/2022.

NUNES, Paulo. **Úterode Areia, um estudo do romance “Belém do Grão Pará”, de Dalcídio Jurandir**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007 (tese de doutorado).

RAMOS, Duílio. **História da Civilização Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1961.

REIS, Arthur César Ferreira. **História de Óbidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.

RODRIGUES, Denise Simões. O caboco como ator social e político em Inglês de Sousa. In: TUPIASSU, Amarílis (Org.). **Escritas Literárias e outras estéticas**. 2ª ed. Belém: UNAMA, 2008.p. 159-174.

RODRIGUES, Denise Simões. Heroísmo e Vingança: A Amazônia revolucionária de Inglês de Sousa. **Antares**. Universidade de Caxias do Sul. UCS: 2013.p. 247-262. Disponível em: <<https://silo.tips/download/heroismo-e-vingana-a-amazonia-revolucionaria-de-ingles-de-sousa>>. Acesso em: 12/07/2022.

RODRIGUES, Denise Simões. Por uma leitura das identidades culturais na Amazônia nos romances de Inglês de Sousa e Dalcídio Jurandir. In: CAMELO, Marco Antônio da Costa(Org.).**Sociedade e saberes na Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2018.p. 119-138.

RODRIGUES, Denise Simões. **Revolução Cabana e Construção da Identidade Amazônica**. Belém: EDUEPA, 2019.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da Educação: Reflexões e Debates**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Epistemologia e Educação: Bases conceituais e racionalidades científicas e históricas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SALOMON, Dêlcio Vieira. O método do estudo eficiente. *In*: SALOMON, Dêlcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. Preparação dos originais Mitsue Morisawa. 11ª ed. São Paulo; Martins Fontes, 2004. p. 31-47.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. **O Coronel Sangrado**. Belém, PA: EDUFPA, 1968.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. **O Cacaulista**. Belém, PA: EDUFPA, 1973.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. **Contos Amazônicos**. 2ª ed. Belém, PA: EDUFPA, 2005.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. **História de um Pescador**. 2ª ed. Belém, PA: EDUFPA, 2007.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. **O Missionário**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

VARELA, José Marajó. **Breve história da Amazônia Marajoara**: ensaio decolonial acerca da amazonidade. Belém-PA: Ed. Amazonica Bookshelf, 2020.

VASCONCELOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. *In*: **Revista de Educação AEC**. Brasília: abril de 1992, n. 83. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>. Acesso em 27 de janeiro, 2023.

VIEIRA, Josênia Antunes. As abordagens críticas e não-críticas em análise do discurso. *In*: SILVA Denise E. G. & VIEIRA J. A. (Org.) **Análise do Discurso**: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: UNB. Oficina Editorial do Instituto de Letras; Ed. Plano, 2002.

VERÍSSIMO, José. **Estudos Amazônicos**. Belém: UFPA, 1970

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. Curitiba, Paraná: **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189130424009.pdf>>. Acesso em: 12/07/2022.

ŽIŽEK, Slavoj. Introdução: o espectro da ideologia. *In*: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 7-38.



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo**

